

O experienciar da arquitetura religiosa

Mosteiro de Oseira e Convento do Louriçal



Mafalda Margarida Campos Nunes de Freitas

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura

Sob a orientação do Professor Doutor José Fernando Gonçalves

Departamento de Arquitetura — FCTUC

Coimbra, Fevereiro 2017

O experienciar da arquitetura religiosa

Mosteiro de Oseira e Convento do Louriçal

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor José Fernando Gonçalves, pela paciência e disponibilidade dispensadas ao longo do trabalho.

Ao Padre Superior Alfonso, pela amabilidade em me receber e por partilhar os seus pensamentos comigo.

À Irmã María del Tránsito, pela sua simpatia e companhia maternal durante a minha estadia em Oseira.

À Madre Superiora Maria de Fátima, pela autorização em ver um mundo que não é visível para ninguém.

À Raquel e à Sara, por serem os meus pilares, por toda a ajuda que me deram e por não me deixarem desistir.

Aos meus amigos e colegas, por serem os meus companheiros e aturarem as minhas maluqueiras.

À avó Mena, a quem devo muitas histórias.

Aos meus irmãos Nuno, Sara e Salomé, por serem únicos e por serem os meus camaradas nesta e noutras viagens.

E, finalmente, aos meus pais, pelo apoio incondicional, pelo incentivo em dar o meu melhor, pela compreensão quando não o consegui, por serem a minha inspiração. Por me darem o que podem e o que não podem e por todo o esforço que fizeram para me tornar no que sou hoje.

Obrigada a todos por terem contribuído da melhor forma possível durante o caminho percorrido até aqui. A vocês dedico esta dissertação em reconhecimento do seu amor e da sua verdadeira amizade.

Pensados para serem pequenas cidades divinas, os mosteiros e os conventos, enquanto construções extremamente organizadas permitem que comunidades religiosas possam estar em ligação com o Divino através do isolamento e do silêncio. O propósito desta dissertação vai no sentido de perceber o modo como os seus espaços interiores influenciam e determinam a vida das pessoas que os habitam. A ordem, o silêncio e a simplicidade destes edifícios foram os principais motivos que levaram ao desejo de estudar o tema *O experienciar da arquitetura religiosa: Mosteiro de Oseira e Convento do Louriçal*. A escolha da religião cristã deve-se não só ao facto de ser a mais influente e com maior número de crentes em Portugal, mas também pela extensa herança que nos é deixada e que continua a interrogar o curioso.

Assim, neste trabalho aborda-se a origem do esquema monástico e a forma de vida dentro dos seus muros. Apresentam-se, como exemplos históricos, os edifícios considerados mais relevantes para a interpretação dos objetos de investigação. A vontade de tornar a viagem numa aprendizagem e experiência pessoal viabilizou-se com a visita e estadia nos edifícios escolhidos para os casos de estudo, a saber, um mosteiro cisterciense em Espanha, o *Mosteiro de Santa María La Real* de Oseira, e um convento de clarissas em Portugal, o *Convento do Desagravo do Santíssimo Sacramento* do Louriçal. Em jeito de conclusão, dá-se importância à relação das sensações com a arquitetura religiosa, no que se refere ao mosteiro e ao convento analisados.

Fica evidente que a viagem é uma experiência rica e imprescindível para se compreender todas as complexidades de um lugar. Este trabalho almeja apenas lembrar que a recorrência aos sentidos e às memórias de experiências marcantes e significativas são inspirações constantes nos projetos de arquitetura contemporânea, como forma de afirmação e prolongamento do passado.

Palavras-Chave: Arquitetura Religiosa, Mosteiros, Viagem, Experiência, Sensações

ABSTRACT

Created to be small divine cities, monasteries and convents, as highly organized constructions, allow the religious communities to be in a close relation to the Divine, through isolation and silence. The purpose of this dissertation is to understand how their inner spaces influence and determine the lives of the people who inhabit them. The order, the silence and the simplicity of these buildings were the main reasons that led to the desire to study the theme *O experienciar da arquitetura religiosa: Mosteiro de Oseira e Convento do Louriçal* (*The experience of religious architecture: the Monastery of Oseira and the Convent of Louriçal*). The choice of the Christian religion is due not only to the fact that it is the most influential and widely followed in Portugal but also because of its broad heritage, which constantly questions those uncommitted souls.

Thus, this work describes the beginnings of the schematic and enclosed monastic way of life, and the buildings considered most relevant for the interpretation of artifacts are used as a reference. The desire to make the journey a learning and personal experience was made possible by visiting and staying in a Cistercian monastery in Spain, the *Mosteiro de Santa María La Real* in Oseira, and a Clarissa's convent in Portugal, the *Convento do Desagravo do Santíssimo Sacramento* in Louriçal. In conclusion, importance is given to the connection with the religious architecture found within monasteries and convents.

It is evident that the journey is a rich indispensable experience to understand all the complexities of a unique place. This work reminds us that the recurrence to the senses and the memories of significant and remarkable experiences are constant inspirations in contemporary architecture projects, as a form of affirmation and extension of the past.

Keywords: Religious Architecture, Monasteries, Travel, Experience, Sensations

INTRODUÇÃO	2
Contexto temático	4
I. O MOSTEIRO COMO PROGRAMA FUNCIONAL E SIMBÓLICO	10
Mosteiro e envolvente	16
Regras, vida e origem do esquema monástico beneditino	20
Arquitetura cisterciense - a nova ordem	24
. A PLANTA IDEAL	
As ordens mendicantes e os pecados da cidade	34
II. A EXPERIÊNCIA	42
A importância do experienciar a obra. O caso do Convento La Tourette	44
Mosteiro de Santa María La Real de Oseira [Ourense, Espanha]	56
. VIAGEM E INTERPRETAÇÃO PESSOAL	
Convento do Desagravo do Santíssimo Sacramento [Louriçal, Portugal]	100
. VIAGEM E INTERPRETAÇÃO PESSOAL	
III. SENSACÕES E ARQUITETURA RELIGIOSA	118
A percepção do espaço	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
BIBLIOGRAFIA	148
Fontes	
CRÉDITOS	160
Imagens	
ANEXOS	170
Alçados e corte longitudinal do Mosteiro de Oseira [Ourense, Espanha]	
Planta incompleta do piso 0 do Convento do Louriçal [Louriçal, Portugal]	
APÊNDICE	182
À conversa com o Padre Superior Alfonso Lora Astudillo do Mosteiro de Oseira	

INTRODUÇÃO

*La arquitectura es el arte de la reconciliación entre nosotros y el mundo, y esta mediación tiene lugar a través de los sentidos.*¹

Na dissertação final, fazia sentido estudar um tema motivador que, apesar de já ter sido explorado, continua a parecer bastante pertinente. Sendo assim, pretende-se fazer uma reflexão sobre o modo como os edifícios monástico-conventuais influenciam e determinam a vida das pessoas que os habitam. O propósito desta dissertação vai no sentido de perceber se os seus muros privam os religiosos do *mundo real* e, nomeadamente, de uma vida plena de sensações. Como é que esses espaços interiores permitem a vivência dessas sensações, considerando que são *pequenas cidades*² para os que lá residem? Procurou-se perceber que o bem-estar dos habitantes destes edifícios passa pelo equilíbrio com o meio envolvente.

¹ *A arquitetura é a arte da reconciliação entre nós e o mundo, e esta mediação acontece através dos sentidos.* - Pallasmaa, J. (2006). *Los ojos de la piel: la arquitectura y los sentidos*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, p. 72

² *A Cidade em termos arquitectónicos pode ser interpretada como uma coexistência. É constituída por inúmeras relações complexas entre aquilo que a compõe tanto materialmente como imaterialmente, sendo umas vezes de submissão, outras de reacção. A cidade é possuidora de uma estrita relação com a sociedade que a habita seja ela uma cidade no verdadeiro sentido do termo seja ela uma microcidade como é o caso do mosteiro (este último pode ser também potenciador e gerador de cidade), mas a cidade também pode ser um ideal.* - Martins, A. M. T. (2006). Espaço Monástico: da Cidade de Deus à Cidade do Homem. In *Estudos em Homenagem ao Prof. Doutor José Amadeu Coelho Dias*. (Vol. 1, pp. 85-108). Porto: Edição FLUP, p. 86

los ojos de la piel
juhani pallasmaa

GG

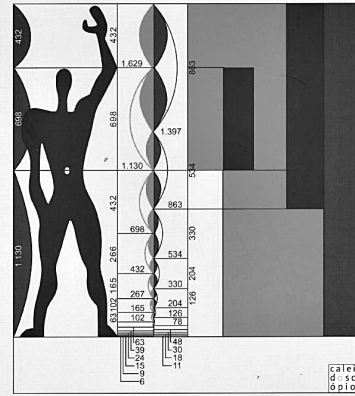
Peter Zumthor **Atmosferas**



GG

1. Capa de *Los ojos de la piel* - J. Pallasmaa, 2006
2. Capa de *Atmosferas* - P. Zumthor, 2006
3. Capa de *Viver a Arquitectura* - S. E. Rasmussen, 2007

viver a arquitectura STEEN EILER RASMUSSEN



galeri
g & c
opio

Pensados para serem uma *fuga mundi*, os mosteiros e os conventos não admitem espaço para futilidades e distrações. Sendo autossuficientes, estas construções extremamente organizadas, sujeitas a regras e votos rigorosos, permitem que as comunidades religiosas possam *salvar* a sua vida através do isolamento, ascendendo assim a um patamar superior, mais próximo do Divino.

Nestas construções, onde previsivelmente não há lugar para qualquer tipo de sensações desviantes daquilo que é a verdadeira missão dos religiosos, tornou-se necessário fazer uma experiência pessoal, enquanto visitante, dentro dos mesmos moldes que a fazem os próprios religiosos: no isolamento das paredes do mosteiro, experimentar o Divino.

Juhani Pallasmaa, Peter Zumthor e outros arquitetos, perceberam a importância da relação dos sentidos humanos com o espaço nas obras arquitetónicas. *Los ojos de la piel* de Pallasmaa, *Atmosferas* de Zumthor e *Viver a Arquitectura* de Steen Eiler Rasmussen foram livros que se revelaram bastantes úteis neste estudo para compreender a relação que o Homem tem com o espaço e a importância de tocar a obra.

Neste sentido, a dissertação divide-se em três partes. No primeiro capítulo, reflete-se sobre o mosteiro enquanto local ideal para a vida religiosa, cujo propósito de construção era tornar-se uma espécie de cidade divina onde tudo estava ordenado e pensado ao pormenor, pois pretendia dar resposta a uma das aspirações mais profundas do ser humano: a procura da perfeição. Neste sentido, aborda-se a origem do esquema monástico, a contextualização dos mosteiros e dos conventos no meio envolvente, a espiritualidade e a forma de vida dos monges. Ainda nesta primeira parte, apresentam-se, como exemplos históricos, os edifícios considerados mais relevantes para a interpretação dos casos de estudo.

No século IX, o plano de *St. Gallen* surgiu como exemplo perfeito e ideal de organização de um mosteiro, mas como não foi construído até ao fim, acabou por se tornar uma utopia. Também é referida a arquitetura de *Cluny*, que aspirava ser uma nova Jerusalém. Contudo, no século XII, aproveitando a decadência moral dos cluniacenses, nasceu uma nova ordem - Ordem de Cister - como uma reforma da ordem beneditina e reação ao desmazelo da Ordem de Cluny. Assim, foi fundada a abadia de *Cîteaux*, o *novum monasterium*, considerada por muitos como uma ofensa a *Cluny*, pois a espiritualidade cisterciense caracterizava-se pelo regresso às origens e à pureza da Regra de São Bento. No entanto, o impulso decisivo chegou com a fundação de *Clairvaux*, cuja arquitetura se baseou na austeridade e sobriedade ascéticas que São Bernardo desejou. Neste sentido, foi possível então criar-se um modelo de organização interna, que funcionava do mesmo modo quase em todos os mosteiros, onde a forma, as proporções e a localização dos espaços foram desenhados com precisão, com o objetivo de aproximar os monges de Deus.

No entanto, no século XIII, o surgimento das ordens mendicantes - dominicanos e franciscanos - levou a que as formas arquitetônicas acolhessem um novo sentido que, por sua vez, transmitia uma nova simbologia e uma mensagem de abertura face à sociedade. Termina-se este capítulo tendo presente a ideia de que foi devido ao desinteresse pela aparência e organização arquitetônica que o esquema monástico cisterciense foi adaptado aos conventos das ordens mendicantes, pois deixavam de ser fortalezas onde ninguém podia entrar para se tornarem lugares de pregação do Evangelho e daí se concentrarem preferencialmente dentro da malha urbana.

Existe, por vezes, a tendência para estudar projetos de arquitetura a partir de textos, fotografias ou desenhos. Embora ao longo do curso isto tenha acontecido, agora, no final do percurso académico, entende-se que a imagem por si só se torna muito limitada, pois não desperta as mesmas sensações do que uma visita real ao edifício. É com esta problemática do experienciar a obra que se inicia o segundo capítulo, surgindo uma breve referência ao Le Corbusier, uma vez que através das memórias de uma viagem, conseguiu construir uma arquitetura contemporânea inspirada no passado. Seguem-se os relatos de viagem e a descrição das experiências pessoais das obras que visitei, a saber, o *Mosteiro de Santa María La Real*, em Oseira, e o *Convento do Desagravo do Santíssimo Sacramento*, no Louriçal, concretamente, um mosteiro da Ordem de Cister e um convento da Ordem de Santa Clara - a Segunda Ordem Franciscana -, apresentando-se como casos de estudo relativamente ao que é descrito no capítulo anterior.

Por último, e em jeito de conclusão, analisa-se a forma como é percecionado o ambiente envolvente, dando-se realce à relação das sensações com a arquitetura religiosa, no que se refere aos casos de estudo.

Fica evidente que a viagem é uma experiência rica e imprescindível para se compreender todas as complexidades de um lugar. Este trabalho almeja apenas lembrar que a recorrência aos sentidos e às memórias de experiências marcantes e significativas são inspirações constantes nos projetos de arquitetura contemporânea, como forma de afirmação e prolongamento do passado. É a oportunidade de ver por dentro os edifícios e o consequente relato da experiência pessoal que transmitem um carácter de individualidade e originalidade a esta dissertação.

Com o estudo deste tema pretende-se traçar um caminho que oriente futuramente a forma de olhar para a arquitetura. Os arquitetos vão armazenando saberes e vivências do mundo, encontrando, nos conceitos do passado, as fontes de inspiração para os futuros projetos. Por mais subjetivo e superficial que este trabalho possa estar, o tema conduziu-me a locais inesperados e a estados de espírito únicos, que influenciarão, certamente, o meu futuro enquanto arquiteta.

I.

O MOSTEIRO COMO PROGRAMA FUNCIONAL E SIMBÓLICO

I. O MOSTEIRO COMO PROGRAMA FUNCIONAL E SIMBÓLICO

O encanto maior da arquitectura dos mosteiros é que são todos iguais e todos diferentes. Todos têm mais ou menos o mesmo tipo de planta, mais ou menos as mesmas divisões desempenhando as mesmas funções. É como um jogo: as regras são sempre as mesmas, as peças não mudam, mas cada partida é diferente porque diferentes são os jogadores, as ocasiões em que se joga, os sítios onde o jogo se desenrola. Assim sucede com os mosteiros, somos sempre surpreendidos pelo modo como, naquele local em particular, frades, freiras, arquitectos, dispuseram as peças no tabuleiro do jogo e jogaram a sua partida.³

Já lá vão tempos longínquos em que homens e mulheres isolados do mundo, fechados dentro das paredes de um mosteiro e dedicados à busca de Deus, tiveram uma enorme influência sobre a sociedade, tanto a nível religioso como cultural. Estas pessoas tiveram a capacidade de aliar a *fuga mundi*⁴ ao seu papel económico e até político de uma cidade. Desejavam mudar o mundo e aproximá-lo do Divino, apostolizando a sociedade que vivia pobremente e desprovida de luxos. No entanto, talvez se quisessem melhorar a eles próprios primeiro dentro do seu mosteiro para então poderem melhor servir os outros, mas também para se aproximarem ainda mais de Deus.

³ Gomes, P. V. (2005). Organização e forma dos mosteiros em Goia. In *Conjuntos Monásticos*. (In Marques, A. R. (2014). *O claustro enquanto lugar: A reabilitação como motor da vivência*. (Dissertação de Mestrado em Arquitectura), Universidade de Lisboa, p. 11)

⁴Do latim, *fuga do mundo*

As arquiteturas monásticas, impulsionadas por monarcas e membros da sua família, tornaram-se símbolos do seu poder e da sua autoridade, que, sob o olho de abades e priores, foram exemplos admiráveis, e quase únicos, da construção de cada época, brilhando pela execução clara e ordenada de um programa rigoroso.

Por vezes, o desconhecimento destes organismos monásticos deve-se à incompreensão da vida dos monges, do seu plano de vida e das suas regras. Ao longo da História, a vida religiosa teve sempre como principal missão servir a Deus junto de uma comunidade afastada do mundo, ideia esta que se observa desde o início do monaquismo até à atualidade.

Os mosteiros representavam uma vontade de reunião com aqueles que pretendiam seguir o mesmo caminho religioso e, assim, viverem uma vida de devoção, contemplação e isolamento. A forma e os meios para o conseguirem espelham o carácter de cada uma das ordens religiosas, que se manifestou no decorrer dos séculos e nos diversos estilos dos seus edifícios.

Ao fundarem uma nova ordem, os religiosos tinham como objetivo gerar uma postura diferente perante a vida e uma nova religiosidade através das suas regras. A arquitetura dos mosteiros tinha de estar em conformidade com as regras e com essa nova forma de espiritualidade, que foi sendo alterada ao longo dos tempos. Ou seja, a ordem estabelecida no seu interior transparecia para o mundo exterior.

Neste sentido, a existência de uma construção para a comunidade se estabelecer, com as condições necessárias à sua sobrevivência, tornou-se crucial. O mosteiro nasceu como o local ideal para a vida religiosa, com o intuito de se assemelhar à *Civitas Dei*⁵, uma cidade ordenada e legislada por Deus, uma conciliação entre a Babilónia terrestre e a Jerusalém celeste. Assim, o monaquismo pretende dar resposta a uma das aspirações mais profundas da alma dos homens: a busca da perfeição.

⁵Do latim, *Cidade de Deus*. *A cidade é a evocação de um mundo estruturado, racional, mas também é possuidora de uma ordem consciente, planeada, assim como de uma organização convergente para um fim, neste caso a salvação, que se opõe a uma natureza desgovernada, lugar de contradições*. - Martins, A. M. T. (2006). Espaço Monástico: da Cidade de Deus à Cidade do Homem. In *Estudos em Homenagem ao Prof. Doutor José Amadeu Coelho Dias*. (Vol. 1, pp. 85-108). Porto: Edição FLUP, p. 86



4.

Excerto da Regra de São Bento

Apesar da vida religiosa ter sido baseada na Regra de São Bento, aquela foi sendo alterada devido às diversas missões que eram exigidas pelas novas cidades e mosteiros. Estes, além de servirem de residência de príncipes e reis, dominavam e administravam extensos territórios. Eram autênticas fortalezas e muitos foram aqueles que se aproveitaram tanto do poder espiritual do Cristianismo e da vigilância dos monges, como da natureza defensiva destas arquiteturas de pedra.

A localização geográfica e o apoio dos príncipes eram fatores que determinavam a notabilidade e o poder de cada mosteiro. Todos aqueles que eram importantes politicamente encontravam-se situados em lugares solitários e estonteantes, onde a natureza dominava - montanhas, vales, cursos de um rio ou ilhas. Os monges conseguiram usufruir bem das paisagens inexploradas para construir os seus edifícios, ao aproveitarem inteligentemente a topografia. Assim, estas arquiteturas monumentais eram muitas vezes maiores que cidades ou aldeias, somente equiparáveis a castelos ou palácios.

A preferência do local para construir um cenóbio não dependia só do seu significado simbólico nem da relação que tinha com o céu e a terra, o sagrado e o profano, mas também da ordem religiosa que o ia habitar. Na Idade Média, ouvia-se uma conhecida estrofe latina que declarava:

*Bernardus valles, montes Benedictus amabat,
Oppida Franciscus, celebres Dominicus urbes.*⁶

⁶ *Bernardo amava os vales, Bento as montanhas, Francisco as povoações, Domingos as cidades populosas.* - Le Goff, J. (1996). *As ordens mendicantes.* In Berlioz, J., *Monges e religiosos na Idade Média.* (pp. 227-239). Lisboa: Terramar, p. 227



5.
El Escorial, Espanha - proj. Juan Bautista de Toledo e Juan de Herrera, 1563

6.
A Rendição de Granada - pint. F. Pradilla y Ortiz, 1882

7.
A torre de *Cluny*, Borgonha - 909

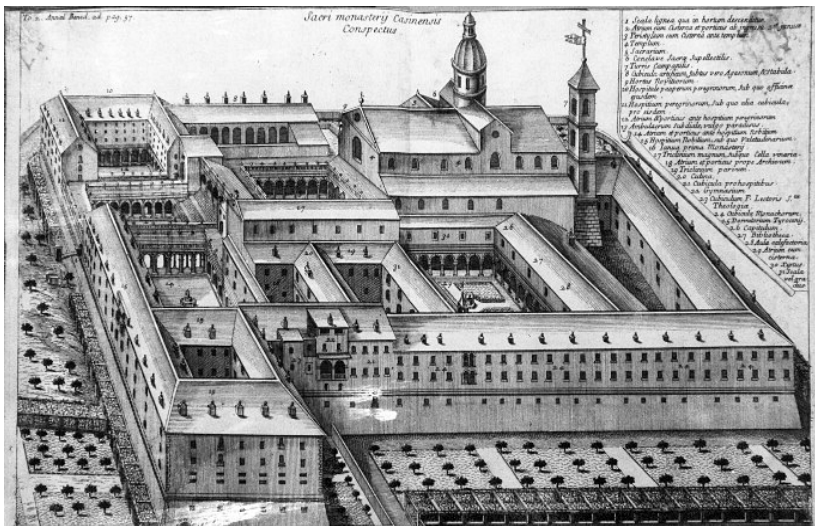


Por um lado, havia a relação do monaquismo beneditino e cisterciense com a natureza e a solidão, e por outro a relação das ordens mendicantes – franciscanos e dominicanos, que não eram monges – com as cidades e a população que vivia nelas.

Muitos mosteiros chegaram a ser um atrativo alojamento para imperadores e reis, durante as suas viagens. Utilizavam-nos frequentemente como residência, sobretudo em Espanha, que sempre fora um país de reis e no qual o *El Escorial* foi o auge de toda esta evolução, onde um mosteiro se converteu em palácio real e um palácio real em mosteiro.

Não existiu nenhuma outra região da Europa onde a monarquia tivesse conseguido a mesma influência global. Isto deve-se ao facto de os reis espanhóis, nomeadamente os Reis Católicos, D. Isabel I de Castela e D. Fernando II de Aragão, terem sido os mais importantes patrocinadores da Reconquista, nas últimas décadas do século XV. De onde se escorraçava o Islão, nasciam novos mosteiros construídos para a estabilidade religiosa e militar dos territórios conquistados. Muitos deles eram inclusive fortalezas ou residências.

Era a abundância destes estabelecimentos monásticos que conferia grandeza e prestígio a qualquer cidade. As igrejas e os conventos erguiam-se majestosamente e destacavam-se ao longe. Na Era Medieval, a Igreja teve uma influência enorme sobre a cultura e, por consequência, sobre a arquitetura. A busca pelo Divino levou o mosteiro a ocupar o primeiro lugar entre os edifícios monumentais das cidades daquele período. As proporções descomunais da igreja de *Cluny*, por exemplo, faziam dela a maior e a mais importante igreja do Cristianismo, querendo exatamente espelhar esse império monástico e autónomo.



8.
Plano da abadia de *Monte Cassino* antes das batalhas da 2ª Grande Guerra - séc. VI



9.
Monte Cassino - atualidade

Só é possível entender-se um mosteiro conhecendo a respetiva regra monástica e imaginando as ideias ascéticas dos monges.

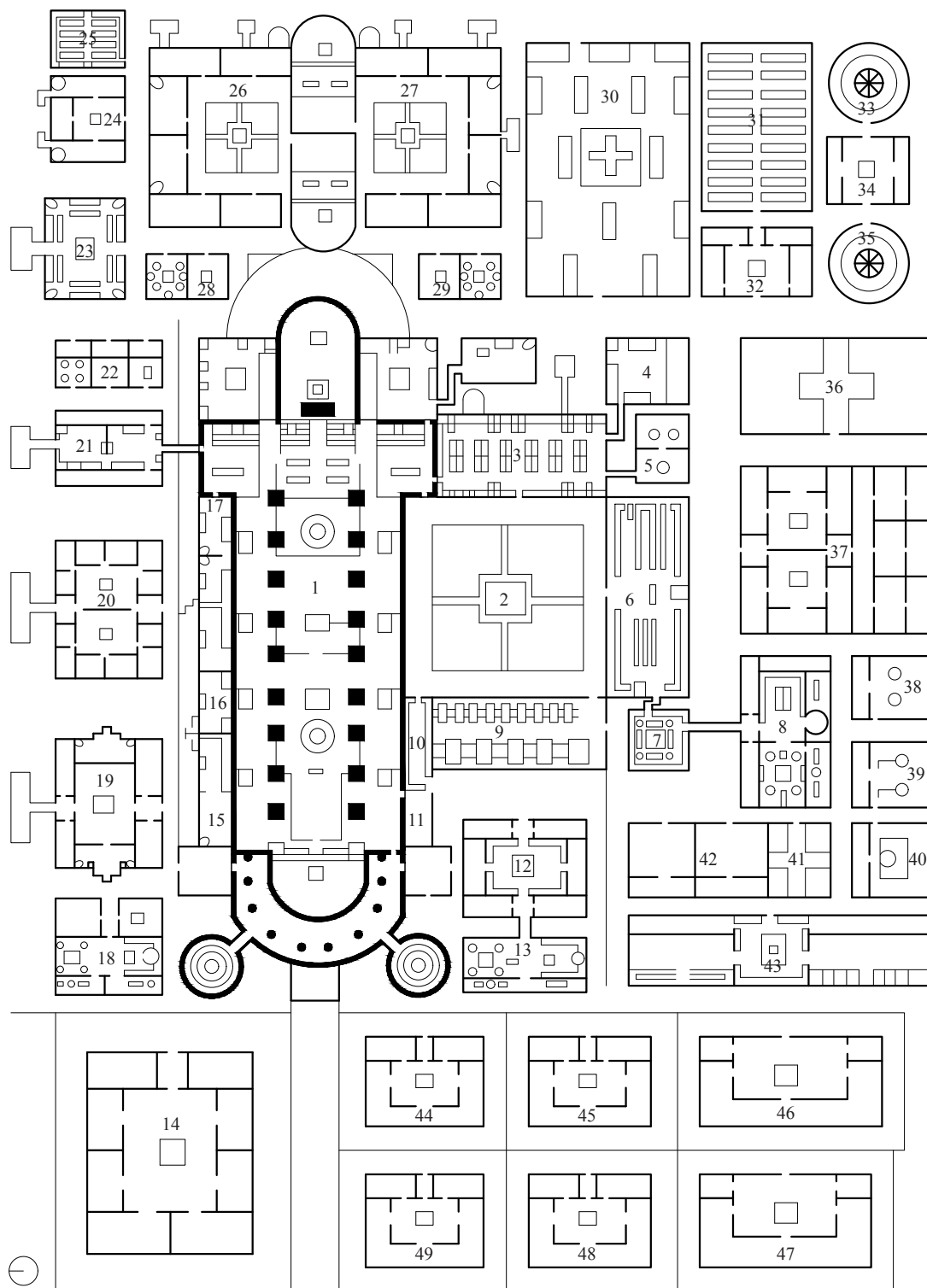
No Ocidente, o movimento monástico predominou sob a forma de cenóbios – do grego *koinobion*, que significava vida em comum⁷. Os monges viviam reunidos num conjunto de edifícios ao qual chamavam mosteiro. Este era um universo de tranquilidade e de esperança para aqueles que se queriam refugiar de um mundo caótico e, ao mesmo tempo, procurar uma relação mais próxima com Deus, o que, por si só, presumia uma rutura com a realidade exterior. Dentro dos muros do mosteiro, era imprescindível que estivessem asseguradas as necessidades básicas para se viver: água, moinho, horta e oficinas de trabalho.⁸ Os monges governavam-no, segundo as regras e os votos evangélicos, e equilibravam a sua vida entre a oração e o trabalho diários.

Os mosteiros tornaram-se em representações das regras monacais e do espírito de cada ordem religiosa, resultando em estilos artísticos diversos. A dignidade e o asceticismo das construções dos cistercienses e cluniacenses caracterizaram o período românico, ao passo que os franciscanos e os dominicanos deram origem à arquitetura gótica.

Cerca do ano 529, de todas as regras há uma que prevalece, a beneditina, sugerida por São Bento de Núrsia, fundador da famosa abadia de Monte Cassino. A regra beneditina caracterizava-se por ser ponderada, flexível e equilibrada.

⁷ Berlioz, J. (1996). *Monges e religiosos na Idade Média*. Lisboa: Terramar, p. 5

⁸ Braunfels, W. (1975). *Arquitectura monacal en occidente*. Barcelona: Barral Editores, p. 15



1 Igreja | 2 Claustro | 3 Sala dos monges (*calefactorium*) | 4 Latrinas | 5 Banho | 6 Refeitório | 7 Cozinha | 8 Padaria e cervejaria (monges) | 9 Celeiro | 10 Locutório | 11 Dependência do encarregado dos pobres | 12 Albergue de pobres e peregrinos | 13 Padaria e cervejaria | 14 Dependências dos criados dos hóspedes | 15 Portaria | 16 Alojamentos dos mestres-escola | 17 Recepção dos monges viajantes | 18 Serviços da hospedaria | 19 Hospedaria de nobres | 20 Escola | 21 Casa do abade | 22 Dependências do abade | 23 Casa da sangria | 24 Casa dos médicos | 25 Jardim medicinal | 26 Enfermaria | 27 Noviciado | 28 Cozinha e banho da enfermaria | 29 Cozinha e banho do noviciado | 30 Cemitério-jardim | 31 Horta | 32 Casa do jardineiro | 33 Gansos | 34 Vigilante das aves | 35 Galinheiro | 36 Fazenda | 37 Oficinas | 38 Forno de carvão | 39 Moinho | 40 Forno para frutos | 41 Moinho para a cerveja | 42 Oficina de tanoeiros e ferreiros | 43 Éguas e cavaleiros | 44 Ovelhas e pastores | 45 Cabras | 46 Vacas e vaqueiros | 47 Burros e cavalos | 48 Porcos | 49 Agricultores

10.

Planta do mosteiro beneditino de *St. Gallen*, Suíça - Rev. R. Willis, 830

A uma vida perfeita também tinha de corresponder um mosteiro perfeito. Deste modo, os monges tentavam sempre alcançar a perfeição funcional, daí terem meditado tanto sobre a relação entre a forma e a função: *para além de toda a sua carga simbólica o mosteiro é um local funcional onde tudo tem a sua justificação e se insere no seu lugar pois o mosteiro é um local de habitação dos Homens mas também de Deus.*⁹ Talvez por isso os próprios abades se tivessem tornado nos construtores dos seus mosteiros, sendo alguns até mais notáveis do que qualquer arquiteto.

A organização do dia a dia em diversas atividades e segundo um horário fixo exigia edifícios próprios para meditar, falar, dormir, comer, trabalhar e lavar, sendo que as últimas três tinham um significado simbólico que se refletia na arquitetura.¹⁰ A igreja, a casa de Deus e onde se lia o Evangelho, devia ser a maior construção e também a mais faustosa do mosteiro.

Sendo a Regra o principal tema de meditação dos monges, houve necessidade de se criar um local destinado para tal: a sala do capítulo, que começou a surgir por volta do século XI nos mosteiros beneditinos e que ocupava o segundo lugar na hierarquia dos edifícios monásticos, logo a seguir à igreja. A arquitetura da sala ficou desde sempre conhecida pelo seu luxo e decoração.

Estranhamente não é o claustro que ocupa a terceira posição na hierarquia dos espaços, mas sim o refeitório. O ritual de comer converteu-se numa alegoria, frequentemente comparada com a Última Ceia.

Outras construções que retratavam o Evangelho, quer fosse pela sua forma, materialidade ou janelas, eram a fonte onde se lavavam os monges, o claustro no qual meditavam e o dormitório. Dava-se igualmente importância aos edifícios para os hóspedes e para o cuidado de enfermos.

No esquema do mosteiro beneditino de *St. Gallen* do século IX, surgem já perfeitamente organizados o templo com o claustro a Sul e, em torno deste, o dormitório, o refeitório, a cozinha e o celeiro. Simultaneamente, exterior ao claustro, encontravam-se desenvolvidos a casa do abade, os edifícios para os doentes e médicos, as oficinas e outros espaços auxiliares.

Contudo, este plano perfeito e ideal não foi construído até ao fim, acabando por se tornar uma utopia, na qual as ideias ascéticas de São Bento não chegaram a concretizar-se, pelo menos na sua totalidade. Ainda assim, graças a isso, foi possível criar-se um modelo de organização interna que viria a influenciar mosteiros vindouros.

⁹ Martins, A. M. T. (2006). Espaço Monástico: da Cidade de Deus à Cidade do Homem. In *Estudos em Homenagem ao Prof. Doutor José Amadeu Coelho Dias*. (Vol. 1, pp. 85-108). Porto: Edição FLUP, pp. 90-91

¹⁰ Braunfels, W. (1975). *Arquitectura monacal en occidente*. Barcelona: Barral Editores, p. 17



11.
Chuny, Borgonha - antes da destruição
provocada pela Revolução Francesa

Na Idade Média, o império de *Cluny* tinha-se tornado vastíssimo ao ponto de quase todos os mosteiros estarem sob o seu domínio. Se inicialmente a sua arquitetura grandiosa refletia as aspirações de se tornar uma nova Jerusalém, no século XII os excessos dos cluniacenses levaram as pessoas a interrogarem-se sobre o modo de vida que os monges levavam. Como podiam desejar isolar-se do mundo se viviam em comunidade? Como podiam querer viver num ideal de pobreza se acabaram por se tornar extremamente ricos?

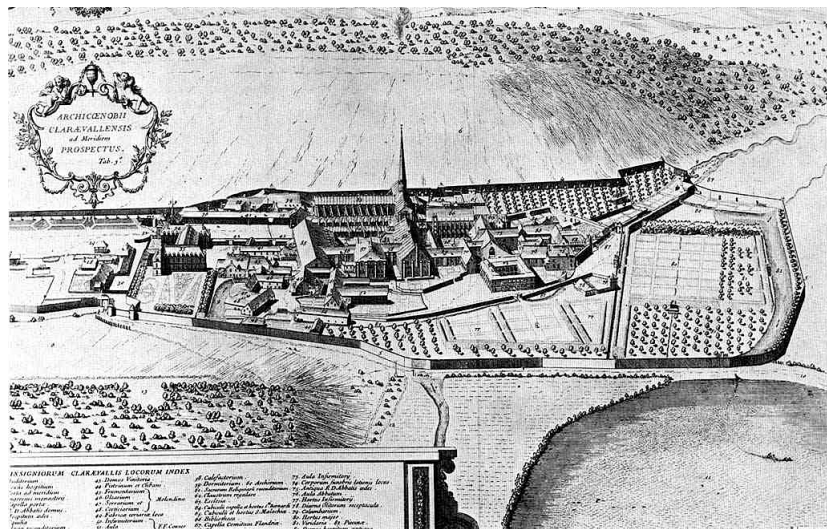
Foi então que surgiram os monges cistercienses, que se aproveitaram da decadência moral dos cluniacenses, e com a sua filosofia de vida e trabalho conseguiram transformar vales ermos e desertos solitários em preciosas e abastadas terras.

Esta nova ordem iniciou quando, em 1098, Roberto de Molesme, nos confins de uma floresta na Borgonha, França, fundou a abadia de *Cîteaux*, a abadia-mãe da reforma beneditina. O local de implantação era o mais distante do mundo, inabitável e agreste; uma explosão de natureza em todos os sentidos que traduziu um esforço de regresso às origens e à pureza original da Regra de São Bento, numa atmosfera de solidão, pobreza e penitência.

Muitos olharam para *Cîteaux* como uma ofensa a *Cluny*, onde os monges negros já se tinham acomodado a uma vida luxuosa, indisciplina e relaxada. Mas São Roberto lançou um novo olhar sobre a sua vida beneditina, abdicou dos seus bens materiais e procurou a solidão. Este radicalismo manifestou-se na arquitetura ao dar uma nova imagem ao românico. Logo, foi possível representar-se um esquema monástico único, que seria a culminação final da evolução do mosteiro beneditino medieval e pelo qual todos os seguintes se guiaram.

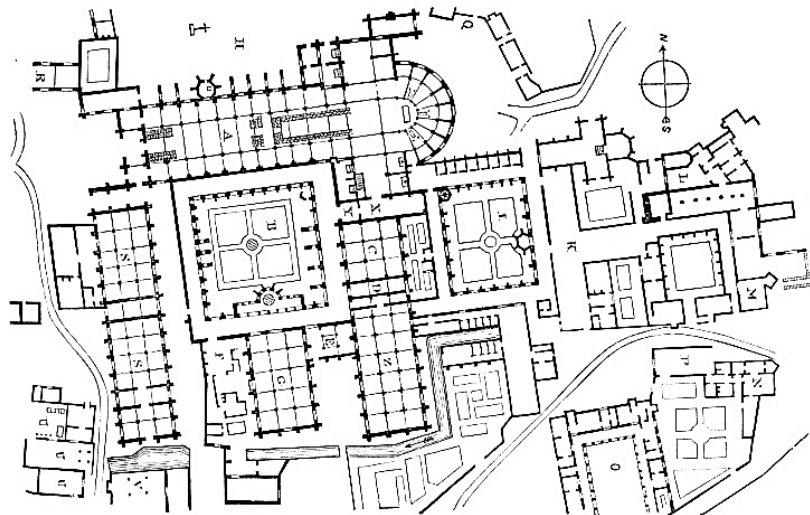


12. São Bernardo de Claraval - pint. P. Champaigne, séc. XVII



13. Panorâmica da abadia de Clairvaux - 1708

14. Plano da abadia de Clairvaux - 1708



Clairvaux, No. 2 (Cistercian), Monastic Buildings.

- | | | |
|-----------------------|-------------------------------------|------------------------------|
| A. Church. | K. Infirmary. | S. Cellars and Store-houses. |
| B. Cloister. | L. Lodgings of Novices. | T. Water-course. |
| C. Chapter-House. | M. Old Guest-House. | U. Saw-mill and Oil-mill. |
| D. Monks' Parlour. | N. Old Abbot's Lodgings. | V. Carrier's Workshops. |
| E. Calefactory. | O. Cloister of Supernumerary Monks. | X. Sacristy. |
| F. Kitchen and Court. | P. Abbot's Hall. | Y. Little Library. |
| G. Refectory. | Q. Cell of St Bernard. | Z. Undercroft of Dormitory. |
| H. Cemetery. | R. Stables. | |
| I. Little Cloister. | | |

Porém o impulso decisivo na história da ordem foi quando Bernardo de Fontaines chegou a *Cîteaux* com trinta nobres, em 1112. Três anos mais tarde, fundou a abadia de *Clairvaux*. Este homem autoritário e carismático conseguiu converter o seu século na era dos monges brancos, autodenominando-se a si mesmo como a *quimera do século*¹¹. A oposição ao luxo na construção e a tudo aquilo que pudesse distrair a atenção dos monges da contemplação de Deus foi tal que a juventude do século XII começou mesmo a acreditar que a renúncia total aos bens terrenos ia redimir o mundo.

Como ordem contemplativa na sua essência, os monges brancos valorizavam a oração – sete vezes por dia - e o trabalho intelectual e manual. Esta busca de Deus, na completa solidão, motivou a procura de lugares afastados da civilização para impedir que em seu redor se formassem aldeias. Os vales arborizados por onde fluísse um rio, as terras pobres, os rochedos, os desfiladeiros ou as florestas cerradas eram considerados *vales divinos*.

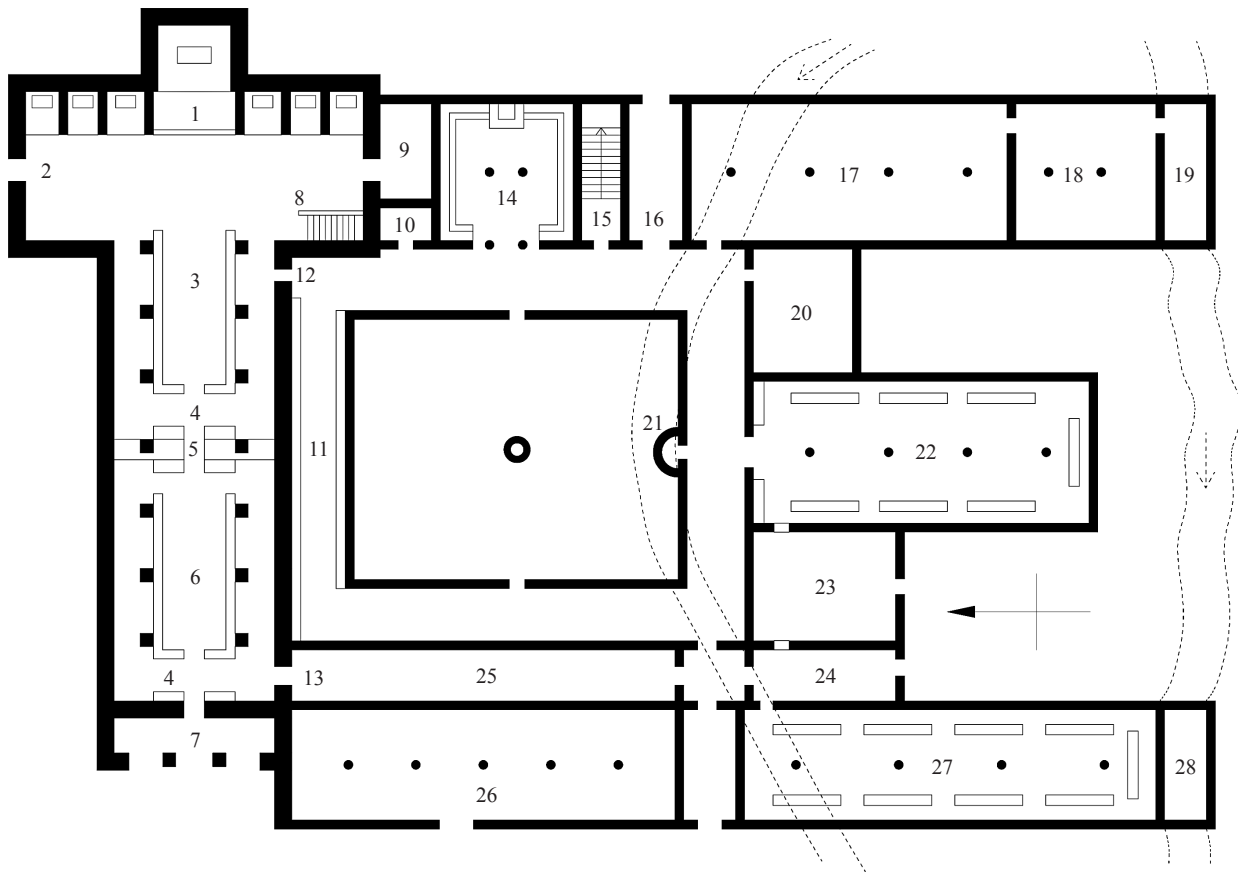
A exigência de pobreza proibia as torres nos templos, os vitrais coloridos nas janelas e todas as imagens, à exceção da Virgem. As paredes não podiam ser rebocadas e os elementos arquitetónicos não podiam ter decorações figurativas nem ornamentos. Nesta era arcaica, os cistercienses exigiam a pedra nua. Em defesa do asceticismo dos olhos, São Bernardo proibiu a cor, alegando que se tratava de uma futilidade que distraía os sentidos.

A recomendação de clareza e simplicidade levou com que a pedra lisa e clara e as proporções dos espaços fossem os focos principais de concentração dos monges. A rudeza das formas da pedra espelhava o trabalho e o esforço daqueles que a talhavam. Pela sua aparência duradora, austera e resistente, a pedra dava a sensação de que a comunidade religiosa estava presa no seu mosteiro, onde tudo parecia inabalável. Ao mesmo tempo, a sua brancura transmitia serenidade e simplicidade, ao ponto desta prisão poder ser mesmo um paraíso, pois permitia aos monges alcançarem a pureza e a paz interiores.

Assim, as marcas distintivas da Ordem de Cister acentuavam-se na sobriedade decorativa, tanto no interior como nas fachadas, e nas linhas puras que realçavam a luz e a claridade. Mas a principal característica era a proximidade e aproveitamento dos rios, pois a água era um elemento simbolicamente importante e ritual para os cistercienses.

Os mosteiros obedeciam a uma tipologia que funcionava do mesmo modo em quase todos, com a distribuição dos espaços para monges e para conversos. A forma, as proporções e a localização de todos os edifícios foram desenhados com precisão, estabelecendo-se então a planta ideal cisterciense.

¹¹ Braunfels, W. (1975). *Arquitectura monacal en occidente*. Barcelona: Barral Editores, p. 122



1 Santuário | 2 Acesso ao cemitério | 3 Coro dos monges | 4 Bancos para os doentes | 5 Coro alto | 6 Coro dos conversos | 7 Nartex | 8 Acesso ao dormitório | 9 Sacristia | 10 *Armarium* ou biblioteca | 11 *Mandatum*: banco corrido para leitura e lavatório | 12 Entrada dos monges | 13 Entrada dos conversos | 14 Sala do capítulo | 15 Escada do dormitório | 16 *Auditorium* | 17 Sala dos monges | 18 Noviciado | 19 Latrina dos monges | 20 *Calefactorium* | 21 Fonte | 22 Refeitório dos monges | 23 Cozinha | 24 Locutório dos conversos | 25 Beco dos conversos | 26 Celeiro | 27 Refeitório dos conversos | 28 Latrina dos conversos

15.

Plano ideal de um mosteiro cisterciense

Este padrão, ao qual se vinculam de modo genérico os mosteiros da Ordem, apresenta o complexo claustral implantado do lado sul da igreja, seguramente para obter uma melhor insolação dos compartimentos residenciais, aproveitar o máximo de luminosidade natural e estar protegido dos ventos. O ganho solar permite combater o desconforto da grande inércia térmica dos materiais de construção, sentido durante os rigores do Inverno.¹²

A PLANTA IDEAL

O típico mosteiro cisterciense¹³ implantava-se num vale rodeado de montanhas a Norte, Este, Sul e aberto a Oeste. O mosteiro fundia-se na natureza e a paisagem tornava-se no mosteiro. O vale ficava abençoado e, ali onde a terra ganhava vida, a arquitetura materializava o ideal espiritual.

Na planta ideal cisterciense previu-se tudo, evitando-se pormenores desnecessários e situando-se o templo num lugar de honra, graças às suas grandes dimensões. Sempre que era possível, a igreja localizava-se a Norte e o claustro¹⁴ a Sul. O claustro surgia como um elemento arquitetónico fundamental da vida monástica, consistindo numa leve e graciosa estrutura de arcadas que descansavam sobre colunas ou pilares. Era um lugar de recolhimento e de reflexão.

O templo estava reservado apenas aos monges, pois não chegou a existir nenhum espaço para o povo e para os peregrinos durante muito tempo. Na planta de cruz latina da igreja havia um transepto a Este, onde era costume existirem seis pequenas capelas para os monges lerem as suas missas particulares.

O coro alto [5] delimitava o templo em coro dos monges [3] e coro dos conversos [6], onde se contava com dois bancos [4] para cada lado para os doentes. Os monges faziam o seu ritual divino no altar-mor, enquanto os irmãos se situavam em dois altares secundários perto do coro alto. Dirigiam-se aos seus coros por diferentes caminhos: os monges desde o claustro [12] e os conversos por um estreito corredor [13] – *beco dos conversos* – que proporcionava uma passagem tranquila entre a zona deles e o claustro, além de não permitir que os monges os vissem e ouvissem.

Para os monges havia ainda um segundo acesso: uma escada íngreme [8] que comunicava com o dormitório. Desde o século VII que o dormitório se situava na planta nobre por cima da sala do capítulo. Os beneditinos e os cistercienses conservaram a norma de dormirem todos na mesma divisão, cujas dimensões muitas vezes superavam a longitude da nave da igreja. Normalmente era um salão grande, largo, relativamente baixo e que recebia luz através de numerosas janelas. Nos mosteiros mais pequenos, o teto consistia numa abóbada de canhão, enquanto nos mosteiros maiores observava-se uma abóbada de arestas suportada por colunas baixas e maciças. Neste espaço exigia-se a máxima tranquilidade possível e, para tal, as formas arquitetónicas dispensavam efeitos dramáticos.

¹² Jorge, V. F. (2012). Os Cistercienses e a água. *Revista Portuguesa de História*, 43, 35-69, p. 40

¹³ Braunfels, W. (1975). *Arquitectura monacal en occidente*. Barcelona: Barral Editores, p. 133

¹⁴ [...] o Claustro, a nível formal, era o epicentro do espaço monástico, três dos seus lados correspondem às funções essenciais: «spiritus» a norte (igreja), «anima» a este (sacristia, sala do capítulo, salas de trabalho intelectual), «corpus» a sul (cozinha, calefactório, refeitório, latrinas) e o quarto lado do claustro, a oeste, é aberto aos Conversos (celeiro, dormitório, refeitório, latrinas). Note-se a diferença de significados e oposição entre o lado do «spiritus» e o lado do «corpus» surgindo a dicotomia terra-céu e matéria-espírito. - Martins, A. M. T. (2006). Espaço Monástico: da Cidade de Deus à Cidade do Homem. In *Estudos em Homenagem ao Prof. Doutor José Amadeu Coelho Dias*. (Vol. 1, pp. 85-108). Porto: Edição FLUP, p. 93

Situada no transepto, a porta de saída [2], pela qual os mortos eram levados para o cemitério atrás da igreja, era a única que era comum aos monges e aos conversos. O espaço nomeado *armarium* [10] destinava-se à biblioteca que se acedia a partir do claustro. Tal como nos mosteiros beneditinos, existiam bancos corridos [11] na ala Norte do claustro para os monges lerem ao ar livre.

Existia ainda uma pequena sacristia [9] e, contígua a ela, a sala do capítulo [14]. A sala do capítulo prometia uma grande beleza arquitetónica, abrindo-se para o claustro através de três ou cinco arcadas, com um portal ou quatro janelas. A sua planta era geralmente quadrada e a cobertura abobadada repousava sobre duas, quatro ou, raramente, seis colunas ou pilares. Os cistercienses davam grande importância à ligação dos nervos das abóbadas aos capitéis das colunas, onde nestes imperava uma extraordinária diversidade. Os bancos que percorriam as quatro paredes da sala serviam para os monges se sentarem.

Logo a seguir, encontrava-se a escadaria [15] que levava ao grande dormitório na planta nobre e, ao lado, a sala do prior [16], cuja porta traseira ligava diretamente às hortas do mosteiro.

A sala de monges [17] foi instalada devido ao simples facto de sobrar um espaço livre na planta baixa. Na sua continuação, situava-se uma sala para os noviços [18] e a latrina dos monges [19]. O *calefactorium* [20], junto ao claustro, era o único aposento aquecido e servia de sala de estar. No seu piso superior, às vezes instalava-se uma rouparia. Basicamente, tudo o que a Regra previa encontrava-se no claustro.

Os cistercienses, com o desejo de aproximarem o seu mosteiro ao dos irmãos, colocaram o refeitório [22] perpendicularmente ao claustro para que a cozinha [23] ficasse entre o refeitório deles e a zona dos conversos.

O refeitório era um salão alto com o dobro da altura do dormitório. Era abobadado e normalmente tinha duas naves, três em raras exceções. Neste espaço as colunas eram altas e delgadas e as suas bases e os seus capitéis austeros. As janelas eram semelhantes às da igreja tanto na forma como na altura. Uma vez por dia, os monges sentavam-se em mesas largas e baixas, à exceção do abade e alguns irmãos que presidiam a sala numa mesa atravessada. A hora da comida adquiria um sentido especial e quase que se transformava em cerimónia.

Apesar de apreciarem que os conversos estivessem no mosteiro, os monges queriam estar separados deles. Os conversos ocupavam-se com diversas atividades no mundo exterior e por isso estava-lhes reservado a parte Oeste da igreja e do mosteiro. O celeiro [26] a Este ficou da responsabilidade deles e receberam o seu próprio refeitório [27]. O dormitório ocupava o piso superior do refeitório ou estendia-se ao longo da ala Oeste.

Ao longo do século XII, em frente ao refeitório dos monges, começou a aparecer uma fonte [21] no pátio, para se lavarem antes das refeições. Regra geral, esta pequena estrutura tinha uma forma hexagonal ou por vezes quadrada, em cujo centro se erguia uma fonte onde a água nunca deixava de correr. As colunas, as arcadas, as galerias ou as janelas ganhavam uma nova expressão graças a este pequeno corpo arquitetónico.

Nem os edifícios situados a Este – hospital – nem a Oeste do conjunto monástico – hospedaria e serviços – estavam previstos na planta, porque não faziam parte do idealismo cisterciense. Mas cada mosteiro podia ter uma evolução livre neste aspeto, sendo que, por vezes, o hospital acabava por se transformar numa *grande* arquitetura.

Todas as formas evoluíram consoante as suas leis, o seu século e a sua geografia. A arquitetura cisterciense desenvolveu-se e aperfeiçoou-se desde o período românico até ao gótico mais tardio, mas sempre mantendo o mesmo esquema e as mesmas proporções.



16. Detalhe de *San Domenico*, em *Cristo deriso* - pint. Fra Angelico, 1438-1440
17. *San Francesco in meditazione* - pint. Caravaggio, 1606

O surgimento das ordens mendicantes foi uma resposta da adaptação da arquitetura religiosa às novas imposições do século XIII. O rápido crescimento das cidades, onde a população era mal assistida pelos padres, e a expansão da heresia obrigaram a uma atitude que fosse forte e eficiente: a pregação do Evangelho no meio das populações pobres, que foi o principal objetivo das ordens religiosas fundadas por Domingos de Caleruega e Francisco de Assis.

Ao contrário dos monges, os irmãos mendicantes eram religiosos voltados para o mundo. Recusando todos os luxos e bem-estar, o espanhol São Domingos quis tornar-se pobre como os pobres. Rejeitou doações de dinheiro e posses de terras, pois estas roubariam tempo às ordens para se aplicarem nos seus estudos científicos e pedagógicos, importantes armas para combater a heresia. Devido à sua forte formação teológica, os dominicanos estabeleceram-se nas universidades – Alberto Magno e Tomás de Aquino – e integraram-se nos tribunais da Santa Inquisição, que não olhou a meios para atingir os fins propostos por São Domingos.

De onde veio a atração das novas ordens pelas cidades? No início do século, em toda a Europa, um mundo urbano novo afirmava-se através de novos valores, do gosto pelos câmbios comerciais e intelectuais, das novas formas de igualdade social, da busca de segurança e conforto na habitação, na alimentação e no vestuário - *universitas*¹⁵ era a palavra tendência.

¹⁵Do latim, *universo, mundo* - Le Goff, J. (1996). As ordens mendicantes. In Berlioz, J., *Monges e religiosos na Idade Média*. (pp. 227-239). Lisboa: Terramar, p. 228

18.

Stabilitas loci - voto das ordens monásticas que vincula o monge permanentemente ao seu mosteiro de origem



Nas cidades, o afluxo de gentes crescia descontroladamente e os pecados do povo, tais como a luxúria, a boa-vai-ela e a prostituição eram inevitáveis. Assim sendo, esta cidade pagã do século XIII tinha de ser convertida, pois a expansão da heresia tornava-se cada vez mais evidente e era uma ameaça ao Cristianismo.

A fundação das ordens mendicantes nas cidades foi estruturada com o máximo cuidado. Apesar de nas cidades mais importantes existirem tanto estabelecimentos dominicanos como franciscanos, estes últimos preferiam localizar os seus humildes conventos em terrenos pobres, fora das muralhas da cidade, para ficarem mais próximos dos miseráveis que viviam mal. O historiador francês Jacques Le Goff relatou em 1996 que, para tal, as ordens encarregaram-se de *quadricular* a malha de todo o espaço urbano da cristandade chegando ao cúmulo de que, por vezes,

*o mapa dos conventos mendicantes se confunde com o mapa urbano e que o «critério mendicante» pode surgir como o melhor meio de referenciar a rede urbana numa época em que o vocabulário urbano é muito incerto e as definições da cidade muito vagas.*¹⁶

Os dominicanos delimitavam em torno dos seus edifícios um terreno denominado *praedicatio*, local de pregação e de peditório, que simbolizava o *interior* da cidade. A pregação dirigia-se diretamente aos fiéis e assim era facilmente espalhada por toda a cidade, adotando um método eficaz ao focar-se nas dificuldades das pessoas e a diverti-las com histórias e fábulas do quotidiano: os *exempla*.

Com uma visão diferente, São Francisco de Assis acreditava que a vida que se levava nos mosteiros não correspondia aos ensinamentos de Cristo, defendendo que os monges deviam abrir-se para o mundo e não esconderem-se dentro das paredes dos seus mosteiros. Além disso, acreditava que a igreja e os espaços comuns destes edifícios iam contra o princípio de pobreza.

Ambas as ordens mendicantes se complementavam mas também se enfrentavam como rivais. Assim sendo, era comum encontrar em cada uma das cidades europeias, normalmente junto às muralhas, um convento dominicano e outro franciscano.

A piedade das ordens mendicantes definiu a espiritualidade da segunda metade do século XIII e a primeira do século XIV, tal como a dos cistercienses tinha distinguido a religiosidade do século XII. Esta época ficou ilustrada pelos edifícios dos franciscanos e dominicanos, pelas esculturas e pinturas feitas nas suas igrejas. Aquelas ordens abandonaram a *stabilitas loci*¹⁷ exigida por São Bernardo e saltavam de convento em convento. As formas arquitetónicas acolheram um novo sentido que transmitia uma nova simbologia.

¹⁶ Le Goff, J. (1996). As ordens mendicantes. In Berlioz, J., *Monges e religiosos na Idade Média*. (pp. 227-239). Lisboa: Terramar, p. 232

¹⁷ Do latim, *obrigatoriedade de permanência no mosteiro*



19.

L'Ultima Cena, no refeitório do convento dominicano de *Santa Maria delle Grazie*, Milão - pint. L. Da Vinci, 1495-1498

A organização dentro dos conventos não era tão fundamental como as missões que os irmãos tinham no mundo exterior. Logo, estas edificações reservadas à vida comunitária deixaram de ser fortalezas onde ninguém entrava e passaram a ser espaços onde se ensinava o Evangelho.

Em lugar do conjunto monástico bem estruturado, as celas individuais passaram a ser o coração do convento, onde os religiosos trabalhavam e se preparavam, ao passo que nas salas comuns catequizavam-se as pessoas. O individualismo conquistou importância e as celas tornaram-se num símbolo deste modo de vida.

Devido ao desinteresse dos irmãos pela qual seria a aparência arquitetónica dos conventos optou-se pelo esquema monástico cisterciense. Conservou-se o elemento estrutural do claustro e à sua volta a igreja, a sala do capítulo, o dormitório e o refeitório, que podia servir de local de pregação ou de estudo. Neste espaço, a decoração foi sobrevalorizada, sendo habitual encontrar-se no seu interior a *Santa Ceia*, como representação da contradição do ser humano: a graça e a culpa.

O pátio de serviço e o antigo *cellarium* desapareciam, porque nos conventos já não se dedicavam à agricultura, vivendo-se somente das esmolas de senhores ou do que obtinham na cidade. A diferença entre clérigos e leigos também não afetou a organização arquitetónica, ao contrário do que acontecia nos mosteiros cistercienses. Nos conventos, onde cada um vivia na sua própria cela, havia uma maior liberdade e os edifícios eram construídos conforme as exigências do local e o espaço disponível.

Tardamente, durante os séculos XIV e XV, abandonou-se definitivamente o dormitório comum e a imposição das celas individuais levou a uma alteração do esquema conventual. De forma a responder à carência de espaços para as celas, foi necessário estas distribuírem-se pelo piso nobre de três alas que rodeavam o claustro. Assim sendo, o claustro com duas plantas poderá ter surgido graças a esta ideia das celas individuais, criando-se uma galeria diante delas, algo que não tinha tido sentido nos mosteiros cistercienses. No entanto, mais tarde, esta nova estrutura também modificou os cenóbios beneditinos e cistercienses.

Giuseppe Richa (1754, citado por Braunfels, 1996), jesuíta e escritor italiano, chamou de *cidades dentro da cidade*¹⁸ aos conventos das ordens mendicantes, por serem extraordinariamente espaçosos e originarem novos centros periféricos.

Cada um dos elementos que formava o convento eram dádivas da população da cidade, acabando por ser esta a definir o seu nível de luxo e grandeza. A cidade, local de reunião de confrades e senhores, mostrava a sua importância através da monumentalidade do seu convento, que ia crescendo à medida que se acrescentavam mais dois ou três claustros, com a função de serem zonas livres em torno das quais se estendiam as celas e a hospedaria.

¹⁸ Braunfels, W. (1975). *Arquitectura monacal en occidente*. Barcelona: Barral Editores, p. 200

Logo aqui se vê a diferença da simbologia que o claustro adquiria num convento e num mosteiro. Enquanto no convento era apenas um elemento funcional e estruturante do espaço, no mosteiro representava o coração da casa e o local de maior aproximação à natureza e ao Céu. No mosteiro, metáfora de Jerusalém, o claustro simbolizava o Paraíso e era o lugar ideal para a meditação e a leitura. Com forma quadrangular e fechado para o exterior, era atravessado por áleas que o dividiam em quatro, tal como os Evangelhos, os elementos da Natureza ou os pontos cardeais. Enfim, como espaço de silêncio absoluto e imagem do *ora et labora*¹⁹, o claustro do mosteiro detinha toda uma carga simbólica que o convento não possuía.

A localização dos conventos na cidade teve influência na evolução da arquitetura e da arte. O convento como Bíblia ilustrada foi o último patamar de todo o progresso artístico e, ao mesmo tempo, um princípio do monaquismo renascentista.

¹⁹Do latim, *oração e trabalho*

II.

A EXPERIÊNCIA



20.

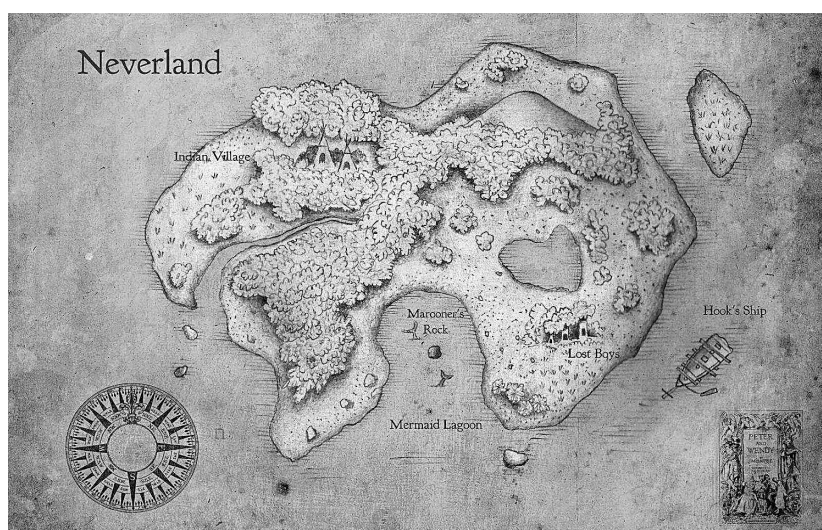
Recordações - imagens, vivências e
sensações que guardamos do passado

A percepção do mundo à nossa volta depende de causas externas, ou seja, do meio ambiente que nos rodeia. Porém, também está sujeita a causas internas - a nossa mente. A percepção muda de pessoa para pessoa, envolvendo memórias e lembranças passadas, culturas, expectativas, princípios e educação, experiências vividas, que podem influenciar na interpretação do mundo. Essa interpretação começa na nossa infância quando começamos a armazenar saberes, tal como refere Edward Hall, no seu livro *A Dimensão Oculta* (1986):

*A percepção do espaço não implica apenas o que pode ser percebido, mas igualmente o que pode ser eliminado. Segundo as culturas, os indivíduos aprendem desde a infância, e sem o saberem, a eliminar ou a conservar com atenção tipos de informação muito diferentes. Uma vez adquiridos, estes modelos perceptivos parecem tornar-se fixos para toda a vida.*²⁰

Normalmente, quanto menos exata é uma descrição, mais espaço sobra para a fantasia. Há variadíssimas formas de se descrever um lugar utópico e até existe um divertidíssimo *Dicionário de Lugares Imaginários*, escrito por Alberto Manguel e Gianni Guadalupi. Em todo o caso, um certo toque de imprecisão ajuda a libertar a nossa imaginação e a idealizar um lugar de formas muito diversas.

²⁰ Hall, E. T. (1986). *A dimensão oculta*. Lisboa: Relógio d'Água, p. 59



21.
Um dos mapas da *Terra do Nunca*

Cervantes eternizou esta prática com a sua memorável abertura do livro *Dom Quixote: Num lugar de La Mancha, de cujo nome não quero lembrar-me...*²¹ Essa imprecisão do espanhol Miguel de Cervantes nessa abertura brilhante é experimentada também por James Barrie em *Peter Pan* quando nos dá pistas da Terra do Nunca, sem nunca a definir com precisão. Esta descrição representa um tipo de memória diferente, imaginada, onde tudo o que sabemos sobre a Terra do Nunca é que

*é sempre pouco mais ou menos uma ilha, com assombrosas manchas de cor aqui e ali, com recifes de coral e navios piratas ao largo, com selvagens e covis secretos, e gnomos que são quase sempre alfaiates; com grutas por onde passa um rio, príncipes que têm seis irmãos mais velhos, uma cabana quase a cair e uma velhinha muito pequenina, de nariz adunco.*²²

O extraordinário no escritor James Barrie é que ele narra a ilha com detalhes tão minuciosos e criativos que quase acreditamos que nos vai oferecer uma descrição mais pormenorizada desta ilha. Porém, ele quebra essa expectativa com outra novidade:

*É claro que as Terras do Nunca são bastante variadas. A de John, por exemplo, tinha uma lagoa sobrevoada por flamingos que John visava com a sua espingarda, enquanto a de Michael, que era muito pequeno, tinha um flamingo sobrevoado por lagoas. John vivia na praia, num barco voltado de casco para o ar; Michael numa tenda de índio, Wendy numa casa de folhas habilmente cosidas umas às outras. John não tinha amigos, Michael tinha amigos à noite, Wendy tinha um lobo de estimação abandonado pelos pais.*²³

Então consegue-se perceber que cada um tem a sua Terra do Nunca. Cada um a imagina como bem apetece, embora

*têm um certo ar de família em comum, e se pudéssemos pô-las em fila, muito quietas, diríamos que têm todas o mesmo nariz, e outras coisas que tais. Nessas praias mágicas, as crianças brincam eternamente, puxando os seus botes para terra. Também nós [adultos] lá estivemos; ainda conseguimos ouvir o som da rebentação, embora já não possamos desembarcar.*²⁴

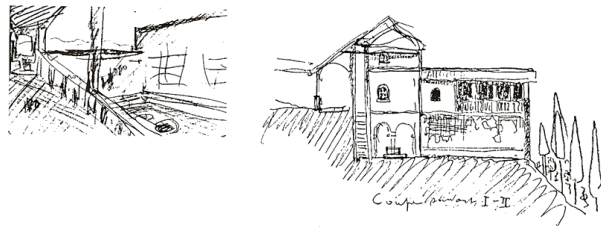
Lendo o *Peter Pan*, nós leitores, imaginamos essa ilha mágica na nossa mente. Ficamos com uma imagem perfeita daquilo que foi descrito mas sabemos que aquilo que criámos mentalmente nunca seria igual ao que foi idealizado pelo autor ou por outra pessoa qualquer ou ao que é realmente. Se eu esboçasse a Terra do Nunca tal como a imaginei e depois pedisse a outra pessoa para fazer a mesma coisa, apesar de surgirem muitas parecenças, os desenhos nunca seriam iguais. Isto acontece porque as nossas recordações, associadas à fantasia e à interpretação pessoal, mostram um lugar distinto de pessoa para pessoa.

²¹ Cervantes, M. (2004). *D. Quixote de la Mancha*. Barcelona: Mediasat Group, p. 15

²² Barrie, J. (2004). *Peter Pan*. Porto: Público Comunicação Social, p. 10

²³ *Ibidem*, p. 11

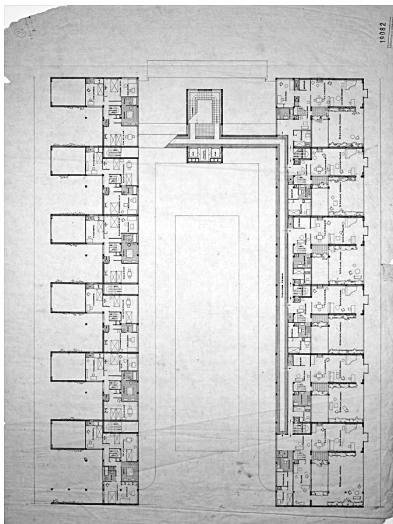
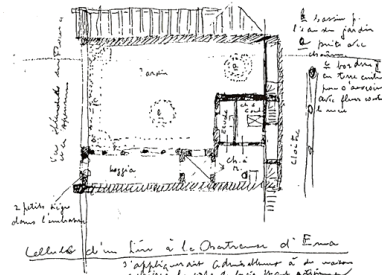
²⁴ *Ibidem*, p. 11



22.
Certosa di Val d'Enza, Florença - séc. XIV-XVII

23.
 Vista para o pátio, corte e planta de uma cela da *Certosa di Val d'Enza* - des. Le Corbusier, 1911

Schizzi della Certosa di Enza eseguiti da Le Corbusier nel 1907 e nel 1911.



24.
 Planta tipo das *Immeubles-villas* - proj. Le Corbusier, 1922

25.
Pavillon de l'Esprit Nouveau, Paris - proj. Le Corbusier, 1925

26.
Unité d'habitation, Marselha - proj. Le Corbusier, 1947-1953



É aqui que entra a importância de se experienciar o lugar e o edifício real, pois a tendência para se estudar projetos de arquitetura a partir de textos ou fotografias é recorrente. O arquiteto modernista Le Corbusier percebeu que as descrições e as imagens se tornam muito limitadas e que a viagem era um elemento importante na aprendizagem pessoal dos arquitetos.

Durante uma viagem a Itália em 1907, Le Corbusier visitou a *Certosa di Galluzzo*, nos arredores da cidade de Florença. Ficou impressionado como aquele edifício era organizado de modo a proporcionar uma vida em silêncio e isolamento nas celas e, ao mesmo tempo, a convivência diária entre os religiosos nas salas comunitárias. Nas cartas que escreveu aos seus pais, Le Corbusier (2002) descreveu os dois aspectos que mais o atraíram na *Certosa di Val d'Enza*, a implantação do edifício na paisagem e a relação entre o claustro e as celas dos monges:

*J'y suis allé hier à la Chartreuse, j'espère ne pas vous l'avoir déjà dit. J'y ai trouvé la solution de la maison ouvrière type unique. Seulement, le paysage sera difficile à retrouver. Oh ces moines, quels veinards. [...] mon admiration a été la même à la Chartreuse de Pavie et j'ai pu me convaincre que s'ils renonçaient au monde, ils savaient du moins s'arranger une vie délicieuse et je suis persuadé que tout compte établi, eux sont les heureux et surtout encore ceux qui ont le Paradis en vue!*²⁵

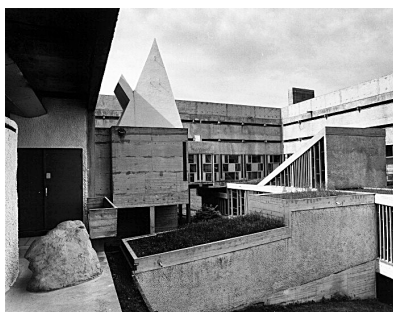
A admiração que Jeanneret expressou por essa *vida deliciosa*, fê-lo também refletir sobre a forma como o Homem se liga à sua casa e à sua privacidade. Ao pensar na habitação moderna, olhou para a cartuxa como um exemplo de harmonia entre a vida comunitária e individual, aprendendo a observar e a desenvolver novas formas de organização espacial. Fez uso dessas referências nos projetos para uma escola de artes em 1910, para as *Immeuble-Villas* em 1922 e, de forma ainda mais extraordinária, para o *Pavillon de l'Esprit Nouveau* em 1925.²⁶

A tipologia da cartuxa deu-lhe a possibilidade de descobrir um modo de habitar diferente e de aplicar o seu conhecimento nas *Immeuble-Villas*. No artigo *Le Corbusier e as casas dos monges brancos*, refere-se que, dada a imposição de acolher cerca de cem famílias, *o projecto Immeuble-Villas é, na realidade, uma cartuxa dupla multiplicada, sobreposta cinco vezes. É, em boa verdade, o resultado e a continuação da transformação tipológica da cartuxa segundo os critérios do seu tempo.*²⁷

²⁵ *Ontem fui à Cartuxa, espero ainda não vos ter dito. Encontrei a solução para a casa-tipo operária. Apenas, a paisagem será difícil de reencontrar. Oh estes monges, que sortudos. [...] a minha admiração foi a mesma na Cartuxa de Pavia e pude convencer-me que eles se renunciavam ao mundo, sabiam pelo menos encontrar uma vida deliciosa e estou persuadido que para todos os efeitos, eles é que são os felizes e mais ainda os que têm o Paraíso em vista!* - Jenger, J. (2002). *Le Corbusier: choix de lettres*. Basel; Boston; Berlin: Birkhäuser, p. 34

²⁶ Lancha, J. J. (2006). O olho e a mão, o desenho na primeira viagem de Le Corbusier. *Risco*, 4, 51-66, p. 59

²⁷ Sequeira, M. (2014). Le Corbusier e as casas dos monges brancos. In *Anais do III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie; Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, p.33



Influência da abadia *Le Thoronet* (séc. XII)
no convento *La Tourette* (séc. XX)

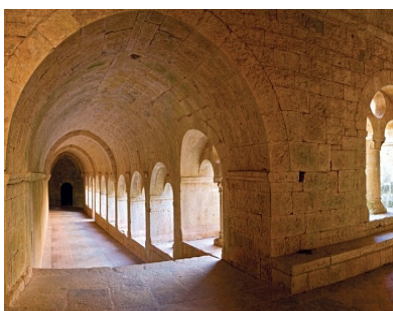
27. | 28.

A forma piramidal no lavabo do claustro de *Le Thoronet* e no oratório do claustro de *La Tourette*



29. | 30.

A torre do sino



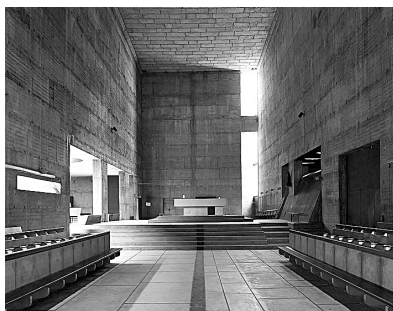
31. | 32.

As escadas no claustro de *Le Thoronet* e a rampa no claustro de *La Tourette*



33. | 34.

O terraço, o verdadeiro claustro dos frades e o lugar privilegiado para a meditação



35. | 36.

A espacialidade das igrejas

Quase cinquenta anos depois da sua primeira viagem a Itália e à cartuxa, Le Corbusier recorreu novamente aos seus apontamentos quando começou a desenvolver a *Unité d'habitation* de Marselha. Assim como o cartuxo dispunha de uma casa-cela, o morador da *Cité Radieuse* possuía um apartamento com todas as instalações necessárias à sua vida quotidiana.

Nesse ano de 1953, estando ocupado com os projetos desta *casa da cidade*²⁸, o padre Marie-Alain Couturier encomendou-lhe o projeto de um convento dominicano, no qual trabalhou durante três anos.

O único pedido que o padre fez ao arquiteto foi *criar uma casa em silêncio para uma centena de corpos e uma centena de corações*.²⁹ Explicou por cartas a Le Corbusier os rituais e os costumes da ordem e recomendou-lhe que visitasse a abadia cisterciense *Le Thoronet*, no Sul de França, considerado pelos padres dominicanos o mosteiro perfeito. Assim, *La Tourette* segue a antiga planta dos mosteiros cistercienses, onde a vida se desenrola entre paredes e em torno de um pátio central.

A viagem a *Le Thoronet* tornou-se essencial para projetar o convento *La Tourette*, uma vez que conseguimos identificar as memórias do passado no presente. A partir da experiência de cada espaço, o arquiteto retirou os elementos que mais lhe chamaram a atenção e introduziu-os na sua nova obra contemporânea. Inspirou-se na forma piramidal do século XII e aplicou-a no oratório. Este pequeno elemento surge no pátio interior de *La Tourette*, à semelhança das antigas fontes, e chama a atenção pela sua forma de pirâmide pontiaguda.

Também na circulação do claustro de *La Tourette* presenciamos o passado, quando Le Corbusier transforma a galeria em patamares de escadas em rampas de distribuição. A iluminação é igualmente um conceito que se explora nos dois edifícios, uma vez que em substituição das arcadas são introduzidos painéis de vidro. Por outro lado, a relação com a envolvente presente em *Le Thoronet* é novamente desenhada no convento dominicano. A construção sobre a galeria do claustro funciona mais uma vez como terraço e este é o lugar de eleição para a contemplação.

O espaço principal, a igreja, é igualmente inspirado no templo cisterciense. Os interiores exprimem uma pobreza total, onde a utilização da pedra em *Le Thoronet* e do betão em *La Tourette* confere igualmente uma aparência austera e inabalável. As fontes de luz são escassas, porém a sua principal localização segue a lógica da igreja antiga. Ambos os espaços refletem simplicidade e evocam o silêncio e a reflexão.

²⁸ Braunfels, W. (1975). *Arquitectura monacal en occidente*. Barcelona: Barral Editores, p. 286

²⁹ Em <http://www.plataformaarquitectura.cl/cl/769035/clasicos-de-la-arquitectura-convento-de-la-tourette-le-cor-buiser>



37.

Vista exterior do convento dominicano
Sainte Marie de la Tourette, Eveux-sur-
l'Arbresle - proj. Le Corbusier, 1953-1960

Em jeito de conclusão, percebemos que, de facto, a experiência vivida por Le Corbusier muito influenciou a construção das suas obras, enquanto elemento de ligação com o passado. Percebe-se que o arquiteto, desde o começo, recorria às suas origens e às memórias dos lugares que visitava. Tendo como premissa o pensamento da relação com o passado, procurou criar uma arquitetura como prolongamento da História.

Le Corbusier entende a passagem natural do tempo, mas muitas vezes procura os traçados remotos como forma de manifesto da História e manutenção da memória. Pretende, assim, referir este paralelismo como uma afirmação da arquitetura contemporânea. O antigo não se expressa necessariamente inapropriado à época, quando as suas obras expressam coerência e são uma representação do passado a partir do presente. O velho arquiteto conseguiu concretizar estas ideias no convento dominicano que lhe foi encomendado, a sua última obra concluída e talvez a mais original.

Cada arquiteto interpreta a arquitetura segundo a sua forma de ver o mundo. As visitas à obra são experiências marcantes, porque só assim se consegue apreender toda a sua essência. Viajar dá a hipótese de tocarmos na arquitetura, algo que nas aulas apenas se cinge aos desenhos de pormenor e às maquetes. Além disso, tudo pode acontecer, desde o corriqueiro ao inesperado, e é este fator-surpresa que mais nos surpreende e cativa nas viagens. O que fica são os nossos desenhos, os nossos relatos daquilo que mais nos emocionou e principalmente as nossas vivências e memórias.

Na formação do arquiteto, ver o mundo é tanto uma aprendizagem pessoal como um instrumento fundamental na hora de projetar, quer seja pela transmissão de ideias, princípios ou culturas, quer pelas novas formas de fazer arquitetura, pois a procura de referências de escala, de materiais construtivos ou de relação com a paisagem para o nosso projeto é uma constante.

Neste sentido, acertando com o final do meu percurso académico e com uma fase de maior maturidade, estudar e tentar perceber um tipo de edifícios que nunca tinha visitado e viver uma realidade contrastante com o meu quotidiano verificou-se uma experiência diferente, intensa e enriquecedora, obrigando-me a alterar a minha sensibilidade para a perceção do mundo que me rodeia, a modificar a minha maneira de pensar em certos aspetos e, principalmente, a observar muito além da arquitetura.

Inicia-se com esta problemática o segundo capítulo, onde são, de seguida, interpretados os edifícios correspondentes aos casos de estudo. Desloquei-me até à Galiza para visitar um mosteiro cisterciense, onde fiquei hospedada uma semana, e de seguida até ao Louriçal para conhecer um convento de irmãs clarissas. Desde o começo deste trabalho que pretendi falar do que experienciei, pois só vivendo e percorrendo a arquitetura se entende realmente do que se está a falar. E assim começou a viagem.

Apesar das dificuldades em encontrar um mosteiro e um convento onde fosse permitida a entrada, traz-se, como exemplos do que foi descrito no capítulo anterior, duas obras de dois países, dois períodos, duas vivências e dois espíritos muito diferentes: *Mosteiro de Santa María La Real* de Oseira e *Convento do Desagravo do Santíssimo Sacramento* do Louriçal; Espanha e Portugal; século XII e século XVII; monges cistercienses isolados do mundo e freiras clarissas no seio de uma população; Ordem de Cister e Ordem de Santa Clara (Segunda Ordem Franciscana).

A análise arquitetónica e a análise da espacialidade complementam-se aquando do estudo e observação dos edifícios. Enquanto visitante e observadora, competi-me perceber as obras como um todo e valorizar as primeiras sensações que tive dos espaços, transmitindo assim a afeição que senti por estes lugares intimistas e misteriosos.

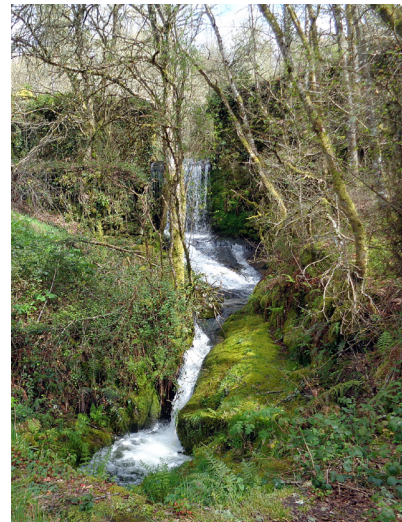
Depois da informação recolhida, fotografias e notas pessoais, redigiu-se um texto com uma abordagem pessoal e experiencial que relata a visita, onde a descrição arquitetónica dos edifícios não foi o foco principal, mas sim salientar a dimensão teológica e relatar a forma como me tocaram e impressionaram.

Percebeu-se que a vivência real da obra não se substitui pelas imagens e pelas fotografias. A luz que se altera a toda a hora, o som da natureza, a vivência das pessoas, a textura dos materiais construtivos, os pormenores que não se presenciam à primeira vista, a forma como se percorre cada espaço... É isto que faz com que o edifício fique na memória, que se vai enchendo de momentos e recordações que preservámos de sítios que emocionaram.

Recorrer às lembranças é uma mais-valia para nós, enquanto arquitetos, quando estamos a projetar lugares melhores e proporcionar às pessoas uma vida de bem-estar e conforto, tal como Le Corbusier fez ao criar as suas obras, onde conservou sempre como inspiração os traçados antigos, estabelecendo assim uma relação com o passado.

38.
Os campos verdes de Oseira, Galiza

39.
O rio Oseira



Oseira é uma região de matagais verdes e de florestas selvagens e agrestes, escondida entre os montes da Galiza. É um lugar isolado do mundo onde crescem velhos sobreiros banhados pelas águas do rio Ursaria. Oseira – do galego *oso* – era um antigo habitat de ursos e ganhou o seu nome em alusão a estes mamíferos que viveram no vale há muito tempo atrás.³⁰ O silêncio que se sente é ocasionalmente interrompido pelo som do vento ou pelo chilrear dos pássaros. Em todas as direções do vale existem belas paisagens a perder de vista e o único horizonte que se vê são cumes de montanhas revestidos de árvores.

No mais profundo vale, levanta-se o *Mosteiro de Santa María La Real* de Oseira, que parece desafiar a passagem do tempo. Conhecido como o *El Escorial gallego*, surpreende-nos logo, mesmo antes de nos aproximarmos, pela sua grandiosidade. Já se sabe que os monges cistercienses eram especialistas em escolher lugares paradisíacos e divinos que se adequassem às suas construções. O mosteiro é, ainda hoje, um importante desvio da rota *Via de la Plata* com destino a Santiago.

O mosteiro segue o típico arquétipo cisterciense: um vale virgem e pobre, de difícil acesso e longe de áreas povoadas, onde a paisagem deslumbra pelas suas montanhas que o protegem do frio do Norte e o abrem para o sol do meio-dia e sempre com um curso de água corrente por perto. No entanto, foi aparecendo em seu redor uma série de edificações associadas às atividades do próprio mosteiro, que agora formam um pequeno centro rural.

³⁰ Yáñez Neira, Fr. D. & González García, M. Á. (1996). *El Monasterio de Oseira*. Léon: Edilesa, p. 3

40.

Vista aérea sobre o mosteiro cisterciense de
Santa María La Real de Oseira, Galiza -
séc. XII



O mosteiro está situado a Norte da província de Ourense, no município de San Cristovo de Cea, e foi fundado por São Bernardo de Claraval. Espalhadas pelo vale, existem pequenas aldeias, muitas delas desabitadas.

Sobre a sua origem, conta a lenda que, uma noite, uns eremitas, que viviam nesta zona, tiveram uma visão do céu na qual uns anjos formaram com estrelas a imagem de um templo. Acreditando que se tratava de uma intervenção divina, os eremitas construíram ali um centro monástico. A história diz-nos que no ano 1137 havia quatro monges a viver neste lugar segundo a Regra de São Bento. Em 1141, o mosteiro beneditino integrou-se na reforma de Cister quando chegou a Oseira um grupo de monges enviados pelo próprio São Bernardo, desde Claraval.

Inicialmente, o mosteiro consistia em modestos edifícios que foram sendo ampliados à medida que foi aumentando o potencial económico da casa, graças às doações constantes de reis e nobres e às aquisições efetuadas pelos próprios monges.

Durante os séculos da Baixa Idade Média, Oseira sofreu, como a grande maioria dos mosteiros galegos, os excessos dos abades comendatários e da nobreza. Quando em 1545 foi anexado à Congregação Cisterciense de Castela, uma nova era de progresso materializou-se na renovação da sua igreja e das dependências monásticas durante os séculos XVI, XVII e XVIII.

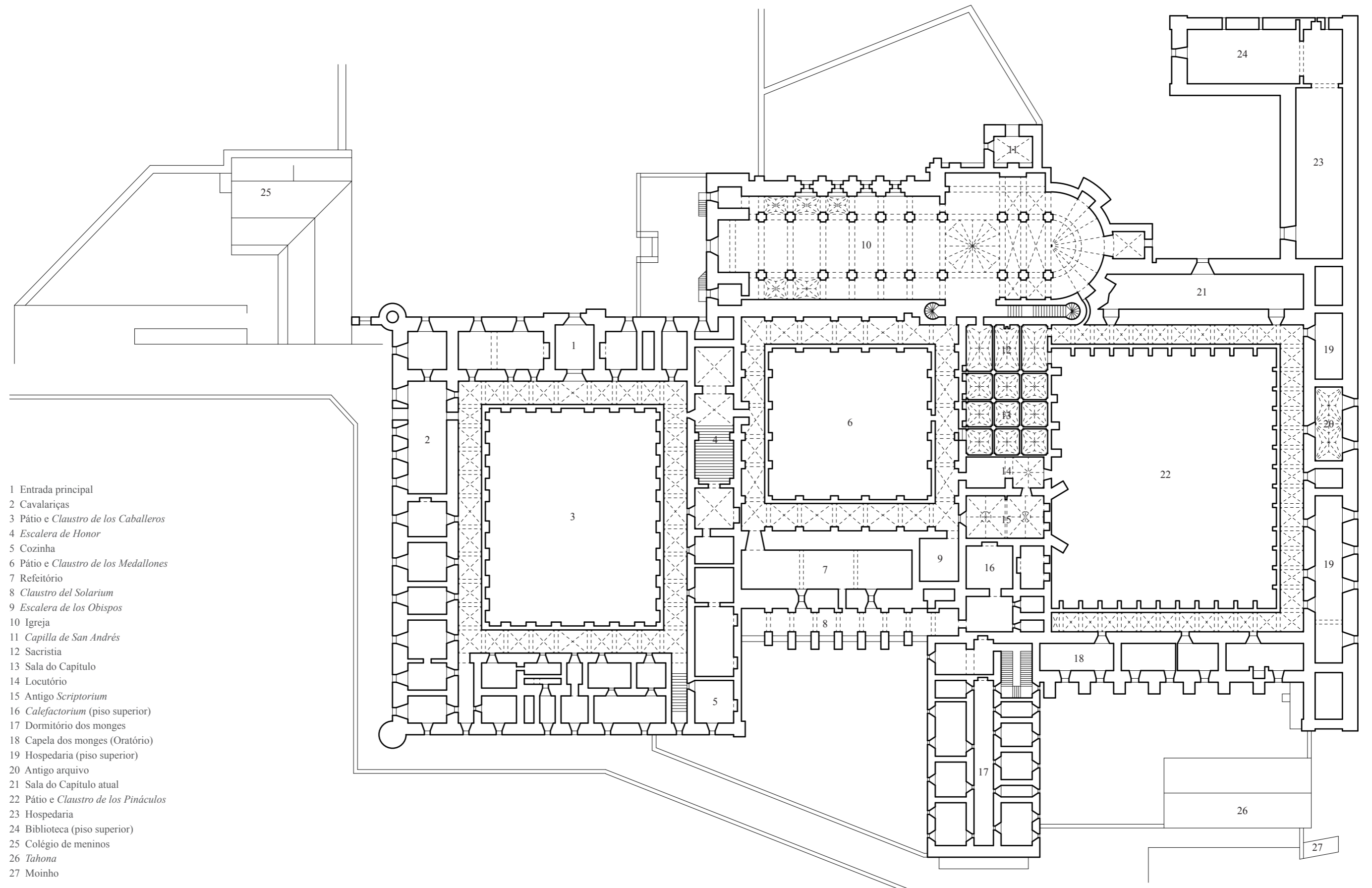
Em 1552, o mosteiro sofreu um grande incêndio que reduziu a cinzas todos os edifícios próximos do templo. Devido às circunstâncias, pensou-se em mudar a comunidade para outro local mas acabou-se por desistir da ideia e iniciou-se a reconstrução do mosteiro no mesmo sítio que esteve sempre, com a monumentalidade que ainda hoje se pode admirar.

Contudo, outros momentos de desgraça ainda estavam por vir. Em 1820, os monges foram expulsos e o mosteiro ficou à mercê da multidão que o saqueou por completo. Quando os monges regressaram em 1823, encontraram o edifício completamente destruído, sem portas, sem janelas e sem mobiliário. Assim, um ano depois, iniciaram novamente a sua reconstrução.

Mas, mais uma vez, em 1835, como consequência da desamortização de Mendizábal em Espanha, os monges foram expulsos do mosteiro, ficando este totalmente abandonado. Com a proibição de se voltarem a reunir em corporação, só um século mais tarde, que levou Oseira a um estado de ruínas, os monges retornaram àquele lugar em 1929.

Só em 1966, sob a direção dos próprios monges e com o impulso e talento do padre Juan María Vázquez Rey, é que se procedeu efetivamente à sua reconstrução, com o máximo cuidado e perfeição, fazendo todos os possíveis para se restaurar os espaços tal como eram.

O Mosteiro de Oseira conta uma história milenar, tanto de tempos difíceis como de esplendor, de revoltas e de paz, de pobreza e de prosperidade, de injustiças e de honras.



- 1 Entrada principal
- 2 Cavalariças
- 3 Pátio e *Claustro de los Caballeros*
- 4 *Escalera de Honor*
- 5 Cozinha
- 6 Pátio e *Claustro de los Medallones*
- 7 Refeitório
- 8 *Claustro del Solarium*
- 9 *Escalera de los Obispos*
- 10 Igreja
- 11 *Capilla de San Andrés*
- 12 Sacristia
- 13 Sala do Capítulo
- 14 Locutório
- 15 Antigo *Scriptorium*
- 16 *Calefactorium* (piso superior)
- 17 Dormitório dos monges
- 18 Capela dos monges (Oratório)
- 19 Hospedaria (piso superior)
- 20 Antigo arquivo
- 21 Sala do Capítulo atual
- 22 Pátio e *Claustro de los Pináculos*
- 23 Hospedaria
- 24 Biblioteca (piso superior)
- 25 Colégio de meninos
- 26 *Tahona*
- 27 Moinho



As suas pedras velhas e maciças testemunham a sua história de épocas imperiais e também de expropriações. Neste lugar, as únicas decorações são as trazidas pela passagem do tempo, que embelezam o granito e envelhecem estes homens.

Aqui cumpre-se o *ora et labora*, a oração para os aproximar de Deus e o trabalho para os salvar de três grandes males: o tédio, o vício e a miséria. Conhecer a regra beneditina pressupõe a preocupação acolhedora e a organização da planta monástica, que logo se complica quando o viver e o habitar em comunidade também se torna mais complexo.

42.

Panorâmica do conjunto monacal



VIAGEM E INTERPRETAÇÃO PESSOAL

16.Abril.2016

A aproximação ao Mosteiro de Oseira é feita pela estrada que vem de San Cristovo de Cea, por entre árvores e aldeias que me parecem desertas. As casas antigas são todas em pedra e raramente se veem pessoas.

Há vinte minutos que eu e os meus pais estamos a percorrer a estrada, mas o mosteiro nem vê-lo. Há uma ansiedade de o avistar ao longe na paisagem, pois sabemos que pode aparecer a qualquer momento e bem perto dali. De repente, ao fim de dez quilómetros, vejo uma grande massa construída por entre o arvoredo, um enorme edifício a aparecer... é monumental, monstruoso. Encostamos na beira da estrada assim que temos uma panorâmica completa só para admirarmos aquele monstro. Só depois de nos aproximarmos mais do edifício é que temos noção da sua dimensão.

Parece quase uma construção abandonada, com paredes exteriores velhas, rudes, escuras e cheias de humidade. O mosteiro é todo construído em granito e tem uma aparência pesada, austera, robusta e fria. À primeira vista, parece uma prisão com janelas muito pequeninas. Estes rasgos que as paredes apresentam não me dão qualquer pista do desenho interior.

São oito horas da noite e hoje está um dia feio e cinzento. O céu está tão negro que parece que vai trovejar e os pingos da chuva já se sentem nas nossas caras. Este panorama sombrio e sinistro, com um edifício gigantesco isolado no meio das montanhas e desaparecido por entre as brumas, assusta a minha mãe, chegando a perguntar-me se quero mesmo ficar neste sítio.



43.
Arco de entrada - séc. XVII



44.
Fachadas da igreja e do mosteiro - séc. XVII e séc. XVIII



45.
Colégio de meninos - séc. XVIII

46.
Vestíbulo de entrada, porta da *tienda*



47.
Claustro de los Caballeros - séc. XVIII



48.
O ritmo dos pilares fortes e austeros do *Claustro de los Caballeros*

Tem de se contornar o enorme conjunto monástico para se poder entrar pela porta principal. Cercado por um muro, acede-se através de um arco do século XVII, rematado pelas imagens da Nossa Senhora da Assunção e dos anjos músicos. Quando se atravessa o arco, encerrado com outros muros e edificações, deparo-me com um amplo largo com jardim, que se estende diante das fachadas da igreja e do mosteiro, perpendiculares uma à outra. Do lado esquerdo está o cemitério do povo e também o dos monges. À direita, o edifício neoclássico do colégio de meninos do século XVIII.

A fachada renascentista da igreja, do século XVII, cobre a frente da igreja medieval românica que foi construída entre 1200 e 1239. Esta fachada é almofadada e rematada com duas torres de cada lado. Ao lado da porta principal, dois nichos acolhem as estátuas de São Bento e São Bernardo. Sobre a porta, encontrava-se novamente a imagem da Virgem. Olhando ainda mais para cima, veem-se os escudos da Congregação de Castela e do Mosteiro e, a rematar, um grande frontão curvo onde está o escudo da monarquia espanhola.

A majestosa fachada do conjunto residencial do mosteiro, também ela almofadada, é de estilo barroco do século XVIII. Quando nos aproximamos do vestíbulo de entrada, está tudo fechado e não se vê ninguém. Fico logo com receio de que já não se lembram que eu chegava hoje ou de que tenha chegado demasiado tarde. Toco à campainha e, passado um bom bocado, uma senhora abre-nos finalmente uma porta do lado direito, onde se vê uma pequena *tienda* que vende *souvenirs*, licores, vinhos e bolinhos caseiros.

Ali ficamos e, passados uns minutos, a senhora da *tienda* faz-nos sinal e conduz-nos pela porta de entrada de arco de volta perfeita. Tenho a sensação que vou entrar num mundo encantado. Fico ansiosa por entrar, mas não tenho pressa de avançar, pois quero reparar em todos os pormenores. A senhora abre a porta devagar e esperamos que ela nos convide a entrar. Tenho um vislumbre do que me parece ser um claustro e já só sinto os meus olhos a abrirem-se de tão pasmada que fico. Há um mundo mágico aqui escondido.

Esta enorme porta comunica com o primeiro claustro do século XVIII, o chamado *Claustro de la Hospedaría* ou *de los Caballeros*, por aí se localizarem as antigas cavaliças e por ser o lugar onde se reuniam todos aqueles que chegavam ao mosteiro montados a cavalo. É um pátio de distribuição, de aglomeração, de estar e de preparação para a visita e deslumbrou-me logo no primeiro momento pela perfeição das suas arcadas envelhecidas, pelo seu cheiro a humidade e pela aragem que me gelava o corpo.

Olho através dos arcos e vejo a claridade do céu que me encandeia e o verde dos jardins. Depois rapidamente mudo o olhar para os pilares que sustentam aquelas arcadas. Fortes e ritmados, são os protagonistas deste velho claustro húmido. A luz refletida na textura expressiva da pedra dá-lhe o destaque que ela merece.

49. | 50.

Escalera de Honor - séc. XVII



51.

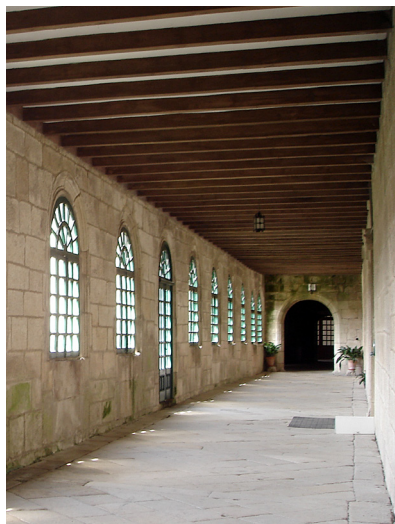
Claustro de los Medallones - séc. XVIII

52.

O corredor que liga o *comedor* à ala da hospedaria

53.

Claustro de los Pináculos, o mais esbelto cisterciense - séc. XVI



Ao fundo do corredor, entramos por uma porta que nos leva à escadaria principal do mosteiro, a *Escalera de Honor*, de estilo herreriano e que data do século XVII. Assim que nos deparamos com ela, soltamos um *Ah! Fantástica...* É assombrosa ao ponto de nos fazer sentir demasiado pequenos. Deslumbrados, subimos muito devagar olhando para todos os lados. Parece a escadaria que nos leva ao Céu, aquele patamar divino só alcançável por poucos.

As pontas de diamante que decoram os vinte e quatro degraus conferem-lhes uma elegância sublime. À medida que subimos, junto à abóbada de arestas, vemos cinco nichos adornados com pilastras e cornijas dóricas, onde repousam as imagens dos santos da Ordem, em madeira e ao belo estilo barroco. No topo da escadaria, uma antiga fonte do século XVIII com o escudo do mosteiro.

Atravessada mais uma porta, já nos encontramos noutra corredor, no piso superior do *Claustro Reglar* ou *Procesional*, assim intitulado por ser o percurso de diversas procissões, mas também por se encontrar ao lado da igreja. Contudo, é mais vulgarmente denominado *Claustro de los Medallones*, por causa dos medalhões que o embelezam, com caras de personalidades cistercienses e civis, como heróis e nobres da Antiguidade.³¹ Antigamente, existiu aqui um claustro medieval e outro do século XVI, do qual procedem os medalhões. Em 1760, o claustro atual começou a ser construído em estilo barroco.

Finalmente chegamos ao *comedor* da hospedaria, onde espero pelo padre hospedeiro Andrés. Ao fim de tantas portas e corredores não se tinha visto viva alma. Cheguei a pensar onde estariam os monges. Além disso, não se ouve absolutamente nada, nem pessoas a falar nem um simples ruído de uma televisão. Faz-me confusão a senhora falar comigo em voz baixa mas, apesar disso, mantemos o silêncio.

Passada meia hora, aparece enfim o padre Andrés, cuja figura não se assemelha em nada com o que eu idealizei de um monge cisterciense. Talvez perceba agora porque é ele o *hospedero*, porque o seu à-vontade e a sua simpatia nos fizeram logo descontraír naquele mundo de silêncio, sem medo de partirmos alguma coisa com o nosso respirar. Quando agarrou na minha mala com apenas um braço e desatou a correr por outro corredor, com as saias a abanar, deu-me vontade de rir.

Passámos pelo *Claustro de los Pináculos*, o último e o mais esbelto de todos, que data do século XVI e deve o seu nome aos remates dos seus contrafortes medievais. Os pináculos são todos diferentes uns dos outros. Apesar de ser o claustro mais antigo parece o mais recente, talvez por o Sol teimar em aquecê-lo e, assim, a humidade não se pronuncia com tanta intensidade como nos outros. É o típico claustro cisterciense, o mais simples e o mais sossegado, sem qualquer tipo de influência barroca.

³¹ Yáñez Neira, Fr. D. & González García, M. Á. (1996). *El Monasterio de Oseira*. Léon: Edilesa, p. 89



54.
A ala Oeste do *Claustro de los Pináculos*,
onde ainda se veem os contrafortes
medievais
55.
A antiga portaria do mosteiro
56.
Vista para o cemitério dos monges desde o
corredor dos quartos da hospedaria
57.
Corredor da hospedaria e a porta da
biblioteca ao fundo
58.
Porta de um quarto da hospedaria



Este claustro só tem três alas – Este, Sul e Norte –, muito estreitas e altas, que estão cobertas com abóbadas de cruzaria. A inexistência da ala Oeste talvez tivesse sido ponderada para assim não privar de luz a sala do capítulo. A este pátio ligavam-se outras dependências menos conhecidas, como a antiga portaria, a prisão, alguns armazéns e o antigo refeitório.³²

A nascente do conjunto monástico, os quartos da hospedaria situam-se num extenso corredor com janelas viradas para o *Claustro de los Pináculos* e para o cemitério dos monges. São antigas celas com portas de madeira, cada uma delas com um número. Um pequeno vestíbulo faz a mediação entre o quarto e o corredor. No extremo esquerdo da galeria, ao fundo, encontra-se a biblioteca.

Volto ao vestíbulo de entrada do mosteiro para acompanhar os meus pais que se vão embora. Apesar de ter sido recebida com generosidade, sinto-me desconfortável. Quando saem, o padre Andrés fecha o portão com um estrondo, que se deve ter ouvido na outra ponta do edifício e dá-me um arrepio, como se fosse ficar fechada ali para sempre.

A primeira sensação que tenho é que o mosteiro me parece muito confuso. Há realmente um mundo aqui dentro, onde julgo que me vou perder. O silêncio reina em todo o edifício, apenas se ouvem os sons da natureza que nos circundam, a chuva forte, o vento sibilante e os passos dos outros hóspedes, quando os há.

Para apenas dez monges penso que esta extraordinária construção é exageradamente grande, é uma *cidade* só para eles. Este mosteiro já é completamente isolado do mundo mas, aqui dentro, o isolamento sente-se ainda mais. Os espaços são todos muito extensos, muito altos, muito escuros e muito frios.

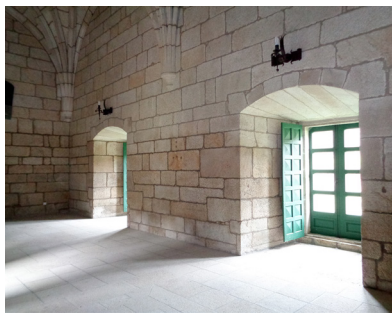
Existem portas para todo o lado, em todas as esquinas. Até mesmo essas são enormes. Há uma imensidão que me enche e que me faz sentir pequena num mundo de gente muito grande. É isto o poder da arquitetura. O edifício parece um labirinto e posso dizer que quem quer mesmo afastar-se do mundo real, este é o lugar ideal. Além da impressão de nos sentirmos sozinhos, o tempo parece passar muito devagar. Uma hora parecem quatro.

Este monstro está aqui abandonado, sozinho, esquecido, entre as montanhas da Galiza, onde os dez homens que aqui vivem são as únicas pessoas que dão vida ao mosteiro.

Antes de ir dormir, ainda meio perdida e atrás dos outros hóspedes, vou à capela para a última oração da noite. Não sei quantos minutos passaram até começarem a chegar os monges e o Superior entre eles. Os passos no soalho de madeira, o som de encontrarem o seu lugar e de abrirem os seus livros. Nenhum deles dirigia a atenção para fora daquilo que estavam a fazer, ninguém fazia um gesto desnecessário nem procuravam o olhar de ninguém.

³² Yáñez Neira, Fr. D. & González García, M. Á. (1996). *El Monasterio de Oseira*. Léon: Edilesa, p. 105

A luz e as sombras em diversos espaços do mosteiro cisterciense



59.

Claustro de los Pináculos

60.

Escalera de Honor

61. a 64.

Claustro de los Caballeros

65.

Claustro Reglar, porta da igreja

66.

Antigo arquivo - séc. XVI

67. | 68.

Antigo scriptorium - séc. XVI

69.

Antigo locutorio - séc. XVI

Em gregoriano, um dos lados da capela cantava um verso e o outro lado respondia com o seguinte. Encostados a paredes opostas, virados uns para os outros de cabeça baixa, coberta pelo capuz branco do hábito, os monges cantavam em espanhol com o rosto fixo nas páginas do livro.

Ao terminar, dirijo-me ao meu quarto, calmamente, e às dez horas da noite – nove em Portugal – não se ouve nem uma mosca. No coração da noite, uma grande densidade de silêncio surpreende-me e não consigo dormir.

17.Abril.2016

Hoje não consegui levantar-me cedo, pois além de não ter dormido nada, não estou habituada a acordar com o nascer do Sol. Quando acordei, vi que já tinha passado a hora do pequeno-almoço. Por ser domingo, depois da missa das 11h30, o incenso percorre todos os espaços como se os purificasse. Fora isso, tudo cheira a molhado e a mofo. Em alguns sítios, o ar parece até estar estagnado e não se respira muito bem.

Depois de almoço, fui ver o mosteiro praticamente todo, ocupando-me a tarde. A simpática e prestável irmã María del Tránsito, apercebendo-se que andava ali um pouco perdida, disponibilizou-se para me mostrar *la casa*. Cada vez que entrava em alguma sala, era impossível não ficar arrebatada e admirada com a grandiosidade dos espaços, com o pormenor das abóbadas, com os magníficos pés-direitos que quase me faziam um torcicolo, com o silêncio e a paz dos claustros. Até a irmã ficava e já passava ali todos os dias há vários anos.

Os cheios e os vazios fazem-me fixar na luz que entra pelos claustros que, por sua vez, reflete nas paredes e no pavimento. Aqui dentro, a iluminação não depende dos homens e não é preciso ligar um interruptor, pois eles diriam que a luz é a mãe-natureza que fornece. A luz não é sempre igual, altera de acordo com as horas do dia, a estação do ano ou o clima, o que permite diferentes claridades ao longo do tempo, fazendo os espaços pulsarem em resposta, parecendo pequenos em condições de escassa iluminação e ampliando-se com uma maior intensidade de luz.

Hoje está um dia geladíssimo ou então sou eu que não estou habituada ao clima do norte de Espanha. É tudo tão frio aqui: os corredores, o chão, as paredes, a pedra, o ar. Devido às várias infiltrações que afetam o mosteiro, praticamente todas as superfícies estão impregnadas de humidade, musgo e verdete. Tenho de andar sempre com várias camisolas vestidas, o casaco de pelo, o cachecol e as luvas. Ainda assim, não estou quente. Claramente até lá fora estará mais calor do que cá dentro.

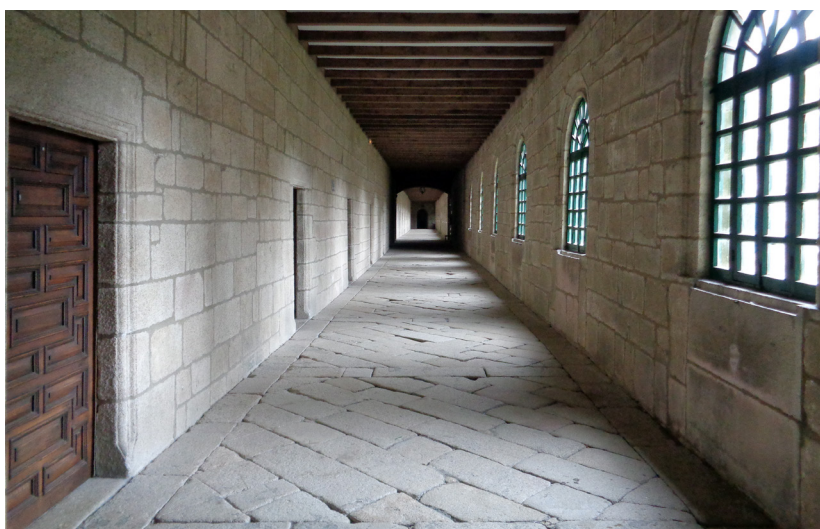


70. | 71.

Vista da varanda do meu quarto da
hospedaria

72.

O corredor vazio da ala da hospedaria



Durante todo o dia há silêncio. É difícil encontrar alguém nos corredores ou nas escadas, só eu e a irmã andamos por aqui. Ainda só vi os monges uma vez, pois eles encontram-se na parte da clausura que não se pode ver.

Outra coisa que achei estranhíssima foi não encontrar nenhuma instalação sanitária de serviço, o que seria de esperar pela dimensão do edifício. Na verdade, só existem instalações sanitárias nas celas da hospedaria e, suponho, nas celas dos monges. Mas seria de esperar que assim fosse, já que no planeamento monástico cisterciense não estavam previstas.

A vista do quarto da hospedaria é lindíssima, seria capaz de olhar esta paisagem todas as manhãs com a mesma surpresa. As montanhas e as árvores aqui à volta parece que nos protegem mas também nos isolam. Do outro flanco da estrada, mesmo em frente às varandas dos quartos da hospedaria, o rio Oseira corre com a mesma rapidez e energia todos os dias, como se estivesse com pressa para chegar a algum lugar.

Neste segundo dia, continuo com a sensação que é impossível sair daqui de dentro. Há becos sem saída ou é impressão minha?

18.Abril.2016

Parece-me que estes monges têm um dia a dia sempre igual, mas talvez faça esta suposição porque nunca os vejo sem ser na capela, onde se dirigem sete vezes por dia para as *Vigilias*, as *Laudes*, o *Ofício de Terça*, o *Ofício de Sexta*, o *Ofício de Nona*, as *Vésperas* e as *Completas*. O som do sino vai marcando os vários pontos do dia: os momentos de oração e os momentos de trabalho. Confesso que não estava habituada a este ritual, que apesar de achar engraçado no primeiro dia, começou levemente a irritar-me no terceiro dia.

A jornada dos monges brancos começa ainda de noite, às 5h30 da manhã. Ao terminar as matinas, os monges têm um tempo longo de meditação e contemplação pessoal, onde se dedicam à leitura espiritual e à reflexão profunda.

São sete da manhã. Abro a porta do quarto e espreito lá para fora. Tudo deserto. Acho que já não vou a tempo das *Laudes*, a principal oração da manhã. O Sol está a nascer e não se vê nem se ouve ninguém, apenas o rio lá fora. A débil luminosidade da aurora começa a entrar pelas janelas da galeria da hospedaria. Nos recantos só há escuridão. Há sempre a constante sensação de estar sozinha, mas não com medo.

73. | 74.

Aqui existem infindáveis portas e corredores que vão dar a lugares que não se sabe quais são as suas funções agora. Mas no fundo não foram *esquecidos*, pois a qualquer momento podem servir de refúgio para quem procura o sossego e a meditação



75. | 76.

A simplicidade e o silêncio do *Claustro de los Pináculos*



77. | 78.

Aqui as únicas cores são as da pedra e da natureza



Passada uma hora e meia, vou ao *desayuno* que tão bem me soube e me fortaleceu, como se também eu me estivesse a preparar para uma longa jornada de trabalho. De repente, o sino chama-nos: hora de *Terça*.

A seguir, os monges acodem às suas tarefas e eu vou perder-me no meio de tantos corredores, escadas e portas. É inevitável. Há tanto para ver cá dentro que nem sequer vale a pena ir lá fora ainda. Esconderijos que me fizeram pensar que ninguém sabe que existem ou que foram esquecidos, corredores que vão dar a sítios inesperados e sempre diferentes, várias portas e muitas escadas, que nem sei onde vão parar.

Os silêncios absolutos são um choque, tenho a impressão que se desse um grito aqui, isto desabava tudo. Os espaços parecem frágeis por serem antigos, mas ao mesmo a robustez das paredes e dos pilares dá um carácter de força e resistência ao edifício, quase como se se tratasse de uma fortaleza.

A espera que algo aconteça torna-se desconfortável. A solidão que este local é capaz de impor dá a sensação que todo o edifício está a fechar-se sobre nós. Passa-me pela cabeça a associação do Céu a este *mundo* à parte, no qual estas pessoas se isolam e se escondem.

A cor não existe nesta obra, característica típica cisterciense. É tudo muito cinzento – paredes, teto, chão - mas, ao mesmo tempo, muito claro e muito sóbrio. A única cor é a da natureza envolvente e a dos jardins dos claustros.

O *Claustro de los Pináculos* prende-me pelo silêncio e pelo calor confortável que lá se sente, fazendo-me sentar nos degraus e ficar ali um bom tempo a admirar toda a sua extensão e até a apanhar um bocado de sol na cara. Vou lá muitas vezes para ouvir o murmúrio da água a correr da fonte. Sinto uma espécie de elevação angelical, como se estivesse numa outra dimensão.

A ala Este foi reconstruída no século XVII depois de ter ficado em ruínas. Acolheu o dormitório, dentro de um estilo construtivo modesto mas harmonioso, que impressiona pela sua fachada e pelas mísulas que sustentam as varandas. No extremo Sul desta ala, ergue-se um torreão que abriga uma pequena capela para os hóspedes e um miradouro fantástico.³³

Atualmente é a hospedaria monástica, com celas confortáveis para todos os que procuram em Oseira o silêncio e o sossego. É a área mais recente, mas como está edificada com o mesmo material construtivo – granito – no pavimento, nas paredes e nos arcos, não se distingue já a parte velha da nova. A poderosa humidade entranhada na pedra lembra-me a passagem do tempo e faz-me sentir a história deste lugar. Aqui existe um passado e o novo – que já não é assim tão novo – respeitou-o ao tentar ser como ele.

³³ Yáñez Neira, Fr. D. & González García, M. Á. (1996). *El Monasterio de Oseira*. Léon: Edilesa, p. 116

79. | 80.

Biblioteca - séc. XVI



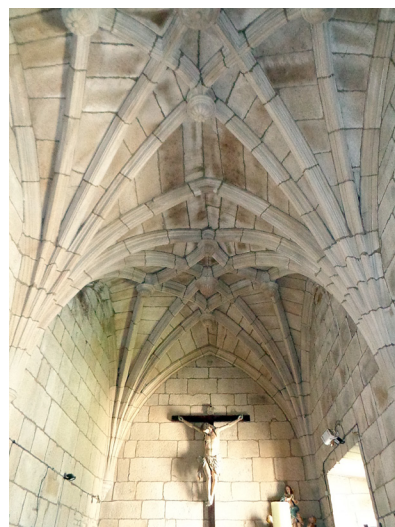
81.

Entardecer em Oseira



82. | 83.

Capela dos monges



Ao fundo do corredor da hospedaria, há uma porta rematada por um pequeno frontão no qual se pode ler a placa 1766, que se abre para o assombroso salão onde dormem os livros. Esta porta foi, em tempos, carregada de simbolismo: o seu perfil representava o de uma coruja ou de um mocho, alegoria da sabedoria, conceito que convinha a uma biblioteca.³⁴

A construção de pedra que alberga a biblioteca data do século XVI, que acabou por ser decorada com as típicas estantes de madeira do século XVIII, do estilo rococó, que todos conhecemos das bibliotecas antigas. Aqui, a luz invade o salão através de uns enormes janelões retangulares.³⁵

As suas abóbadas de arestas, os seus livros antiquíssimos, alguns do século XVII, e as suas relíquias valiosas tornam este espaço numa beleza rara e única. Para aceder ao varandim do segundo piso, existem umas escadinhas laterais de madeira entre a estrutura das estantes e as paredes de granito. Subo-as e deixo-me estar lá em cima durante um bocado a apreciar toda a extensão da biblioteca. Sob este mundo dos livros, situa-se o albergue de peregrinos, igualmente monumental e da mesma dimensão, com uma abóbada de canhão de pedra.

Ao cair da tarde, o eco do sino nos campos e nos claustros anuncia o final dos trabalhos do dia, as *Vésperas*, onde mais uma vez os monges cantam os salmos da tarde, antes de jantar.

Todos os dias é o mesmo ritual. A experiência do aborrecimento. Sim, passei por isso. No princípio ainda se aproveita o tempo a ler um livro, a percorrer os claustros, a seguir estritamente as horas das orações... No entanto, foi preciso ultrapassar esse muro do tédio para que acontecesse alguma coisa. Tal como os monges faziam, foi preciso aceitar estar só, no silêncio, sem nada para fazer.

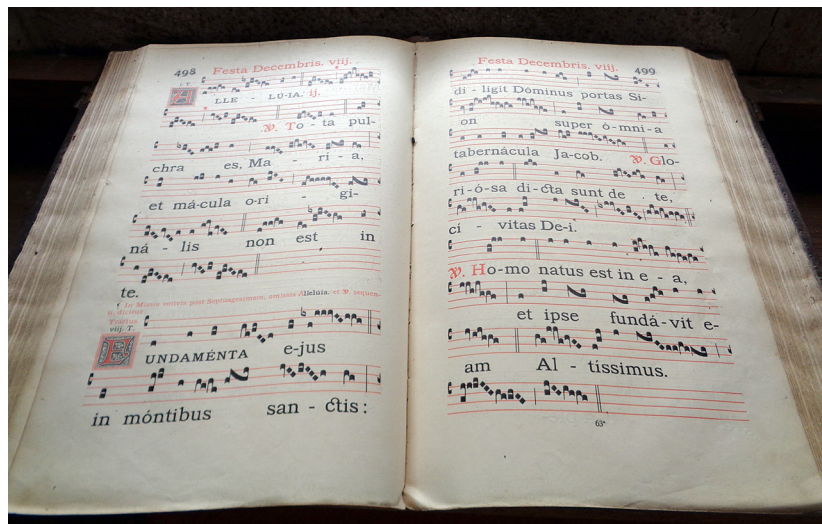
A capela dos monges acabou por se tornar o meu lugar preferido. Dá-me a sensação de ser mais quente e mais confortável. Há orações que se cantam às escuras e outras em que se acendem algumas luzes, que se assemelham a uns archotes cravados nas paredes. Mas é quando as luzes se apagam e as vozes dos monges ecoam por todo aquele espaço, que eu sinto as paredes a vibrarem e a sensação de arrepio pela espinha acima.

As *Completas* realmente fazem-me sentir no Céu. Para os monges, a última oração tem um significado de gratidão e bênção por mais um dia feliz.

Lá fora já é noite cerrada e não se vê nem um candeeiro de rua aceso. A paz e o silêncio da noite envolvem os muros do mosteiro e ninguém sabe que estamos aqui. Fecho os olhos e só se ouvem aqueles cânticos gregorianos em latim, cuja letra nem entendo o que significa, fazendo-me recordar apenas algumas canções de embalar que ouvia em criança.

³⁴ Yáñez Neira, Fr. D. & González García, M. Á. (1996). *El Monasterio de Oseira*. Léon: Edilesa, p. 116

³⁵ *Ibidem*, p. 117



84.

Ora et labora é o lema que marca a vida dos monges cistercienses. A alternância equilibrada entre a oração e o trabalho é considerada como o melhor caminho em direção a Deus.

Esta atmosfera que se cria à minha volta faz dar asas à imaginação e ao devaneio. Os sons ressoam em toda a capela, cuja acústica é incrível. Apetece-me ficar ali e adormecer. Há aqui uma tranquilidade tal que duvido que em qualquer outro edifício ou lugar seja possível atingir-se esta paz interior como a que sinto aqui.

Termina-se assim o dia de *ora et labora* com a *Salve* cisterciense, que me enche com uma paz de espírito única. À saída, o Superior abençoa cada um com água benta, que nos prepara para irmos dormir. Todos se dirigem à sua cela e mais nada se ouve a partir daí.

19.Abril.2016

Mais uma vez, durante o dia não me cruzo com nenhum monge. Começo a perceber que a organização espacial do mosteiro foi efetivamente pensada ao pormenor. Este esquema previu que os caminhos, que levam a comunidade de um espaço até outro, fossem os mais curtos e rápidos possível. Assim, não haveria desvios desnecessários nem encontros que atrasassem os monges e os distraíssem das suas obrigações. Provavelmente, mesmo na zona da clausura, cada um faz o seu caminho separadamente, tentando seguir sempre os mesmos corredores. Até os passos devem estar contados.

Durante o dia, os monges brancos dedicam-se aos seus ofícios, quer seja a pintar, ou a fazer compotas e o famoso licor, ou a tratar da agricultura, ou a tocar órgão, ou a arranjar qualquer coisa que esteja em mau estado no mosteiro. São pessoas sérias, que à primeira vista parecem desagradáveis, mas são muito simpáticas. Como pessoas calmas e serenas que são, conseguem transmitir tranquilidade. Não falam mais do que devem, falam apenas o necessário quando têm que dizer algo. Não existem momentos destinados a conversar. Em ocasiões especiais, como por exemplo no aniversário de um monge, falam uns com os outros e até podem tomar um café. Porém, não aguardam esses dias com impaciência, alguns até podem mesmo não participar na conversa, limitando-se a ouvir.

A vida deles confine-se às áreas localizadas a Sul do mosteiro. Por isso, aceitei a ideia de que tinha todo o resto do mosteiro só para mim. Podia andar à vontade por todo o lado, sem medo de estar a perturbar alguém, porque já sabia que onde me encontrava, à partida, não estaria mais ninguém. Há tanto para ver; cada dia uma coisa nova, até mesmo em locais onde já passei diversas vezes.



85.
A textura e o envelhecimento do granito

86.
Placas nas paredes que dão conselhos sobre a forma de estar ou que indicam o local onde nos encontramos



87. a 89.
A forma e a dimensão dos espaços revelam-se diferentes daquelas que já conhecia de fotografias. O silêncio e os ecos então... são uma experiência única.

90. a 94.
Agora que já conheço melhor o mosteiro, descobri um refúgio espetacular, com vistas de *outro mundo* e só meu: o torreão do miradouro.



Ao conversar com o padre superior Alfonso Lora Astudillo, este dizia-me que o espaço os condiciona mas que também a comunidade condicionava o espaço. *El espacio nos condiciona y nosotros condicionamos el espacio*. Dou por mim a pensar: que edificação, que não esta, possibilitaria este propósito de vida, esta missão? Que espaços melhores permitiriam os rituais, as orações, a reflexão, as procissões, que não estes claustros, esta natureza, esta acústica, esta paz típica dos cistercienses?

O edifício está repleto de memórias do passado. Os lugares cheiram a velho, a incenso e a pedra. Quase que consigo sentir o seu gosto na minha boca. A construção é silenciosa, respeitando também a solidão e o silêncio dos monges. Não há aqui nada que os perturbe, nada que os distraia do que é mais importante. Os silêncios e o eco acabam por ser os sons do próprio edifício e a única luz que entra e ilumina vem de lá de fora da mãe-natureza, do Sol.

A forma e a espacialidade das salas é diferente das que conheço das fotos. Ao contrário do que se espera, acabam por ser mais imponentes e arrebatadoras, fazendo-me ficar de boca aberta quando olho para as abóbadas de pedra ou para os grandes pilares maciços, que não se cansam de ficar de pé para aguentar este mosteiro.

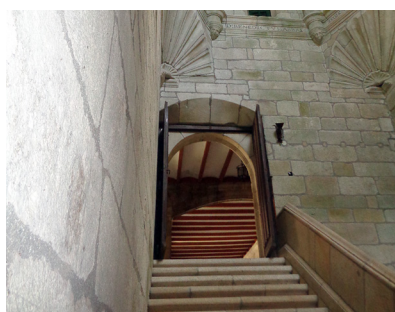
Existem algumas inscrições nas paredes que explicam os locais onde se encontram, algumas do que foram antigamente e outras do que ainda são. O próprio mosteiro vai acompanhando os anos de vida destes homens e envelhecendo com eles. É quase uma espécie de museu, um *museu vivo*, onde se pode admirar a arte e a arquitetura mas também as pessoas que o percorrem, num ambiente de calma, reflexão e bem-estar.

Os pavimentos do mosteiro são em granito, nivelados mas com irregularidades nas pedras. Ouvir aqui os passos de alguém é muito diferente do que ouvir caminhar num piso contemporâneo de mármore ou de soalho de madeira, o que torna também esta arquitetura ainda mais sensorial do que outras. O som vai e vem à medida que vou andando. Os corredores, por vezes, parecem-me um labirinto sem saída. Mas agora já os conheço melhor, embora nunca a cem por cento.

A envolvente do mosteiro é pura natureza: montanhas, árvores, rio, gado, pomares, hortas. Quilómetros de campos sem fim e que pertencem às terras de Oseira.

20.Abril.2016

A escadaria principal, *Escalera de Honor*, pode-se alcançar através do *Pátio de los Caballeros* ou do *Pátio de los Medallones*. No topo, à direita, há uma porta fechada que calculo que conduziria ao piso superior do *Claustro de los Caballeros*, onde seriam antigamente as celas dos monges.



95.
A porta que abre para o piso superior do *Claustro Reglar* onde se encontra o antigo refeitório monástico

96.
Antigo refeitório - séc. XVI, reconst. anos 80

97.
Escadas do púlpito

98.
Escalera de los Obispos - séc. XVI

99. | 100.
Abóbada de cruzaria octogonal da *Escalera de los Obispos*

101. | 102.
Coro alto da igreja românica



À esquerda, a porta que leva ao piso nobre do *Claustro de los Medallones*. Atravessando essa porta, imediatamente à direita, encontra-se o extraordinário refeitório monástico, dentro da mesma estética renascentista, onde antigamente os monges, quando o seu número ainda o justificava, faziam as suas refeições. Assim que entro, fico espantada com este enorme salão retangular e com o seu pé-direito, que me faz sentir minúscula. Ao olhar para cima, vejo as três perfeitas abóbadas de cruzaria de estilo gótico.

Apesar de ser do século XVI, o refeitório foi uma das dependências mais arruinadas desde a desamortização de Mendizábal. Foi reconstruído nos anos 80 pelo inteligente Pe. Juan María, que aproveitou e recuperou todas as peças das paredes e das abóbadas, para tentar edificar o espaço como era anteriormente. Dentro da sua sobriedade, tem a majestade de um lugar onde se produzia uma espécie de sacramento: a comida monástica não é uma comida normal, simboliza uma segunda vivência da Eucaristia.

Na parede oposta, em frente à porta de entrada, existe uma porta que leva à cozinha que aqui estava no século XVI. A que hoje se conhece é fruto de uma reforma e ampliação que se faz no século XVIII. Consiste num espaço amplo formado por dois salões, cobertos por uma abóbada de canhão e separados por uma parede com três arcos.

A banca e a pia, com água corrente, situavam-se na primeira divisão, que hoje serve de refeitório da comunidade. Aí, numa das paredes, observam-se arcadas cegas, possivelmente de construções anteriores. O outro compartimento abriga a cozinha propriamente dita com a sua monumental chaminé. Na hora da comida, primeiro entram os doentes, os que têm tarefas na cozinha e os que servem à mesa. Depois os outros monges entram por ordem, primeiramente os superiores e a seguir vão entrando os outros, colocando-se cada um no seu lugar.

Ao fundo do salão do refeitório monástico, também do lado direito, destaca-se um púlpito que servia para lerem o Evangelho durante as refeições. Para subir ao púlpito existe uma passagem com umas escadinhas, dentro das paredes de pedra. Essa mesma passagem conduz ao *Claustro del Solarium*, o qual já pertence à clausura e ainda não pude ver, apesar de conseguir espreitar.

O piso superior do *Claustro de los Medallones* leva-me à hospedaria, onde se passa pelo *Claustro de los Pináculos*, e ao coro alto da igreja. Num dos ângulos do *Claustro de los Medallones*, abre-se uma porta tardo-renascentista decorada com cabeças de querubins, que conduz à *Escalera de los Obispos* do século XVI. Denomina-se assim graças às caras dos abades do mosteiro e dos santos da Ordem, que decoram a belíssima abóbada de cruzaria octogonal, cujos nervos se apoiam em mísulas ornamentadas com cabeças de homens.

Qualquer pessoa se sente pequena neste monstruoso mosteiro, que aqui descansa nesta paisagem e faz parte dela, com as suas fortes e pesadas fundações que já devem ser raízes. As paredes exteriores têm um metro ou mais de espessura. Um metro de pedra!

103. a 111.

Interior da igreja - séc. XIII



Hoje fui ver finalmente a igreja, que é realmente um espetáculo, considerada uma das obras-primas da arquitetura cisterciense da Península Ibérica. Construída em estilo românico ogival, tem planta de cruz latina com três naves longitudinais e transepto. As naves estão separadas por pilares com colunas embutidas, cujos capitéis são decorados com motivos vegetais.

A nave central, a mais larga e mais alta, é coberta por uma abóbada de canhão apontada, ligeiramente aperlada com arcos torais simples e de arestas bem marcadas.

Por sua vez, as naves laterais são mais baixas e mais estreitas, igualmente cobertas com uma abóbada de canhão apontada. A única iluminação que recebem é graças a umas pequenas janelas, com arco semicircular, colocadas intervaladamente uma por cada tramo.³⁶

A cabeceira consiste numa capela semicircular e é uma imitação da da Catedral de Santiago de Compostela, em torno da qual se desenvolve uma girola com cinco capelas radiais, apesar de hoje em dia as originais terem sido modificadas.³⁷ Aí, pode-se admirar a valiosa imagem da *Virgem do Leite* do século XIII, padroeira do Mosteiro de Oseira, de uma doçura indescritível.

O transepto destaca-se tanto em planta como em alçado. É formado por uma só nave transversal com abóbada de canhão apontado, tal como as naves longitudinais. No século XIII, construiu-se um zimbório com uma elegante cúpula no cruzeiro, adornada com pinturas barrocas e estátuas dos santos da Ordem de Cister.³⁸ Aos pés do templo, ergue-se o coro alto sobre uma interessante abóbada plana do ano de 1550 que protege o nártex e cuja construção, ouvi dizer, foi muito custosa e complicada.

Como era percetivo nas igrejas cistercienses, a decoração escultórica é praticamente nula. Esta escassez ornamental engrandecia a sua monumentalidade arquitetónica e, na verdade, quando contemplo toda a igreja, são nas suas nobres paredes de pedra nua e no seu pé-direito gigantesco que reparo. Os acessórios supérfluos tornam-se dispensáveis.

A escassa e controlada luminosidade, que entra pelas minúsculas janelas românicas, consegue, ainda assim, atravessar estas paredes maciças e robustas, gerando fantásticos e misteriosos jogos de luz e sombra. Nesta igreja pobre em cor, a luminosidade faz-me focar nestes elementos, nas proporções e no número de aberturas. *Os sentidos deleitam-se com as coisas que têm as proporções correctas*, já dizia São Tomás de Aquino.

E, como já a minha avó dizia, quando vemos algo que nos impressiona, esse momento permanece connosco para toda a vida. Pois então, vou guardar para sempre a memória deste mundo sombrio e gigantesco, pois esta atmosfera de paz, de silêncio e de mistério intimidou-me e fascinou-me ao mesmo tempo, despertando em mim a vontade de querer ver e descobrir sempre mais.

³⁶ Yáñez Neira, Fr. D. & González García, M. Á. (1996). *El Monasterio de Oseira*. Léon: Edilesa, p. 31

³⁷ *Ibidem*, p. 26

³⁸ *Ibidem*, p. 35



112.

Puerta de los Muertos

113.

Vista exterior da *Puerta de los Muertos* e à esquerda a *Capilla de San Andrés* - séc. XIII



114.

Vista exterior da igreja

115.

Cemitério do povo e cemitério dos monges



116.

A escadaria que conduzia ao antigo dormitório dos monges

117.

A entrada de luz pelo zimbório da estreita escadaria



118. | 119.

Sacristia - séc. XVI

No braço esquerdo do transepto, virada a Norte, abre-se a *Puerta de los Muertos*, que interiormente tem um traçado muito simples, com um arco ligeiramente apontado. É assim denominada por estar próxima do cemitério monástico. Os mosteiros são um lugar onde a vida acontece, mas chega um momento em que essa vida terrena dos monges acaba e, depois de se terem entregado a Deus e de servirem os outros, os seus corpos morrem mas os espíritos renascem numa nova vida. Pelo menos, assim acreditam os monges, sendo o cemitério um lugar especial para eles, pois é o objetivo último das suas vidas. Não se tornaram monges para viverem como monges, pois poderiam ter uma vida feliz de qualquer maneira, mas sim para morrerem no seu mosteiro. Aqui veem-se vinte tumbas simples, cada uma delas com uma cruz de pedra sobre a qual se vê um nome e uma data. Sobre cada tumba cresce um arbusto de buxo, símbolo da vida eterna, recortado em forma de cruz.

No braço direito do transepto, situa-se a porta de comunicação da igreja com o *Claustro de los Medallones*, realizada no século XVI num estilo renascentista muito difundido nesta época. Com um arco semicircular, tem o entablamento coroadado por um relevo em forma de frontão, que representa o Pai Eterno, entre as figuras simbólicas da Força e da Justiça.

Tal como na planta ideal dos mosteiros cistercienses, existe uma estreita escadaria do século XVI, que nos leva ao piso superior do *Claustro de los Pináculos*, que servia para comunicar diretamente a igreja com o dormitório, facilitando assim o acesso dos monges nas horas noturnas. Uma abóbada de caixotões cobre a área dos degraus, por sua vez ornamentados com pontas de diamante como na escadaria principal.

No topo das escadas, existe um zimbório coberto por uma pequenina, mas belíssima, abóbada de cruzaria que me chama a atenção. Pelas pequeninas janelas entra uma réstia de luz que dá àquele passadiço um carácter misterioso e, ao mesmo tempo, tranquilizante.

Ainda do lado direito do transepto, sobrevive uma porta do século XVIII que se abre para a antiga sacristia. A porta fez-me lembrar as entradas para os templos gregos clássicos, pois está decorada com um grande frontão triangular e pilastras caneladas de ordem jónica, algo raríssimo na arquitetura galega.

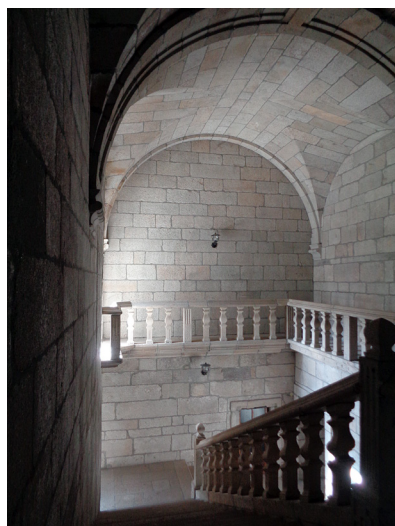
A sacristia é edificada nas primeiras décadas do século XVI, com uma abóbada de cruzaria bastante rebaixada, cujos nervos partem de mísulas situadas a meia altura. As pedras angulares estão ricamente decoradas e policromadas com escudos da Ordem de Cister, dos reinos de Castela e Leão, assim como com formas geométricas e estreladas.

A antiga e vistosa sala do capítulo, contígua à sacristia, data de fins do século XV e é o espaço mais pitoresco do mosteiro, cuja entrada consiste numa porta típica do barroco do século XVIII.

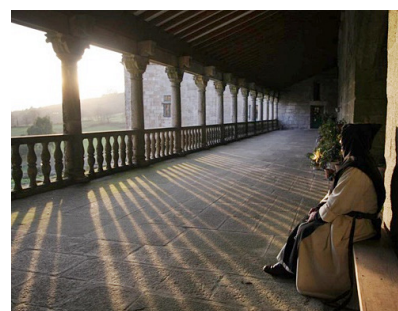
120.
Antiga sala do capítulo, conhecida como
Sala de las Palmeras - séc. XV



121. | 122.
Escadaria do dormitório dos monges -
séc. XVII



123. | 124.
Claustro del Solarium, reservado à
clausura



A planta quadrada é a mesma que tinham as salas capitulares dos mosteiros cistercienses medievais. Edificada sobre implantações tardo-góticas, é uma sala com preciosas e complicadas abóbadas estreladas, cujos nervos arrancam diretamente de quatro colunas centrais de fustes torcidos e fantasiosos, que brilham pela sua originalidade. É conhecida como a *Sala de las Palmeras* e, na realidade, dá vontade de tocar na textura daquelas colunas que se assemelham a troncos de árvores.³⁹

Das paredes, os nervos partem igualmente de mísulas, umas simples e outras decoradas. Esta sala é a mais nobre e ornamentada do mosteiro, característica pelos seus relevos, motivos vegetais e rostos caricaturescos. Estão presentes duas realidades nesta sala: a harmonia do *ora* e o movimento do *labora*.

A igreja não costuma ser utilizada agora nestes tempos mais frios, devido à humidade, que é aqui mais intensa, e às infiltrações. Assim, aqui permanece fechado e poirento um corpo arquitetónico de incomparável beleza, onde o ar se tornou rarefeito e viciado.

Depois da restauração, os monges passaram a acomodar-se num edifício situado a Sul do conjunto monástico, o antigo dormitório de anciãos e doentes, junto ao *Claustro del Solarium*. Este dormitório do século XVII procurou a melhor orientação para receber iluminação e calor abundantes.⁴⁰ Possui três pisos, sendo que os monges mais velhos presidem o topo do edifício. De uma grande sobriedade construtiva, a fachada apresenta rasgos dispostos ritmicamente e com simples molduras a adornar.

Ao lado da capela dos monges, localizada junto da clausura, existe uma escadaria que faz a comunicação entre os pisos do dormitório de anciãos. Seria impossível saber que existia esta escadaria se não abrisse a porta para espreitar. É um espaço tão silencioso e tão vazio que dá logo a sensação que é proibido entrar ali, como se fosse um lugar reservado apenas aos deuses. No entanto, não deixou de me impressionar pela simplicidade e claridade do material construtivo.

As horas aqui passam mais devagar. Parece um mundo de fantasia, onde o tempo finge parar. Claro que a paisagem envolvente também ajuda. Numa cidade, não existe o verdadeiro silêncio nem há um único dia que seja tranquilo. Na maior parte das vezes, a vida passa-nos ao lado por causa da imensidão de realidades banais que nos vão distraíndo. Na cidade, onde o tempo urge e corre, o quotidiano das pessoas é rápido demais e a palavra *tempo* tem outro significado. Em Oseira, o *tempo* também existe e desvanece-se de igual forma, mas dá-me azo para fazer tudo e mais alguma coisa, principalmente para viver devagar. Só por isso, o mosteiro mostra uma outra faceta do mundo, a *divina*.

³⁹ Yáñez Neira, Fr. D. & González García, M. Á. (1996). *El Monasterio de Oseira*. Léon: Edilesa, p. 63

⁴⁰ *Ibidem*, p. 111



- 125. Muralha da antiga cerca
- 126. Vista exterior da igreja
- 127. Hospedaria virada a Nascente
- 128. As janelas pequeninas da ala da hospedaria, assemelhando-se a uma prisão
- 129. Vista exterior do mosteiro

Pensei, no início, que os monges se aborreciam aqui, acabando por morrer sozinhos de tédio. Porém, agora entendo que haverá sempre algo para fazerem. O mosteiro aparenta não ter fim e as coisas para arranjar e para se entreterem também não. Um é pintor, outro é eletricista, outros tratam do licor, outros do gado, outro da agricultura, outro é hospedeiro, outro é prior e conduz as visitas aos turistas, outro já foi bibliotecário, outro deverá ser o cozinheiro, etc. Ainda há uma irmã concepcionista que lava e cose a roupa. No fundo, como nas grandes cidades, onde cada um tem o seu ofício, trabalhando durante o dia, parando para comer e descansar – no caso dos monges, rezar – e dormindo à noite. E o mosteiro é a sua cidade, a sua aldeia. É um edifício que alberga múltiplas funções e são eles que tratam dele e o estimam.

As janelas da hospedaria estão viradas a Nascente e, de manhã, o sol entra dentro das *habitaciones*; o *Claustro del Solarium* e o dormitório dos monges virados a Sul; a igreja e a entrada principal do mosteiro a Norte. Tudo tal e qual como no esquema monástico cisterciense.

Nunca me canso de subir e descer a *Escalera de Honor*. Lindíssima, arrebatadora... À medida que me aproximo da escada, o espaço abre e deparo-me com o seu pé-direito total.

Todas as janelas e varandas do mosteiro me chamam a atenção. É impossível não querer olhar por todas elas. Caminhar pelo edifício evoca diferentes estados de espírito: solidão, paz, seriedade, responsabilidade, reflexão, silêncio, divagação. Cá dentro consigo perceber a ideia de deambulação, pois os corredores incentivam-me a andar e a querer ver o que existe aqui e acolá.

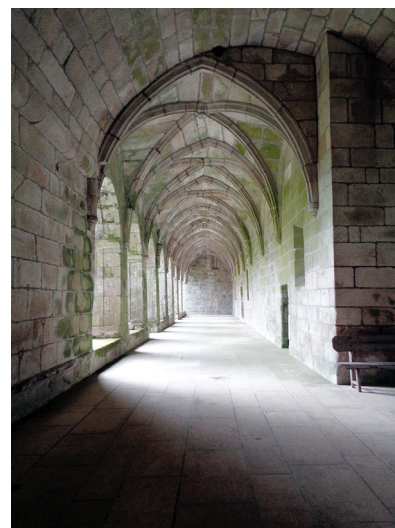
21.Abril.2016

Passados já cinco dias desde que cheguei a Oseira, volto a sair do edifício para tirar fotos do exterior. Os cães seguem-me para todo o lado e fazem-me companhia. São cães monásticos, mansos e calmos, e todos eles têm nome e são cuidados carinhosamente nesta *casa*.

Em redor do mosteiro vê-se uma velha muralha, parte dela em ruínas, que suponho que fosse a antiga cerca.⁴¹ A muralha sem fim acaba por desaparecer por entre as árvores e os quilómetros de paisagens montanhosas, a perder de vista, que pertencem ao mosteiro.

Este panorama verdejante e paradisíaco delicia-me os olhos e é quase como se fosse também uma grande escultura arquitetónica possível de percorrer. Esta obra situar-se em outro lugar qualquer seria impossível, pois penso que ficaria completamente descontextualizada.

⁴¹ Yáñez Neira, Fr. D. & González García, M. Á. (1996). *El Monasterio de Oseira*. Léon: Edilesa, p. 127



130.
Tahona (antigo celeiro)
131. | 132.
Dormitorio de Ancianos - séc. XVII
133. a 135.
Pátio do *Solarium*
136. a 138.
Claustro del Solarium
139.
Fachada Oeste do conjunto monástico
140.
Os campos de Oseira onde pasta o gado
141.
Padre Rafael no seu passeio de meditação

O facto de o mosteiro se situar junto a um rio torna este lugar ainda mais especial e único. A própria água, símbolo da origem da vida, relaciona-se com a filosofia de vida dos cistercienses pelo poder sagrado que tem em purificar o espírito e abençoar os homens. Antigamente, os monges de Oseira chegaram a fabricar manualmente quilómetros de cantarias de pedra que traziam a água da nascente, localizada a quilómetros de distância, até ao seu edifício.

No mosteiro não há muita dissemelhança entre o novo e o velho. Poderá apenas notar-se, nas zonas mais recentes, que a espessura da argamassa das juntas das pedras é maior do que nas partes mais antigas. Fora isso, por causa do clima agreste da Galiza, o edifício envelhece como um só, naturalmente.

Vistas de fora, as janelas da hospedaria parecem pequenas como as de uma prisão, mas suficientes para entrar uma luz moderada e controlada. Do lado Sul, vejo o *Solarium* e o dormitório dos monges. O *Pátio del Solarium* não se encontra tão bem tratado como os outros. Ao ser um meio pátio, oferece um panorama fantástico sobre os vastos campos do mosteiro, pois não é encerrado do lado Sul. Graças à inteligente e privilegiada orientação do dormitório, os monges desfrutam das melhores vistas.

Neste pátio existe uma galeria com arcadas e a vista através dos seus arcos é completamente diferente daquilo que se vê num claustro com quatro alas. A paisagem transforma-se num quadro vivo.

Pelo caminho, encontro o Padre Rafael sentado num muro perto das hortas e fico à conversa com ele. Já leva oitenta anos no mosteiro e eu pergunto-me o que faz um andaluz, habituado ao Sol, na Galiza, onde chove sempre, onde há musgo e humidade. Na verdade, não interessa muito a resposta, porque basta ver o brilho nos seus olhos.

Aqui neste lugar, os monges trabalham incansavelmente para o bem do mosteiro e da comunidade. Aqui neste lugar, têm tudo o que precisam para viver: água e comida, cama e roupa lavada, oficinas e hortas, igreja e claustros. Chegaram a ter um colégio de meninos, onde educavam e alimentavam gratuitamente os filhos das famílias mais pobres da região.⁴²

Diariamente os monges lutam contra o sono e levantam-se a meio da noite, vestem o seu hábito e percorrem os longos corredores e a escadaria do dormitório, onde a única claridade que os guia à capela, no meio da escuridão, é a do luar. Já conhecem a geometria da casa e por isso não há necessidade de acender qualquer candeeiro.

⁴² Yáñez Neira, Fr. D. & González García, M. Á. (1996). *El Monasterio de Oseira*. Léon: Edilesa, p. 125



142.
A tranquilidade do vale

143.
O noviço César contempla a paisagem paradisíaca, uma das *antesalas del paraíso*



144.
Pela clausura, entro no piso superior do *Solarium* e vejo o Padre Plácido ao fundo

145.
Vista do piso superior do *Solarium*



146.
Ao fundo da galeria, encontra-se a porta de acesso à cozinha onde agora comem os monges

147.
A luminosidade do espaço



148.
Um postulante a limpar a sua cela. O trabalho ocupa grande parte da jornada de um cisterciense

149.
Calefactorium

Todos os que chegam a Oseira ficam envolvidos por esta imensidão, mas quando partem sentem-se maiores e mais serenos. O próprio edifício transmite essa tranquilidade. É um lugar a que chamam casa, pois é o lar destas pessoas para toda a vida. Creio que estes homens, sérios mas felizes, conseguem alcançar todos os dias, ao longo da sua jornada, um patamar superior a nós e ao mundo que todos conhecemos.

22.Abril.2016

Quando finalmente o padre superior Alfonso permitiu que eu fosse ver o *Solarium*, senti, durante a breve passagem, que era o claustro mais sereno e mais sossegado. É, de longe, o mais quente, pois o sol do meio-dia invade por ele adentro com todo o vigor. A panorâmica é paradisíaca e fiquei surpreendida quando me disse que este espaço não era muito utilizado.

Anteriormente utilizado como recreio, o *Solarium* era o sítio ideal onde os monges, os anciãos e os enfermos podiam sentar-se ao saírem do refeitório e contemplar esta vista preciosa no Verão e no Inverno, que desde logo lhes dava a saúde que precisavam. No fundo era um pequeno prazer sentir o Sol e ver a paisagem. O padre Alfonso afirma que esta parte é uma das antessalas do paraíso, pois das tantas que existe na Terra, uma delas está aqui, em Oseira.

Em frente e noutra perspetiva mais alta, veem-se os campos e as hortas onde os cistercienses plantam tudo: as batatas, os tomates, os pimentos, as alfaces. Ao longe, ouve-se o rio a correr onde antigamente ainda pescavam. O Padre Plácido é o único monge que se encontra aqui e mete conversa comigo, perguntando-me que faço eu ali sozinha no mosteiro. É eletricista e de uma simpatia contagiante. Também ele é fã do *Solarium* e da paz e do calor que este lhe transmite.

Pelo lado direito há uma porta que leva diretamente à cozinha. Com um acesso assim tão rápido desde o dormitório, passando pelo claustro e chegando à cozinha, não perdem tempo a percorrer os extensos corredores do mosteiro. Do lado esquerdo, continua a clausura, com a passagem para o dormitório, com paredes brancas rebocadas, e a sala do capítulo, onde conversam e refletem sobre todos os temas.

Não consegui entrar no *calefactorium*, a sala medieval mais intimista onde os monges tinham o costume de se aquecerem nos tempos frios.⁴³ No entanto, consegui espreitar por uma janela, situada também no piso superior do *Solarium*, e vi a enorme lareira com a sua chaminé. Esta já tinha tido a oportunidade de observar quando subi ao miradouro.

⁴³ Yáñez Neira, Fr. D. & González García, M. Á. (1996). *El Monasterio de Oseira*. Léon: Edilesa, p. 103



150. a 152.

Num dia solarengo, as cores brilhantes da natureza realçam ainda mais a textura e a nobreza da pedra.



153.

Hoy me marcho!

Hoje está um lindo dia solarengo e as cores estão bem claras. O céu está limpo e de um azul brilhante, a relva parece mais verde que nunca e os cinzentos até se mostram mais alegres. Percorro pela enésima vez os corredores do mosteiro e foco-me nas superfícies de pedra. As paredes são rugosas, com a textura própria do granito e com as falhas que se vão juntando à medida que os séculos avançam. Passo a mão para tocar e são ásperas e maciças. Sinto que são frias, fortes e pesadas. São como um castelo que me protege e que não se derruba por nada deste mundo. São fortes como aqueles que aqui vivem, pois eles próprios acabaram por se tornar também rijos como o seu mosteiro. E assim se vê como uma arquitetura influencia o modo de vida e de ser de uma pessoa.

Tal como todos os edifícios arcaicos de pedra, o cenóbio cisterciense transmite calma. Os pássaros e a natureza são a sua companhia e, tal como o Sol, a chuva vai e vem. Nunca se sabe como será o dia de amanhã, pois aqui não se pensa a longo prazo, apenas se vive um dia de cada vez. Aqui não se trabalha para ter dinheiro no final do mês – a pobreza é um dos nobres votos dos monges -, aqui trabalha-se para se sentirem úteis e valorizados. Este lugar, eventualmente, poderá ser esquecido ou desconhecido por muitos, mas eles não precisam de mais nada nem de ninguém, pois também eles serão esquecidos, mas envelhecerão com uma enorme sabedoria sobre todo o mundo.

23.Abril.2016

E assim, passada uma semana, *hoy me marcho*. O som do sino rompe o silêncio do amanhecer e expande-se pelos muros do mosteiro para convocar todos às *Laudes*. Hoje fiz um esforço e levantei-me mais cedo para ir. Reunidos em redor da mesa do altar, os *meus amigos* cantam salmos de louvor. A eucaristia é o auge da manhã, revigorando-os para iniciar mais uma nova jornada de trabalho.

No princípio, pensei que a minha estadia iria ser um tédio, mas este conjunto monástico e a vida cá dentro revelaram-se uma surpresa inesperada. Quero ficar e quero voltar. Realmente valeu a pena visitar e experienciar a vida dentro de um mosteiro. Por isso não, não se deve estudar arquitetura de qualquer época e estilo apenas por imagens e descrições. É algo que se sente, só quem lá esteve é que sabe e sentiu verdadeiramente a arquitetura. E não foi um edifício qualquer! Foi o *El Escorial gallego*, o maior mosteiro de pedra de Espanha, cuidadosamente restaurado e reconstruído o mais semelhante possível ao que era antes da desamortização de Mendizábal.

154.

São uma espécie de Guardas que guardam um lugar mágico, tal como nos contos de fadas.



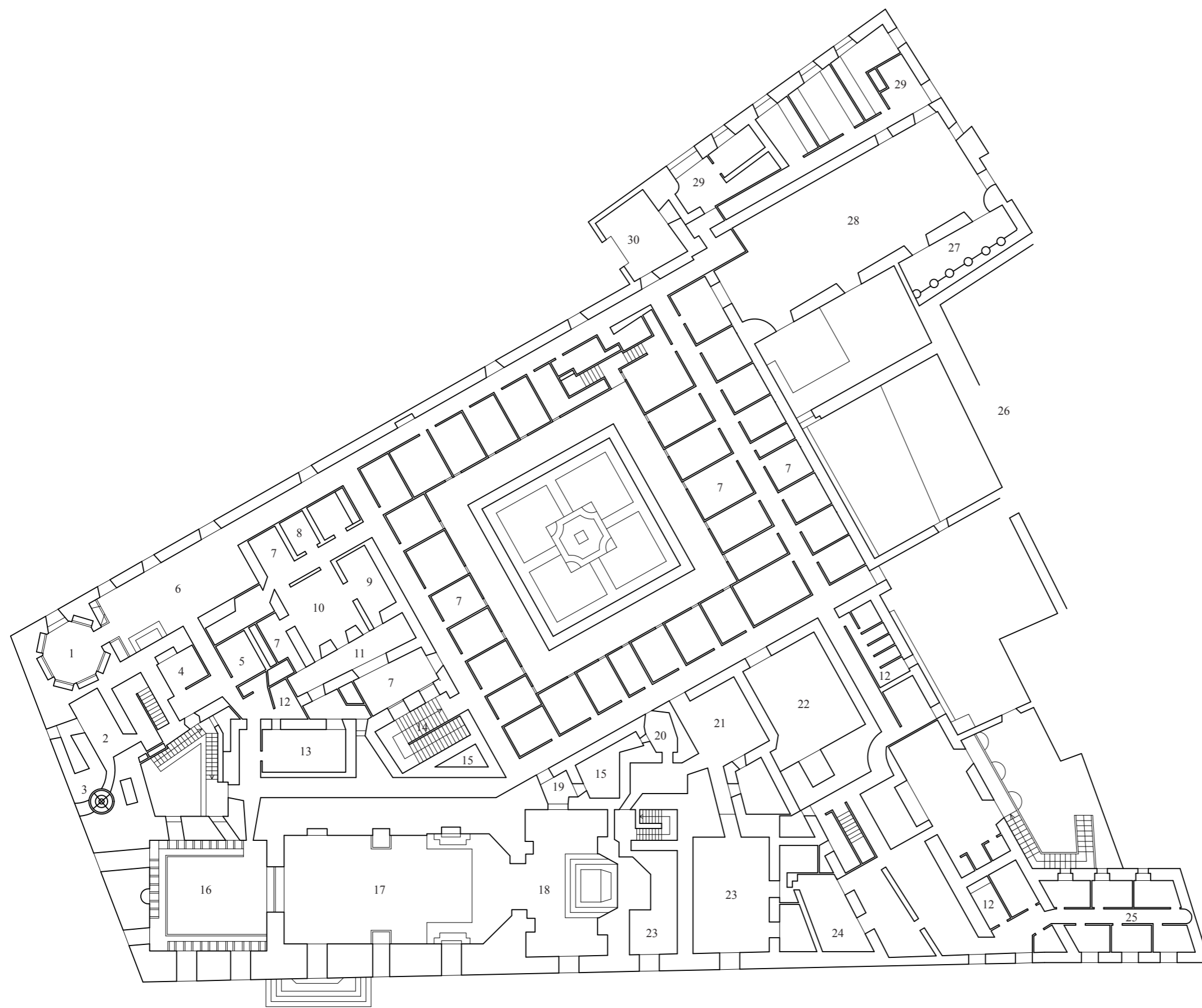
Aqui resistem os monges brancos de Oseira, como grandes pilares que levantam e aguentam o seu velho mosteiro, enchendo-o de vida. São homens serenos que fizeram destes muros o lugar ideal para o trabalho e a oração. Veem a solidão como o melhor caminho para a contemplação e, mesmo pensando que não, levam dentro deles as preocupações de todo o mundo. Não falei com todos eles, apenas com o Superior e outros três. É a regra do silêncio. Saudávamo-nos sem falar, mas sempre com um sorriso e um gesto amigável. Dizem que a sua transparência e alegria de viver contagia todos os que chegam aqui, e é verdade.

São pessoas como qualquer um de nós, com uma incrível individualidade diferente uns dos outros. Enquanto seres humanos, também passam por lutas interiores, têm dificuldades, cometem falhas e têm momentos de fraqueza. No entanto, não são pessoas tristes, são felizes pelo esforço que fazem todos os dias para chegarem a um fim tão alto.

Sem eles, esta arquitetura não faria sentido e tudo desabaria. O edifício detém uma mensagem que vai para além da arquitetura, pois é um símbolo que reúne a fé, a História, os ideais e as vidas de homens humildes que têm uma meta em comum.

Oseira não é um espaço encerrado, como pensava eu, mas sim uma casa aberta a toda gente que procura paz e sossego. Dentro de um mundo caótico, em Oseira encontrei um lugar de descanso, de refúgio e de paz interior. Um lugar que me acolheu e que me retirou das confusões do dia a dia. Um lugar que todas as cidades precisavam ter, de forma as pessoas poderem equilibrar a vida social com a privada. A *prisão* – pensava eu quando aqui cheguei – e o *paraíso* – descobri agora que me vou embora – num só edifício. Os filhos de São Bernardo percorrem-no sozinhos sem nunca saberem se se vão encontrar ou cruzar uns com os outros no seu caminho, mas acabam por sentir, assim, que afinal não estão sós nesta solidão. São uma espécie de Guardas que guardam um lugar mágico, tal como nos contos de fadas.

O propósito da construção foi conseguido? Sim, sem dúvida. Encontra-se no fim do mundo, encravado entre as montanhas e rodeado de árvores, mas é o começo do Céu. E eu estive lá.



- 1 Sala octogonal (Relicário)
- 2 Casa (antigas dependências da casa da fundadora)
- 3 Torre da igreja primitiva (antigo Campanário)
- 4 Quarto da fundadora
- 5 Capela
- 6 Salão grande (Santuário da Nª Sª da Boa Morte)
- 7 Celas
- 8 Cozinha
- 9 Farmácia
- 10 Enfermaria (antigo Noviciado)
- 11 Varanda
- 12 Instalação Sanitária
- 13 Biblioteca
- 14 Escada Conventual
- 15 Saguão de cima a baixo
- 16 Coro alto
- 17 Igreja
- 18 Capela-mor
- 19 Tribuna
- 20 Espaço onde antigamente as irmãs comungavam
- 21 Oratório atual
- 22 Sala do Capítulo
- 23 Sala de confeção de bolos
- 24 Varanda (espaço aberto)
- 25 Noviciado atual
- 26 Cerca
- 27 Varanda sobre a cerca
- 28 Salas de trabalho (antiga Enfermaria)
- 29 Anexos
- 30 Portaria (piso inferior)

155. Planta do piso 1 do Convento do Desagravo do Santíssimo Sacramento do Louriçal



No concelho de Pombal, entre pinhais e arrozais, encontra-se a pequena e histórica vila do Louriçal, outrora fundada por romanos. Foram os séculos XVII e, especialmente, XVIII que viram nascer o monumental *Convento do Desagravo do Santíssimo Sacramento*, onde ainda hoje vivem em clausura as irmãs clarissas.

A sua origem remonta a uma freira, Soror Maria do Lado, que fundou em 1630 o Recolhimento das Terceiras Franciscanas em casa de seu pai. No entanto, a ideia de um cenóbio ampliado avistava-se no horizonte das religiosas e o rei D. João V, ao cumprir uma promessa, ordenou a sua transformação num convento de estilo barroco, cumprindo a planta traçada pelo arquiteto João Antunes. Em 1709, as Escravas do Santíssimo Sacramento integraram-se na Ordem de Santa Clara.

O Convento do Louriçal sobreviveu à ira das Invasões Francesas e das leis liberais e republicanas que determinaram o exílio das suas religiosas entre 1910 e 1928. Contudo, atualmente, o edifício ergue-se imponente para contar a sua história de três séculos. O local escolhido para a implantação do convento mostra-se rodeado de natureza prodigiosa e carregado de significados simbólicos - onde a fundadora nascera, vivera e morrera - e que passariam a ser os fundamentos da vida destas mulheres.

Marcado pelo espírito franciscano e pelo pensamento renovador da Reforma Católica, o Convento do Louriçal surgiu num período rico no qual foi estabelecida a clausura e assumiu o contexto pessoal de onde surgiu, ganhando assim uma vida dinâmica e original que não era vista em outros cenóbios do mesmo século.



156. Vista exterior da igreja das clarissas, a partir do largo junto ao *Convento do Desagravo do Santíssimo Sacramento*, Louriçal - arq. João Antunes e Pe. Manuel Pereira, séc. XVII -XVIII



157. Todas as janelas têm grades de ferro. Não se vê ninguém a espreitar



158. A entrada do convento localiza-se na Rua da Misericórdia. É possível ver uma das arcadas do aqueduto do séc. XVIII que transporta água até à cerca



159. | 160. Entrada do convento



161. Vestíbulo de entrada e *roda*
Corporizando a ideia de abertura condicionada, assoma, em primeiro plano, a portaria, por vezes significativamente desdobrada em “portaria de fora” e “portaria de dentro”. Designada também como vestíbulo, o espaço funcionava, em certa medida, como cartão-de-visita para quem visitava o mosteiro, podendo inclusivamente exibir obras de arte, eventualmente associadas à identidade histórica e canónica da casa. Na sua configuração mais comum, a portaria afigurava-se dotada de duas portas, dando uma para a cerca e, a outra, para o interior do cenóbio. Pela portaria acedia-se à casa da roda - que, de forma rigorosamente controlada, permitia a receção de objetos e bens provindos do exterior -, assim como ao locutório.⁴⁴



VIAGEM E INTERPRETAÇÃO PESSOAL

4.Julho.2016

O Convento das clarissas do Louriçal é (quase) impercetível quando se chega à vila. Quando me acerco do largo junto ao convento, aí encontra-se, meio escondido entre as casas da povoação, um edifício todo branco e imponente, talvez o edifício da vila mais bonito arquitetonicamente. À primeira vista, parece completamente encerrado e nas janelas não se avista vivalma. As janelas têm grades de ferro que dão logo a sensação de que há alguém preso no seu interior.

São dez horas por estes lados e dirijo-me à entrada do convento, situada na Rua da Misericórdia. Através de uma das ruelas perpendiculares a esta, vejo o aqueduto do século XVIII, obra do arquiteto e padre Manuel Pereira, por ordem do rei, que foi construído a fim de levar água para abastecer o convento. Bem conservado atualmente, é um elemento histórico que encanta o Louriçal, onde a água corre pelo seu interior desde a mina até à cerca.

Não se vê muita gente e começo a pensar que se calhar não estou numa vila mas sim numa aldeia, ou então sou eu que estou demasiado habituada ao movimento e ao ruído da cidade.

Estou no vestíbulo de entrada e toco à campainha. Mandam-me aguardar. Fico um bom tempo à espera até que apareça alguma freira. Passados uns quinze minutos, pela *roda* – um genial mecanismo de encontro e separação dos conventos femininos -, mandam-me uma chave para abrir a porta do lado direito. A porta está trancada e tenho de rodar a chave várias vezes até se ouvir o clique.

⁴⁴ Jacquinet, M. L. (2015). Corpos de clausura. Reflexões sobre a arquitectura monástica feminina na época moderna. *digitAR*, 2, 229-237, p. 233



162. A igreja era o local mais complexo do convento no que concerne à separação de sexos. O acesso do padre e do povo à igreja tornava esta num possível lugar de proximidade entre mulheres enclausuradas e homens.



163. A entrada na fachada lateral acabou por se transformar numa marca característica da arquitetura das freiras, reforçando ainda mais a seriedade e o recolhimento que eram impostos às ordens femininas.



164. Interior da igreja, de uma só nave forrada por painéis de azulejo joaninos. O teto é pintado com a representação da Consagração da Hóstia.



165. Coro alto e coro baixo aos pés do templo. A porta que foi colocada na parede do lado direito, em frente à entrada lateral da igreja, é falsa. Está ali para enfatizar ainda mais a ideia de simetria.

Todo este ritual me deixou desde logo curiosa, mas logo sorri porque lembrei-me como estas pessoas santas consideravam o seu cenóbio um lugar sagrado e inacessível a qualquer pessoa que viesse do mundo exterior. Aqui, onde a clausura é levada ao extremo, abrir uma simples porta é proibido, como se até o contacto com a própria porta, que separava o mundo divino do mundo terreno, fosse algo profano.

Abro a porta e dentro da salinha, ao fundo, encontra-se a Madre Superiora do convento que há trinta anos entrou no claustro do Louriçal, com apenas dezoito anos de idade. Ainda assim, o primeiro gesto de Maria de Fátima foi sorrir.

As paredes caiadas de branco são iguais tanto no exterior como no interior. Este edifício do século XVIII contrasta bastante com o Mosteiro de Oseira do século XII. As diferenças são notórias, tanto na arquitetura como no estilo de vida. Contrariamente à envolvente verde e silenciosa do mosteiro, aqui a envolvente é uma pequena vila onde as casas das pessoas foram rodeando completamente o convento, sendo que os únicos espaços sobrantes são as ruas. Já se começam a ouvir ruídos citadinos, como crianças a brincar, pessoas a conversar no meio da rua, carros e motos a passar. Não se ouve o som calmante de um rio ou do vento a bater nas janelas.

Típico das comunidades religiosas de origem franciscana, normalmente situavam os seus humildes conventos em povoações pequenas e pobres, com o objetivo de servirem os mais necessitados e os doentes.

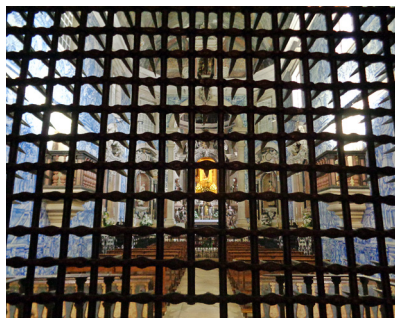
Conversando com a Madre, soube que atualmente viviam no convento treze irmãs, apesar do edifício ter espaços previstos para trinta e três. Talvez seja por isso que sintam que o convento acabou por se tornar demasiado grande só para elas.

Para ir visitar o convento por dentro, tive que voltar a sair, contornar o edifício e entrar pela porta lateral da igreja. *Todos os caminhos vão dar a Roma*, afirma Maria de Fátima, pois aqui nem todos seguem pelo mesmo atalho; enquanto eu entro pela igreja, a irmã não saiu do convento, percorrendo corredores e atravessando salas, mas chegando ao mesmo destino que eu. O resto do mapa não se vê e também pouco importa.

A porta encontrava-se entreaberta e entrei sem perguntar. A igreja estava vazia e pouco iluminada. Apesar de não ficar pasmada como fiquei quando entrei na igreja de Oseira, esta tinha um belíssimo trabalho de azulejos azuis que revestiam as paredes de cima a baixo, retratando episódios da vida de São Francisco e da Paixão. Em frente à porta lateral por onde entrei, no lado oposto, surge outra porta de igual porte que pensei que levaria ao claustro.

166. | 167.

*Separados da “igreja de fora”, passaram a desenvolver-se, em posição diametralmente oposta ao altar-mor; o coro baixo e, sobre ele, o coro alto, designado comumente, no seio da comunidade clausurada, como “igreja de dentro”.*⁴⁵



168.

Porta que comunica o coro baixo com as divisões que servem agora de relicários

169.

Ao fundo, o piso inferior da antiga casa da fundadora do convento



170.

Relicários e altares de talha dourada

171.

Casa da fundadora - a abertura na parede que agora expõe as suas relíquias era onde se localizava a caixa de escadas que conduzia ao quarto no piso superior



172. | 173.

O pequeno pátio interior, luminoso e silencioso



Mas afinal esta igreja não tem ligação com o claustro como acontece nos mosteiros. Não passa de uma porta falsa, tal como o são algumas janelas e um dos púlpitos, enfatizando ainda mais a ideia de simetria que era bastante importante neste tipo de arquitetura.

Aos pés da igreja, encontram-se o coro baixo e o coro alto, ambos com vãos retangulares protegidos por fortes grades de ferro negras de onde saíam uns enormes bicos virados para o centro da igreja. No coro baixo, os azulejos relatam a vida e os milagres de Santo António. Antigamente, era ali que se situavam as freiras para assistir à missa, pois estas não se misturavam com os fiéis. Hoje em dia, a pequena sala do coro baixo é apenas um lugar para expor a estátua de Nossa Senhora da Boa Morte de proporções humanas.

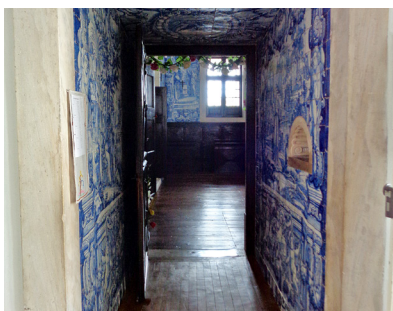
Esta ideia das grades, no interior, servia verdadeiramente para dividir, material e simbolicamente, a clausura dos espaços onde o povo tinha acesso e, ao mesmo tempo, para disfarçar e encobrir as religiosas dos olhares cobiçosos das pessoas. Existia igualmente uma grade no locutório, que separava o espaço de comunicação do mundo exterior. As grades e os muros marcam claramente as casas religiosas femininas e representam esse desejo de recolhimento.

A partir daqui sucedem-se duas salas decoradas – uma delas já serviu de ossário - com ricos altares em talha dourada. O corredor leva-nos à antiga casa da fundadora do convento, onde ainda se apreciam as velhas passagens de pedra do século XVIII. Continuando a fazer parte integrante do convento, o rés do chão da casa de Maria de Brito acolhe agora uma exposição com os seus objetos pessoais. A um dos cantos, a caixa de escadas, que ligava ao seu quarto no piso superior, desapareceu, sendo possível observar-se apenas uma porta.

O facto do Convento do Louriçal ter começado com uma pequena casa que se foi expandindo ao longo do tempo é admirável. Em épocas anteriores, havia sempre a ideia de que quando um mosteiro ou uma simples habitação já não tinha capacidade para acolher um determinado número de pessoas, procedia-se à sua ampliação. Daqui não voltaram a sair. A ideia de permanecer no mesmo local até à hora da morte é algo que ultrapassa a grande maioria, não devendo ser contestado mas sim respeitado, mesmo que não compreendido.

Voltando atrás até às pequenas salas com os altares de talha dourada, saímos para um pequeno pátio, que devia servir só de passagem e de ligação das celas à igreja. Apesar das dimensões reduzidas, recebe uma claridade aconchegante e tranquilizadora, pois a luz do Sol nem incide diretamente sobre ele nem as sombras o tornam demasiado sombrio. O silêncio, a luminosidade e o conforto caracterizam este espaço e são mais-valias que me dão vontade de ficar aqui. Os muros que o circundam são altos e, talvez por isso, não se ouvem os ruídos da vila.

⁴⁵ Jacquinet, M. L. (2015). Corpos de clausura. Reflexões sobre a arquitectura monástica feminina na época moderna. *digitAR*, 2, 229-237, p. 235



174. a 176.

Escadaria original de pedra no pátio que leva ao piso das celas das clarissas e do coro alto

177. a 180.

O aparecimento do coro-alto, que remontará à Modernidade, terá estado na origem da eleição do acesso lateral do templo em detrimento do ingresso axial - o qual, naturalmente, se manteve nas casas religiosas masculinas.⁴⁶

181.

A minúscula capela com os santos da Ordem Clariana

182. | 183.

A casa da fundadora Maria do Lado onde se originou o Recolhimento no séc. XVII

O silêncio aqui é diferente, em Oseira ouviam-se mais os pássaros. Para um monge contemplativo, a natureza é muito importante, pois como não está todo o tempo em contacto com outros seres humanos, ver as plantas, os pássaros, as nuvens, o Sol, a luz, fá-los sentirem-se menos sós na solidão. No Louriçal, as clarissas vivem e trabalham para a comunidade e o silêncio absoluto é tudo o que menos importa.

Num dos lados aparece a escadaria original de pedra, estreita e com bastantes degraus, que nos leva ao piso das celas. Aproximando-nos do patamar de chegada, um varandim permite admirar toda a profundidade e amplitude do pátio.

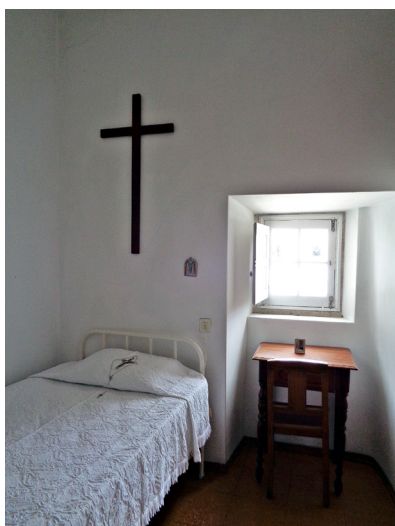
Já no piso superior, entro num mundo de intimidade. À minha frente, estende-se o corredor infinito das celas das clarissas. À esquerda, uma velha porta de madeira conduz novamente à casa da fundadora e à direita, o coro alto da igreja. Restaurado ao pormenor e com todo o cuidado, o coro alto destaca-se pelas suas fantásticas pinturas coloridas, que embelezam o teto, e pelas suas paredes revestidas de azulejos azuis e brancos, cuja iconografia retrata os episódios do Antigo Testamento.

Com as típicas bancadas de madeira para as irmãs se sentarem, em três das suas paredes, o coro alto volta-se para o altar da igreja, separado desta apenas por um enorme janelão com grades de ferro, formando uma espécie de quadrícula de onde irrompem uns espigões. Para mim, estes espigões representam a proibição de alguém de fora se aproximar das freiras e do íntimo do convento, tornando este espaço um lugar sagrado para as clarissas, onde adoram o Santíssimo Sacramento todo o santo dia, sendo um lugar intermediário entre o público e o privado, entre o profano e o sagrado, entre o banal e o excepcional.

Saindo do coro alto, dirigimo-nos à parte da antiga casa da fundadora do convento. Neste piso, localizam-se o quarto onde nasceu e uma capela minúscula com os santos da Ordem de Santa Clara, espaços estes, separados por uma salinha de transição decorada com ricos e antigos armários de madeira repletos de livros.

Esta parte integrante do convento nada tem a ver com o resto do conjunto, dando logo a sensação de que entrámos noutra edificação sem qualquer ligação com os espaços circundantes. Afigura-se a uma típica casa barroca com paredes e ornamentos coloridos, talhas douradas, tetos pintados, superfícies revestidas com azulejos e candeeiros de cristal espampanantes. Eu diria: uma casa dentro de um convento. As divisões são pequenas, apertadas e com pouca luminosidade, acabando por se recorrer à iluminação artificial em quase todos os cantos. Fico a pensar como é que as pessoas se conseguem mexer ali dentro, pois cada divisão parece uma casa de banho. O quarto nem sequer janelas tem e quando entro lá dentro sinto-me claustrofóbica.

⁴⁶ Jacquinet, M. L. (2015). Corpos de clausura. Reflexões sobre a arquitectura monástica feminina na época moderna. *digitAR*, 2, 229-237, pp. 234-235



184. Interior do grande salão retangular, decorado com altares de talha dourada, pinturas e esculturas coloridas

185. Adjacente ao salão, existe uma pequena sala octogonal com altares que servem de ossários

186. Cúpula da sala de planta octogonal

187. Corredor das celas das clarissas

188. Interior de uma cela, com janela virada para o claustro



189. *Nem mesmo perante espaços quase exclusivamente acessíveis às religiosas a arquitetura faria qualquer espécie de cedência, prevendo, para além de uma roda a intermediar a cerca e o núcleo clausurado, a existência de grades de ferro a cerrar todas e quaisquer janelas, mesmo as que dessem para o interior da cerca.⁴⁷*

190. No final da escadaria conventual já se vê uma réstia do claustro

191. A porta por onde as clarissas recebem as hóstias da igreja

192. A sacristia, localizada atrás da capela-mor da igreja



Contíguo a estas salas, surge um grande salão retangular bem iluminado, do mesmo estilo pomposo e colorido. Aqui a decoração é mais do mesmo: altares em talha dourada, quadros cheios de cor, portas com molduras pintadas. Receio que este pensamento de encher os espaços com todo o tipo de ornamentos acaba por encobrir a beleza da arquitetura.

O salão comunica com uma pequena sala octogonal, a mais luxuosa de todas as que vi até agora, que serve de relicário. A cobertura abobadada tem nichos decorados com conchas e outros motivos orgânicos, onde estão guardados ossos e outras preciosidades. Através da única janela que tem, tenho finalmente um vislumbre do claustro, que já me estava a parecer bastante escondido, e percebo a analogia entre aquele e o coração da casa.

No outro extremo do salão, mais corredores e portas. Já estamos outra vez no corredor das celas, onde cada uma delas possui uma janelinha quadrada virada para o claustro. Lá dentro tudo é simples e nada existe além de uma cama e um armário. Entre duas paredes que dividem as celas ainda conseguiram introduzir um minúsculo banheiro.

Ainda no corredor das celas existe uma passagem para a tribuna, que tem vista sobre a capela-mor e que serve para as freiras doentes ou incapacitadas se sentarem ali e assistirem à Eucaristia. Por fim, o corredor termina numa janela com vista para a cerca do convento, abundante em árvores de fruto e hortas para lavar. Espreito por entre as grades fortes e firmes e vejo um pequeno paraíso, talvez o único sítio onde se pode respirar.

A partir dali, a Madre Superiora conduz-me à escadaria conventual que faz a comunicação das celas com o claustro. De uma brancura excepcional, esta escadaria não me deslumbrou como a *Escalera de Honor* do Mosteiro de Oseira, pois não possuía a sua monumentalidade nem a sua capacidade de extasiar o visitante. Confesso que eu própria não saberia que esta era a escadaria principal do convento se a madre não mo tivesse dito, já que a única diferença é a sua largura – todas as salas e acessos do edifício são pequenos e estreitos – e a sua luminosidade.

Ao fundo das escadas já se avista o claustro, porém não é para aí que a irmã me leva. À direita, mais um corredor sinuoso com uma portinhola em uma das paredes, que servia para as freiras receberem as hóstias, pois não se podiam misturar com o povo em circunstância alguma.

Atravessamos um pequeno terraço coberto, que agora deve ser a lavandaria e onde guardam os utensílios para tratar do jardim. Finalmente chegamos à sacristia, uma sala retangular com largas cómodas de madeira. A sala é iluminada por janelas que se abrem para a Rua do Convento, por isso calculei que estávamos atrás da capela-mor.

⁴⁷ Jacquinet, M. L. (2015). Corpos de clausura. Reflexões sobre a arquitectura monástica feminina na época moderna. *digitAR*, 2, 229-237, p. 235



193.
Finalmente vou ao claustro, o coração da casa

194.
Uma tumba de uma irmã clarissa no claustro

195.
A clareza e simplicidade do claustro, com paredes brancas e um interminável número de plantas sob cada arcada

196.
A fonte joanina no centro do claustro

197.
O oratório onde as freiras rezam antes de entrarem no refeitório

198.
O refeitório conventual com uma abóbada de arco abatido



Os restantes espaços adjacentes à sacristia encontram-se muito mal tratados e desaproveitados, alguns deles atulhados de lixo e restos de objetos que não se sabe de onde surgiram, pelo que foi impossível perceber o que seriam antigamente. Cheguei a perguntar à Madre onde seria a sala do capítulo, mas não sabia, respondendo apenas que seria uma das salas junto ao claustro.

Claro que, devido às Invasões Francesas, o Convento do Lourçal acabou por ser bastante afetado, sendo que grande parte foi completamente destruída, descaracterizada e até roubada.

Finalmente chegamos ao coração da casa. O claustro, o único e visivelmente mais pequeno que os claustros do Mosteiro de Oseira, tem as paredes caiadas de branco tal como o resto do edifício e uma fonte joanina no centro. Rodeado por dependências conventuais, o piso superior é rematado por varanda. Os pilares toscanos quadrangulares que sustentam as arcadas são em pedra e os únicos elementos que não estão pintados. Sendo um convento de mulheres já seria de esperar que o jardim fosse mais bem tratado e florido, chegando ao ponto de as plantas serem tantas que os vasos por baixo de cada arco são incontáveis.

Este claustro não me fascinou pela simples razão de me parecer muito artificial. O Lourçal não possuía o verde das árvores e das paisagens agrestes e selvagens, o vento frio das montanhas, os prados sem fim, o canto dos pássaros nem o som das correntes de um rio, pormenores que embelezavam Oseira e tornavam aquele lugar único. Aqui, a natureza à volta são as habitações das pessoas crentes, a fé e uma outra vida muito diferente daquela que se vive dentro destes muros.

Além disso, outra distinção que talvez possa servir para explicar a falta de simplicidade e de natureza *divina*, o claustro das clarissas não é um espaço de meditação e de silêncio, sendo apenas considerado como um local de passagem que permite aceder aos diversos espaços do convento. No entanto, as suas superfícies brancas acabam por refletir a suave claridade do dia, que entra pelo largo e horizontal quadrado com vista para o céu, tornando-o bastante luminoso e sereno.

A partir do claustro encaminhamo-nos para o refeitório, que acabou por se revelar o espaço mais *conventual* ou pelo menos foi essa a sensação que tive quando entrei no grande salão retangular. Este já não tem a típica cobertura do século XVIII em teto de madeira, mas sim uma abóbada de arco abatido. As mesas retangulares de pedra e madeira, dispostas a toda a volta, fazem-me imaginar as freiras durante o ritual sagrado das refeições.

Do lado de fora do refeitório e adjacente a este, encontra-se outro grande salão mediador entre o claustro e o refeitório, que tem a função de capela para as clarissas rezarem antes da hora das refeições.

199. | 200.

Ao terminar a visita, saio por uma porta diferente da que entrei, localizada no claustro, dirigindo-me novamente à Rua da Misericórdia



201. a 203.

Rua da Misericórdia



No final da visita, saí por uma porta diferente da que entrei, localizada junto ao claustro e ao quarto do capelão do convento, abrindo-se diretamente para a Rua da Misericórdia. Mas que voltas que dei aqui! Depois do percurso que fiz, senti que não foram as dimensões, as proporções, a acústica nem os efeitos da luz que me impressionaram. Ao contrário do mosteiro, aqui a luz natural não é suficiente porque os espaços são muito mais pequenos, eu diria até minúsculos, e alguns deles nem aberturas exteriores têm. O facto é que este convento teve origem no Recolhimento que a sua fundadora Maria de Brito instalou na casa onde nasceu e, ao longo do século XVIII, ocorreu um grande fluxo de mulheres que desejaram abraçar a vida religiosa. Assim sendo, a própria casa foi-se expandido na horizontal formando-se o convento que se pode observar hoje no Louriçal.

Aqui não é a arquitetura que chama a atenção do visitante, mas sim as suas decorações, os azulejos, as talhas douradas, as pinturas e as esculturas. Como vimos antes, já na Idade Média, quando apareceram as ordens mendicantes, estas não davam demasiada importância ao local onde viviam – o convento -, tendo adotado até o esquema monástico cisterciense, deixando assim mais espaço para se preocuparem com a imagem e a mensagem que queriam transmitir à sociedade.

No período barroco, a Igreja considerava que a arte era a única capaz de atrair multidões para a sua religião. Assim, era frequente, naquela época, as igrejas e os conventos encontrarem-se sobrecarregados de pinturas coloridas, ricas esculturas e motivos ornamentais alusivos à vida dos fundadores e santos das suas Ordens, assim como aos episódios do Evangelho. A inteligência de chamar a atenção através do luxo e do ouro, além de expressar a riqueza e o domínio da Igreja, foi realmente um meio convincente e poderoso para comover um povo que na sua maioria era analfabeto e temente.

Claro está que o luxo e o brilho destes conventos não se observavam nos mosteiros cistercienses onde a simplicidade e a natureza imperavam. As casas religiosas, que acabaram por se tornar extremamente ricas, chegavam até a competir entre si para estarem ao nível da hospedagem de reis e entidades importantes. Principalmente por ser uma casa de mulheres, este pensamento de *quanto mais, melhor* permanece ainda hoje no Louriçal, que é detentor de um espólio valiosíssimo, desprezando e até esquecendo a arquitetura de todo o seu conjunto.

Perguntei à madre Maria de Fátima se os sons do exterior – pessoas, natureza, automóveis, festas – não davam vontade, por vezes, de sair lá para fora. No entanto, respondeu-me simplesmente que ninguém queria sair, pois estavam ali dentro por vontade própria e não poderiam ser felizes de outra forma. Quando ouviam uma mota a passar ou crianças a brincar, pensavam nessas pessoas durante as suas orações.

A Madre contava-me que, um dia, o seu médico terminava uma frase dizendo ...*estão aqui fechadas no convento*. Maria de Fátima, surpreendida, indagou *fechadas?* e, logo de seguida, o médico arrependeu-se e pediu desculpa, admitindo que quem estava fechado no consultório o dia todo era ele. Para a Madre Superiora do convento, os muros da clausura não se assemelham às paredes de uma prisão, pois significam simbolicamente a liberdade de viver como deseja.

Como todas as mulheres que optam por esta vida religiosa, só pode sair do convento se tiver algum trabalho a fazer por fora, para ir ao médico ou para ir votar. As festas e a vida cá fora, que tão bem conhecemos, ficam de parte. A clausura, a forma de vida mais radical de seguir Deus que a Igreja prevê, permite passar os dias num ambiente de recolhimento, silêncio e oração, embora se tenha de renunciar ao prazer ou à não satisfação de algumas necessidades primárias. Ainda assim, todos estes meios ascéticos dão a oportunidade a estas mulheres de atingirem um fim espiritual: uma procura mais perfeita de união mística com Deus.

Não obstante ao ritmo do dia a dia do mundo que é a nossa realidade, a vida no convento contrasta com a vida urbana exterior. No número 10 da Rua da Misericórdia há silêncio, chão lavado e regras. Tal como no Mosteiro de Oseira, as clarissas ocupam os seus dias com trabalhos para se autossustentarem, cuidando dos pomares e plantando na cerca, costurando e fazendo bolinhos. Durante a noite, revezam-se em turnos para adorarem o Santíssimo Sacramento na igreja – daí o nome *Convento do Desagravo do Santíssimo Sacramento*. Enquanto o resto do mundo dorme, as clarissas caminham silenciosas em direção ao coro alto. Viradas para o altar, ajoelham-se e ficam em contemplação.

Apesar de ter cerca de 48 anos, o rosto da Madre parece ter parado no tempo. Não envelheceu, tendo a aparência e os olhos claros de uma jovem mulher. A passagem do tempo não afetou o aspeto nem o espírito das irmãs, que ainda continuam tão vivaças e pacientes como no dia em que ali chegaram. No Convento do Louričal, os dias vivem-se um de cada vez, sem pressas e da forma mais pura possível.

Este é um convento orgulhoso do seu lugar e do caminho que percorreu. É um mundo paradisíaco e invisível, onde vivem mulheres mais sábias do que imaginei e que tiveram a coragem de renunciar a tudo o que seria inabdicável. Só alguns têm a oportunidade de entrar e de ver. Não é para todos.

III.

SENSAÇÕES E ARQUITETURA RELIGIOSA



204.

A supremacia do sentido da visão

III. SENSações E ARQUITETURA RELIGIOSA

A PERCEÇÃO DO ESPAÇO

Depois do relato das viagens e das experiências vividas no mosteiro e no convento, o próximo capítulo aparece como uma espécie de conclusão, onde se explica como a relação das sensações com a arquitetura, nomeadamente a religiosa, ajudou a interpretar e a perceber os casos de estudo.

A supremacia da visão, na época em que vivemos, provoca o afastamento e o desprezo do Homem em relação à arquitetura. A razão por sermos tão visuais hoje em dia tem muito a ver com a invenção da imprensa, das televisões, dos *tablets* e dos *iphones*. A imagem tornou-se um poderoso instrumento de união de povos, de todas as culturas e línguas. Contudo, com a evolução da tecnologia, a nossa visão tem tendência a ser enganada pelos *renders*, pelo *Photoshop* e pelos anúncios publicitários, fazendo-nos crer que a realidade que vivemos já nem é a *realidade*.

As obras arquitetónicas não devem ser analisadas só através da visão. Como arquitetos, somos ensinados a não avaliar as obras apenas pela sua aparência exterior. A arquitetura é muito mais que isso e tem uma dimensionalidade que ultrapassa o controlo humano e, por vezes, as noções de proporção, distância, acústica e materialidade acabam por se perder quando observamos uma figura. Nos dias que correm, a maior parte da arquitetura alimenta-se do poder da imagem que transmite à sociedade, esquecendo-se que a própria fotografia nos afasta do real.

A verdade é que são os nossos sentidos que nos estimulam e que, além de afetarem a nossa disposição, influenciam o modo como percebemos o mundo que nos rodeia e, consequentemente, a arquitetura. Claro que a aparência exterior é importante para percebermos se as obras estão bem integradas na envolvente, mas até aí fazemos uso dos nossos sentidos, dando-nos a certeza que os edifícios se encontram no sítio certo e que pertencem ali.



205.
Um render 3D para um concurso de arquitetura para o novo *Arvo Pärt Centre*, Estónia - proj. AZPML, 2014



206.
Mafalda dá-se conta da publicidade enganosa - ilust. Quino



207. | 208.
A luz divina transporta-nos para uma dimensão mais mística

*Se o [edifício] contemplarmos com um espírito acerbadamente crítico, com uma atitude de quem sabe tudo, ele fechar-se-á e nada terá a dizer-nos. Mas se estivermos receptivos a impressões e disponíveis, ele abrir-se-á e revelará a sua verdadeira essência.*⁴⁸

No que respeita à arquitetura religiosa, o elemento que mais se evidencia visualmente é a forma como a luz é explorada na conceção das formas arquitetónicas. A iluminação neste tipo de edificações, aliada ao *divino*, é determinante para a compreensão da espacialidade interior e é alterada consoante a vivência e a apropriação de cada espaço. A luz natural, *nomeadamente na religião cristã*⁴⁹, assume uma carga simbólica associada ao sagrado, onde os espaços de culto nos transportam para uma outra dimensão mais mística e emotiva, como forma de potenciar a fé cristã. Nomeadamente, os claustros, sendo os espaços mais iluminados dos mosteiros e também os mais abertos para a natureza, conseguem aproximar-nos da *luz divina*. Tornando-se numa manifestação artística, a luz engrandece exatamente em consequência da procura pela transcendência.

Nesta tipologia de arquitetura, este elemento consegue conferir aquilo que a materialidade não consegue. É no contraste entre a luz e a sombra que encontramos os limites dos espaços e onde se evidencia e realça a força de cada um. A luz não existe sem a sombra, caso contrário os espaços não ganhariam forma, volume ou expressão.

No Mosteiro de Oseira, a sombra é imprescindível para proporcionar o deleite do visitante e dos próprios monges nos espaços religiosos. Estes adquirem, graças à escuridão, a calma exigida para a contemplação. Através da iluminação, é possível presenciar-se um mundo divino dentro de um edifício sagrado, ainda que terreno. São os jogos de luz e sombra que conferem um ritmo simbólico aos espaços. Na igreja do Mosteiro de Oseira, dei por mim a olhar para cima, para as abóbadas, tão altas, tão distantes de mim, à procura da fonte de luz celestial, que trespassava as suas densas paredes românicas. Mais concretamente, *para os Cistercienses, a simplicidade das linhas, a pureza das formas, a luminosidade e o seu claro-escuro bastam-se por si só. A arquitectura e a arte cistercienses não têm como finalidade o deleite pois nada deverá desviar a atenção de Deus. Desde o plano das abadias à simplicidade dos materiais escolhidos tudo se conjuga para elevar a procura de Deus e busca da santidade.*⁵⁰

Contrariamente, a luz divina não foi presenciada no Convento do Louriçal. Tendo origem na antiga casa do pai da fundadora, foi-se expandindo ao longo do tempo e as antigas divisões acabaram por ser rodeadas por outras dependências que se foram acrescentando. Logo, as aberturas para o exterior acabaram por se voltar para o interior e os espaços pequenos e apertados ficaram pouco iluminados, sendo necessário recorrer-se à iluminação artificial em quase todos os cantos.

⁴⁸ Rasmussen, S. E. (2007). *Viver a arquitectura*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, p. 196

⁴⁹ Granjo, J. M. T. A. M. (2016). *Luz, divino e arquitectura*. (Dissertação de Mestrado em Arquitectura), Universidade de Coimbra, p. I

⁵⁰ Martins, A. M. T. (2006). Espaço Monástico: da Cidade de Deus à Cidade do Homem. In *Estudos em Homenagem ao Prof. Doutor José Amadeu Coelho Dias*. (Vol. 1, pp. 85-108). Porto: Edição FLUP, p. 91

209.

Oiçam! Cada espaço funciona como um instrumento grande, coleciona, amplia e transmite sons. Isso tem a ver com a sua forma, com a superfície dos materiais e com a maneira como estes estão fixos.⁵¹

210.

Claude Debussy ao piano



Algumas divisões nem chegavam a ter janelas, intensificando ainda mais o desejo de recolhimento e a proibição de entrar dentro da clausura. É de notar que, inicialmente, o convento apenas possuía pequenas frestas que só mais tarde, nos anos 60, foram aumentadas.

Além da estimulação visual, também o som pode ajudar a perceber a arquitetura. Provavelmente se perguntasse a alguém o que se ouve quando percorre um espaço, essa pessoa diria que não se ouve nada. Contudo, cada edifício tem uma voz própria e dialoga conosco através do vento a bater nas janelas ou do ranger da madeira.

A música é peculiarmente atmosférica e tem um enorme impacto nas nossas emoções. Claude Debussy foi um dos mais importantes compositores de piano, instrumento que tocava extraordinariamente bem e para o qual deixou um legado enorme característico do Impressionismo. Foi um ouvinte atento da natureza e falava frequentemente da forma como o som do mar, do vento nas folhas das árvores ou dos pássaros ficava gravado na sua memória e depois se expressava na sua música. Vários autores acreditam que Debussy terá alcançado nas suas peças o expoente máximo na chamada *arte da sugestão*⁵², ou seja, levar o ouvinte a visualizar imagens e a despertar outros estímulos sensoriais através da música.

As suas obras demonstram bem a valorização da sensação, do sonho, da imaginação e da espiritualidade, tratando-se de músicas que trabalham, sobretudo, atmosferas. E tal como a música tem a capacidade de nos tocar e exponenciar a nossa percepção emocional, com a arquitetura também é assim.

Se uma obra arquitetónica podia servir de estímulo para a composição de uma música, então também uma obra musical podia ser uma inspiração na conceção de um espaço, principalmente uma igreja cisterciense. Esta construção, além de simbolizar a ligação do Homem ao Céu, é o abrigo do canto gregoriano. Tal como a arquitetura cisterciense, o cantochão caracteriza-se pela ausência de floreios. Nos coros, as palavras ressoam com força e clareza, ainda que exista um ligeiro eco. As notas finais do canto elevam-se às abóbadas e marcam a profundidade e a altura da igreja. Nos mosteiros, onde o silêncio é ordem durante a maior parte do dia, os sentidos dos monges melhoraram e trabalharam a acústica dos seus templos, de forma a potenciar e enriquecer a sonoridade do canto gregoriano.

Até mesmo no mais puro silêncio, conseguimos ouvir o nosso próprio corpo ou a natureza. Em lugares solitários como um mosteiro, o silêncio é rei e essa é uma das experiências mais marcantes quando se percorre este tipo de edifícios. Por isso, estes espaços estão sempre associados ao descanso, ao sossego, à tranquilidade, à meditação e à oração.

⁵¹ Zumthor, P. (2006). *Atmosferas: entornos arquitectónicos: as coisas que me rodeiam*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, p. 29

⁵² Em <http://www.casadamusica.com/pt/artistas-e-obras/compositores/d/debussy-claude?lang=pt#tab=0>



211.

As notas finais do canto gregoriano elevam-se às abóbadas. Os ecos aumentam a consciência de vastidão, geometria e materialidade. Deus está nesta profundidade e altura da igreja. *Quid est Deus? Longitudo, latitudo, sublimitas et profundum.*⁵³



212.

O silêncio absoluto dos claustros cistercienses



213.

O cheiro dos lugares. Na arquitetura religiosa, o incenso percorre todos os espaços

214.

Uma porta vermelha chama a atenção. A cor quando utilizada com coerência consegue exprimir o carácter de um edifício

Aqui não existem os ruídos habituais do quotidiano, apenas se sente o movimento, quase impercetível, dos religiosos ou os sons da natureza. O silêncio nas edificações religiosas torna-se tão essencial quanto o som no experienciar de outras arquiteturas, pois remete para algo sagrado. Até mesmo os ecos, que se ouvem, aumentam a nossa consciência de vastidão, geometria e materialidade dos espaços.

Lembro-me que no Mosteiro de Oseira, depois das *Compleatas* e enquanto me dirigia à hospedaria, o eco dos meus passos nos corredores sombrios, que por sua vez refletia nas paredes envelhecidas pelo tempo, proporcionou-me uma experiência espacial única.

Mesmo nestas tipologias religiosas, o silêncio é experimentado de formas diversas. No Mosteiro de Oseira, o claustro surge como um elemento arquitetónico fundamental da vida monástica, pois é o lugar privilegiado para refletir em total silêncio. Contrariamente, no Convento do Lourçal, não presenciei a sensação de um silêncio profundo e absoluto. Uma vez que se localiza num centro urbano, os ruídos exteriores são frequentes, em oposição ao Mosteiro de Oseira, que se encontra isolado e distante da urbe e onde se consegue apenas identificar e ouvir os sons da natureza.

Assim como o som consegue emancipar-nos para uma outra atmosfera, os cheiros e as cores podem transmitir-nos o carácter mais pessoal dos edifícios. Desde pequena, que me lembro da minha avó se levantar às 6h30 da manhã para ir para a cozinha preparar o almoço. Quando dormia lá em casa, creio que acordava mais com o cheirinho do café da manhã e do pão torrado, do que com o barulho das panelas.

São os cheiros do movimento das pessoas que dão vida a qualquer espaço e sem isso dificilmente nos iríamos relembrar de um momento das nossas vidas, pessoas, edifícios ou lugares. A característica atmosférica dominante de um lugar pode bem ser um cheiro e, no Mosteiro de Oseira, aquele que mais me marcou particularmente foi o do incenso a percorrer todos os cantos dos corredores, assim como o cheiro a humidade e a pedra fria nos claustros.

A cor, quando utilizada com coerência, consegue exprimir o carácter e o espírito de um edifício; um edifício claro, leve e alegre pode dar-nos a sensação de festividade e divertimento, ao passo que um edifício sombrio, austero e eficiente sugere-nos trabalho e concentração. A cor pode fazer com que algo pareça mais leve ou pesado, grande ou pequeno, próximo ou distante, quente ou frio.⁵⁴

Até mesmo a diferença entre cores quentes e frias pode manifestar emoções distintas. Quando era mais nova, lembro-me de ir a casa da minha madrinha e de o seu interior ser muito colorido.

⁵³ S. Bernardo (1983). *Apologia ad Guillelmum Abbatem*. In *Obras completas de San Bernardo*. (Vol. 1). Madrid: BAC, pp. 226-227

⁵⁴ Rasmussen, S. E. (2007). *Viver a arquitectura*. Casal de Cambra: Caleidoscópico, p. 182



215.

No mosteiro cisterciense, a única cor que existe é a da paisagem envolvente.



216.

No convento clariano, é no seu interior que as cores dos objetos e dos elementos decorativos se tornam mais evidentes

As paredes estavam pintadas de várias cores, os quadros mostravam bonecos alegres, os pincéis e os guaches eram deixados em cima da mesa de trabalho já com resquícios de tintas e os sofás eram forrados com tecidos garridos.

Quando somos crianças, associamos um espaço com muitas cores à alegria e à brincadeira. Lembro-me de ter a sensação de que ali era um lugar divertido, que dava asas à imaginação e convidava à criatividade. Um espaço onde me sentia bem e que desejava que fosse a minha casa quando crescesse.

No Mosteiro de Oseira, pertencente à Ordem de Cister, a ausência da cor foi imposta porque se acreditava que distraía os monges das suas obrigações e do seus ideais ascéticos. Logo, a cor é somente definida pela materialidade e luminosidade da pedra e pela natureza. Num edifício religioso, esta sobriedade e simplicidade dá a impressão de nos encontrarmos num ambiente de concentração e seriedade, que são conseguidos através de um espírito de grande rigor, pobreza e solidão. No Mosteiro de Oseira, são a luz, o silêncio, a pedra nua, a simplicidade, a profundidade e a altura que falam da presença do Divino, transmitida em todos os espaços e formas. Torna-se evidente a ideia de que a obra de arquitetura, especialmente a cisterciense, tinha a intenção de servir a fé e de ser a sua materialização e, por isso, aquela devia ser bela, mas pura. Quero com isto dizer que a arte não era rejeitada nem atacada, mas era pensada para ser um lugar espiritual.

Opostamente, no Convento do Lourival, é o protagonismo feminino que melhor o define e a constante presença da cor e dos elementos decorativos transmite uma atmosfera totalmente diferente. No seu interior, a pedra já não se encontra à vista, pois todas as suas paredes estão rebocadas a branco ou revestidas com azulejos. A comunidade de clarissas que ocupa o convento, ainda que pertencente à ordem mendicante franciscana, característica pela mendicidade, pobreza e pregação no mundo, está sujeita a uma vida de clausura. Significa isto que a relação dos espaços entre a igreja e o convento no seu todo, bem como a relação com o exterior, foram obrigadas a ser modificadas. Nem mesmo em espaços unicamente acessíveis às freiras, a arquitetura cedeu, prevendo dispositivos de separação, ainda que dessem para o interior dos seus pátios ou cerca.

Além disto, a meu ver, quando não se fala e não se ouve falar, pelo menos com tanta frequência, os objetos – livros, quadros coloridos, esculturas, instrumentos de trabalho e de lazer, símbolos - têm uma presença muito intensa na vida destas mulheres. São esses elementos que as fazem viver e as mantêm, de certa maneira, em contacto com a realidade do mundo exterior e também com as próprias sensações, que à partida lhes são privadas pela obrigatoriedade de permanecerem enclausuradas. A vontade de renunciar a tudo para começarem uma vida solitária junto de uma comunidade, onde cada dia ganha um sentido especial graças às suas crenças e onde a reflexão sobre Deus é uma constante, permite esquecerem-se e, ainda assim, descobrirem-se a si próprias.

Refletindo noutra perspectiva sobre as sensações na arquitetura religiosa, nomeadamente na cisterciense, o autor Duarte Nuno Morgado, em *Arquitetura cisterciense: espiritualidade, estética e teologia*, defende que a *arquitetura cisterciense não se reporta aos sentidos, nem ao mundo das sensações, mas sim à razão, à racionalidade imersa na simplicidade e clareza das relações geométricas e da geometria pura*.⁵⁵ Esta afirmação deve-se ao facto de a conceção das suas formas ser bastante ponderada e direcionada para a razão na sua maior simplicidade.

Em nenhum outro tipo de arquitetura se atribuiu tanta relevância ao ângulo reto. A solução das estruturas cistercienses passa pelo uso do quadrado, retirando-se, assim, às linhas curvas qualquer pensamento de sensualidade.

Os cistercienses procuraram desde sempre um equilíbrio entre o corpo, a alma e o espírito, eliminando tudo o que desviasse o olhar e a atenção da sua rotina quotidiana e da busca incessante do Divino. Consequentemente, as sensações são interpretadas de outra maneira. O som remete ao silêncio, ou seja à sua ausência, a cor, mais uma vez à sua inexistência e à simplicidade da pedra, e por fim a luz, que apesar de estar bastante evidente nos claustros, acaba por ser maioritariamente interpretada e idealizada como a *luz divina*, que aproxima de Deus.

O mosteiro e o convento, ainda que abarcados pelos mesmos ideais ascéticos, possuem atmosferas, vivências e apropriações diversas e, consequentemente, despertaram sensações também muito diferentes. A mais importante experiência arquitetónica foi a sensação de estar em lugares únicos. As sensações de solidão e de silêncio são das experiências mais fortes que a arquitetura pode possibilitar, independentemente das pessoas que se encontrem naquele lugar ou dos ruídos do exterior.

Concluindo, é na arquitetura que podemos ver trabalhados tanto as cores, as formas, a luz, os sons e os cheiros, mas também as sensações de textura proporcionadas pela materialidade das superfícies, pois esta reforça a sensação de realidade e temporalidade. Se fizermos uso de todos os sentidos para a perceção das coisas à nossa volta, a nossa experiência no mundo será muito mais enriquecedora. São estas características que nos ajudam a compreender os espaços e não uma simples fotografia.

Peter Zumthor, arquiteto suíço, resume que todas as sensações são essenciais na criação de diferentes *atmosferas*⁵⁶, porque para ele a qualidade arquitetónica vê-se quando somos tocados por uma obra e acredita que esta tem a vantagem de poder inspirar-nos e transformar o nosso dia a dia numa experiência mais rica. Esta experiência pode passar por alguns fatores, como a passagem do tempo, da luz e da sombra, os fenómenos cromáticos, a textura e a materialidade.

⁵⁵ Morgado, D. N. (2013). *Arquitetura cisterciense: espiritualidade, estética e teologia*. Lisboa, Paulus, p. 10

⁵⁶ Zumthor, P. (2006). *Atmosferas: entornos arquitectónicos: as coisas que me rodeiam*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, p. 11

*Agora, o que é que me tocou? Tudo. Tudo, as coisas, as pessoas, o ar, ruídos, sons, cores, presenças materiais, texturas e também formas. [...] E o que é que me tocou para além disso? A minha disposição, os meus sentimentos, a minha expectativa na altura em que ali estive sentado. [...] Existe um efeito recíproco entre as pessoas e as coisas.*⁵⁷

⁵⁷ Zumthor, P. (2006). *Atmosferas: entornos arquitectónicos: as coisas que me rodeiam*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, p. 17

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação foi a oportunidade (e o pretexto) para viajar e experienciar lugares intrigantes conhecidos apenas por imagens. Existia o anseio de descobrir se tinham a capacidade de impressionar, se convidavam a entrar ou se eram fechados para si mesmo, se eram acolhedores ou repulsivos, se transmitiam uma atmosfera de familiaridade e convivência ou de estranheza e isolamento.

Confesso que, no princípio, estava mais confiante e com expectativas de ir mais longe do que consegui, sendo que a ideia inicial era passar um mês num mosteiro ou num convento para entender melhor como é a vida dentro desses edifícios. Porém, essa hipótese tornou-se tão difícil de concretizar que cheguei a pensar se realmente faria sentido escrever sobre este tema. Apesar de já existirem alguns trabalhos sobre este assunto, não havia ainda nenhum que falasse sobre experiências e vivências pessoais nestes lugares tão diferentes dos que conhecemos.

Visitei os edifícios que me deram autorização para entrar, durante um tempo previamente estipulado, tentando captar tudo o que me rodeava, focando-me no máximo de detalhes possíveis. Confirmou-se que atraíam pela sua espiritualidade, sendo impossível ver aqueles espaços como se fossem meros museus. Revelaram-se uma surpresa bastante inspiradora, pelo que comecei a observá-los com outros olhos e isso mostrou-se essencial para concluir este trabalho.

Antes de tudo, foi uma aventura interior, uma experiência extrema na qual não podia ter tido medo de ousar, pois teria sido uma pena não ter arriscado. A primeira regra do jogo foi aceitar deixar-me ir; deixar-me levar pelas orações, pelas horas marcadas, pelo silêncio, pelo descanso, pelo devaneio, pelos pequenos trabalhos.

Durante a minha estadia no mosteiro de Espanha, lavei a louça, sequei-a e pus a mesa em todas as refeições. Havia nestas simples tarefas uma verdadeira dimensão de espiritualidade, que foi inevitável para acontecer a experiência. Foi preciso deixar as seguranças do telemóvel e do *e-mail*, a tranquilidade da família e dos amigos para entrar dentro deste ambiente.

No primeiro dia descobri o silêncio, a rotina e os rezos. Quando o exotismo deixou de ser novidade, despontaram em mim alguns momentos de desânimo e aborrecimento. O silêncio foi efetivamente uma experiência de escuta, pois foi aí que despertaram os sentidos e comecei realmente a reparar nas coisas em meu redor.

O *Mosteiro de Santa María La Real* de Oseira abençoou-me com uma experiência única e gratificante. O edifício conseguiu cativar pela monumentalidade e modéstia dos seus diversos espaços, fazendo-me sentir minúscula.

O mosteiro *branco* mostrou-se como uma pequena cidade, onde os claustros eram semelhantes a praças, em redor das quais se organizava toda a vida monástica. Todos os espaços refletiam um ambiente diferente; pelos claustros⁵⁸ entra a luz do Sol, lembrando aos monges que estão fora do mundo, mas não distantes dele; os corredores amplos, quase a perderem-se em cada divisão, onde as pessoas vão e vêm todos os dias, simbolizam para eles o sentido da vida, como um caminho que avança e que almeja alcançar o Paraíso.

A Norte, na igreja cisterciense, a altura foi intensivamente desenvolvida como um modo de aproximação ao Céu, a Deus. As sensações de desequilíbrio, solidão e silêncio amplificavam ainda mais a divindade deste espaço, que tinha a capacidade de controlar qualquer visitante. A Nascente, localizava-se a hospedaria, onde às 5h da manhã os primeiros raios de Sol entravam com toda a força. A Sul, o refeitório, a cozinha e as celas dos monges eram aquecidos pela luz forte do meio-dia. A Poente, o Sol baixo do entardecer permitia pintar, escrever, preparar os bolos e o licor nas oficinas de trabalho. No fundo, era uma pequena cidade onde vive um povo, cujos habitantes vão chegando e partindo.

A paz e a paisagem do mosteiro conseguiram estimular os meus sentidos e encher-me o coração. Aqui, a natureza foi a principal inspiração na conceção de formas, materialidade e luz. A vida equilibrada dos monges, num lugar igualmente ordenado e sereno, inspirou-me. Na verdade, senti-me bem, senti-me em casa.

O *Convento do Desagravo do Santíssimo Sacramento*, no Louriçal, fez-me entender que este tipo de edificações pode ser adaptado a locais, pessoas e formas de vida diferentes, já que o quotidiano neste convento feminino tem por limite a clausura.

⁵⁸ *O claustro segundo Bernardo de Claraval era o «Paradisum Claustralis» sendo a vida no claustro cisterciense não só um ideal de vida mas também uma imagem e uma antecipação do paraíso.* - Martins, A. M. T. (2006). Espaço Monástico: da Cidade de Deus à Cidade do Homem. In *Estudos em Homenagem ao Prof. Doutor José Amadeu Coelho Dias*. (Vol. 1, pp. 85-108). Porto: Edição FLUP, pp. 91

Grades, rodas, paredes cegas, cercas elevadas e mirantes são alguns dos elementos que delineiam a imagem de uma realidade de mulheres distintas, que se definem pela sua negação ao mundo. A síntese do professor Paulo Varela Gomes (GOMES, 2002, p. 229) explica bem como a arquitetura das freiras é adaptada dos modelos masculinos e pensada para as mulheres, obedecendo às condições forçosas para servir a clausura, onde as barreiras estabelecem zonas de articulação entre o sagrado e o exterior:

Os mosteiros de freiras são o único tipo de edifício da Europa medieval e clássica no qual o partido tipológico resultou de questões de género. De facto, a planta, a altura dos corpos edificados, o tipo e distribuição das aberturas, os principais percursos internos, e até aspectos importantes da decoração, resultam, nos mosteiros de freiras, de um objectivo principal: assegurar a separação entre mulheres e homens e garantir que só se encontram em lugares ritualizados e vigiados. [...] interessa-me encarar o mosteiro de freiras como um tipo arquitectónico acabado [...] trabalhado pelas freiras de modo a projectar para o mundo exterior uma imagem de poder e auto-suficiência.⁵⁹

Ainda que a evolução artística do Convento do Louriçal não seja muito clara para mim, compreende-se que isso se deveu à ganância, à barbaridade e à ignorância dos que atacaram as fundações religiosas no século XIX. Não obstante ao controlo sobre as suas vidas, as mulheres, como fundadoras e benfeitoras do convento, criaram espaços arquitectónicos em que as divisões, os limites e os objetos possuem sinais da sua memória.

Apesar da sobriedade exterior, quebrada apenas pelo ritmo das pilastras e pela abertura de janelas simétricas, a sua força maior acaba por ser a igreja tipicamente barroca com revestimento a azulejos azuis e brancos e talha dourada, onde a dinâmica e os reflexos luminosos do seu interior contrastam com a arquitetura de todo o convento, tornando-a num lugar de grande prestígio tanto para as clarissas como para a povoação da vila.

Cada um dos cenóbios reflete a personalidade e a forma de vida das pessoas que os habitam e estas são todas felizes, sem exceção. Um punhado de homens e mulheres esperam cada madrugada e inventam coisas para fazer, sem se cansarem. A ternura, o trabalho humilde e o silêncio enchem cada esquina. São pessoas como qualquer um de nós, com vidas tão parecidas às nossas que até ficaríamos surpreendidos se tivéssemos nascido lá.

Os monumentos sobre os quais me inclinei ultrapassam os muros do conjunto edificado em si mesmo, constituindo-se como reflexos de um ideal, de uma percepção do mundo e de um conjunto de valores que tudo organiza e modela.

⁵⁹ Gomes, P. V. (2002). A fachada pseudo-frontal nas igrejas monásticas femininas portuguesas. In Fróis, V. (coord.), *Conversas à volta dos conventos*. (pp. 229-242). Évora: Casa do Sul Editora, pp. 229-230

Construídos para proteger uma realidade simbólica e espiritual, os mosteiros e os conventos não deixam de representar um património arquitetónico de valor incontestável, onde cada um assume as suas características de acordo com a sua época e o contexto sociogeográfico. Não sendo, de todo, desligados da era em que vivemos, somos herdeiros deste património com uma identidade própria, cuja arquitetura é possível hoje contemplar, estudar e reconhecer como distinta de tantas outras formas. A conservação destes espaços religiosos pode inclusive oferecer às cidades contemporâneas uma forma diferente e atrativa de habitar, se pensarmos nestes edifícios como memórias vivas da cidade.

Através deste trabalho, estudou-se diferentes estilos, formas, valores e pensamentos, assim como diferentes atmosferas celestiais. Seguiu-se por um caminho onde a experiência, aliada à análise das obras e das ideologias religiosas, deu corpo a esta dissertação.

Neste âmbito, tentou-se responder ao quesito inicial, esclarecendo de que forma os espaços dos mosteiros e dos conventos influenciariam e determinariam a vida das comunidades religiosas, tentando-se perceber se a sua arquitetura privaria estas pessoas do *mundo real* e, nomeadamente, de uma vida plena de sensações. Através desta investigação, consumou-se o princípio de que a viagem e a experiência real da obra arquitetónica são indispensáveis, pois *o mundo é um livro e aqueles que não viajam leem apenas uma página*.⁶⁰

Para se apreender um espaço real, é necessário entrar na sua intimidade e pertencer-lhe absolutamente. Isto seria impossível de acontecer sem transpormos os seus limites e sem penetrarmos profundamente no que está do lado de lá. E claro que isto implica renunciar a toda e qualquer forma de exterioridade. É o entusiasmo de viajar e visitar a obra que é preciso atrair de novo para a arquitetura. Colocar o corpo no local é fundamental para percebermos todas as complexidades de um lugar ou edifício e a viagem pode transformar-se numa experiência rica onde a própria ingenuidade e inocência do olhar se podem exponenciar.

Os arquitetos vão armazenando saberes e vivências do mundo, encontrando nos conceitos do passado ideias para o futuro. As memórias pessoais têm um papel importante na interpretação das experiências e em todo este processo de criação. Como já dizia a minha avó, quando há algo que nos emociona, essa vivência fica para sempre escondida na nossa mente. Somos a consequência das nossas experiências e a forma como usamos essas memórias pode estabelecer o vínculo entre o passado vivido - experiência - e o presente, tal como Le Corbusier fez, depois das suas viagens, ao idealizar as suas obras, tendo sempre como essência os conceitos do passado.

⁶⁰ Santo Agostinho

A História da Arquitetura pode dar respostas para os problemas atuais e, no ato de projetar, os arquitetos organizam e reinventam o antigo de outra maneira, adaptando-o ao tempo presente. Como seres intervenientes na sociedade, a musa de inspiração dos arquitetos é o mundo, a vida e o Homem. São também os elementos da natureza que devem estar na base da conceção de um projeto, tal como os cistercienses o perceberam. O Sol, a pedra, a chuva, o frio, o céu, a água e a paisagem devem ser explorados na arquitetura, tornando-a mais intensa e profunda.

O futuro a dar ao tema fica em aberto e tem-se a consciência de que ficou muito por dizer, que muitos tópicos ficaram inacabados ou por começar. O estudo dos mosteiros e dos conventos foram o ponto primordial e as sensações que aqueles nos podem transmitir são o final deste trabalho. Pois embora estas construções fiquem confinadas às interpretações de cada pessoa, não deixam de estimular os sentidos através da sua espacialidade, que deprecia indefesamente o Homem. Ao mesmo tempo que geram um espaço, uma imagem e dão resposta às necessidades funcionais e físicas dos seus habitantes, estes edifícios monásticos viabilizam a experiência do transcendente e vão muito mais além do meramente funcional, racional ou belo, criando lugares com espiritualidade, que estimulam os sentidos e originam sensações. Seguindo esta ideia, acredita-se que qualquer tipo de edifício deve ter a capacidade de gerar atmosferas mais íntimas, mais simbólicas e mais pertencentes ao Homem.

Ainda assim, compreende-se que o tema das sensações entra num universo de subjetividade. Pela simbologia e atmosfera que estes monumentos transparecem, considera-se que também deveriam existir esses lugares espirituais nas cidades, onde as pessoas se pudessem *perder* e, assim, darem asas ao pensamento e ao devaneio. Não podemos negar que estas construções nos fazem viajar no tempo e em territórios praticamente desconhecidos, com uma história única que facilmente fica esquecida. O seu valor e identidade fazem parte integrante da necessidade contínua que o ser humano tem em observar.

Creio que não cheguei a conclusões específicas e isso poderá indicar uma provável investigação no futuro. A reflexão de como a arquitetura pode comover através da sua experiência real foi, para mim, o verdadeiro desfecho desta investigação que, mesmo inacabada, me conduziu a locais inesperados e a estados de espírito únicos, que influenciarão, certamente, o meu futuro enquanto arquiteta. A compreensão dos lugares e a consequente escrita deste trabalho viabilizou-se com a vivência da viagem, que é sempre uma aprendizagem contínua e individual, e que, mesmo no fim, fica incompleta. Tal como este trabalho.

A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o viajante se sentou na areia da praia e disse: «Não há mais que ver», sabia que não era assim. O fim duma viagem é apenas o começo doutra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que já se viu, ver na Primavera o que se vira no Verão, ver de dia o que se viu de noite, com sol onde primeiramente a chuva caía [...]. É preciso voltar aos passos que foram dados, para os repetir, e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre.⁶¹

⁶¹ Saramago, J. (2011). *Viagem a Portugal* (23^a ed.). Alfragide: Caminho, p. 627

BIBLIOGRAFIA

Fontes

- Amaral, S. R. C. (2012). *Frozen music: a harmonia na arquitectura*. (Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura), Universidade de Coimbra
- Annaud, J.-J. (Realizador). (2007). *O Nome da Rosa*. [DVD]. [S.I.]: Warner Home Video
- Asplund, E. G. (2002). *Escritos/1906-1940: Cuaderno del viaje a Italia de 1913*. Madrid: El Croquis
- Barrie, J. (2004). *Peter Pan*. Porto: Público Comunicação Social
- Berlioz, J. (1996). *Monges e religiosos na Idade Média*. Lisboa: Terramar
- Braunfels, W. (1975). *Arquitectura monacal en occidente*. Barcelona: Barral Editores
- Cervantes, M. (2004). *D. Quixote de la Mancha*. Barcelona: Mediasat Group
- Coelho, A. (2012). *O céu, a pedra e a terra: os cistercienses em Alcobaça*. Batalha: CEPAE - Centro do Património da Estremadura
- Costa, F. (2006). *Conventos de freiras*. Lisboa: Ela por Ela
- Denti, G. (1988). *Le Corbusier: il convento di La Tourette*. Firenze: Alinea
- Dias, M. F. M. (2015). *Sentir tudo sem nada me ter sido explicado: experiência multissensorial na arquitectura*. (Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura), Universidade de Coimbra
- Duby, G. (1997). *São Bernardo e a arte cisterciense*. Porto: Asa
- Ferreira, F., O.S.C. (2001). *Convento do Louriçal: da profecia à actualidade* (1ª ed.). [S.I.]: F. Ferreira (Amadora: Peres, Artes Gráficas)
- Ferro, S. et al. (1987). *Le Couvent de la Tourette: Le Corbusier*. Marseille: Parenthèses.
Recuperado de <https://books.google.pt/>

- Fracalossi, I. (2012). *Questões de Percepção: Fenomenologia da arquitetura/Steven Holl*. Acedido a 19 Dez 2015. Recuperado de <http://www.archdaily.com.br/br/0118907/questoes-de-percepcao-fenomenologia-da-arquitetura-steven-holl>
- Fróis, V. (coord.). (2002). *Conversas à volta dos conventos*. Évora: Casa do Sul Editora
- Gamboias, H. F. D. (2013). *Arquitectura com sentido(s): os sentidos como modo de viver a arquitectura*. (Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura), Universidade de Coimbra
- Gomes, P. V. (2007). *14,5 Ensaios de História e Arquitectura*. Coimbra: Almedina
- Gonçalves, J. F. (2009). *A viagem na Arquitectura Portuguesa do século XX*. Acedido a 11 Dez 2015. Recuperado de <http://resdomus.blogspot.pt/2011/05/viagem-na-arquitetura-portuguesa-do.html>
- Granjo, J. M. T. A. M. (2016). *Luz, divino e arquitectura*. (Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura), Universidade de Coimbra
- Gröning, P. (Realizador). (2007). *O Grande Silêncio*. [DVD]. Lisboa: Atalanta Filmes
- Hall, E. T. (1986). *A dimensão oculta*. Lisboa: Relógio d'Água
- Jacquinet, M. L. (2013). *Dos monumentos do Desagravo do Santíssimo Sacramento: arte, poder e espiritualidade no Portugal do Antigo Regime*. (Tese de doutoramento não publicada), Faculdade Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra
- Jacquinet, M. L. (2015). Corpos de clausura. Reflexões sobre a arquitectura monástica feminina na época moderna. *digitAR*, 2, 229-237. Acedido a 21 Jan 2017. Recuperado de <http://iduc.uc.pt/index.php/digitar/article/view/2244/1480>
- Jeanneret, Ch.-E. (1993). *El Viaje de Oriente*. (2ª ed.). Murcia: Colegio Oficial de Aparejadores y Arquitectos Técnicos
- Jeanneret, Ch.-E. (2002). *Le Corbusier: Voyage d'Orient: carnets*. Milano: Electa architecture

- Jenger, J. (2002). *Le Corbusier: choix de lettres / sélection, introduction et notes par Jean Jenger*. Basel; Boston; Berlin: Birkhäuser
- Jordan, R. F. (1985). *História da arquitectura no Ocidente*. Lisboa: Verbo
- Jorge, V. F. (2012). Os Cistercienses e a água. *Revista Portuguesa de História*, 43, 35-69. Acedido a 23 Jan 2017. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10316.2/29892>
- Lancha, J. J. (2006). O olho e a mão, o desenho na primeira viagem de Le Corbusier. *Risco*, 4, 51-66. Acedido a 17 Jan 2016. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1984-4506.v0i4p51-66>
- Le Corbusier (1995). *Le Corbusier et Pierre Jeanneret: 1929-1934* (13ª ed.). Zurich: Les Editions d'Architecture
- Lencart, J. (1996). *O quotidiano monástico beneditino nos séculos XII e XIII*. Guimarães: Câmara Municipal
- Maciel, M. J. P. (1998). *As Regulae Monachorum e a arquitectura dos mosteiros na antiguidade tardia*. Porto: Centro de Estudos de Ciências Humanas
- Marques, A. M. F. (2011). *Por uma arquitectura dos sentidos: uma experiência na arquitectura multi-sensorial contemporânea*. (Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura), Universidade de Coimbra
- Marques, A. R. (2014). *O claustro enquanto lugar: A reabilitação como motor da vivência*. (Dissertação de Mestrado em Arquitectura), Universidade de Lisboa. Acedido a 5 Nov 2015. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10400.5/7172>
- Martins, A. M. T. (2006). Espaço Monástico: da Cidade de Deus à Cidade do Homem. In *Estudos em Homenagem ao Prof. Doutor José Amadeu Coelho Dias*. (Vol. 1, pp. 85-108). Porto: Edição FLUP. Acedido a 21 Jan 2017. Recuperado de <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4408.pdf>
- Morgado, D. N. (2013). *Arquitetura cisterciense: espiritualidade, estética e teologia*. Lisboa: Paulus

- Mota, E. C. S. P. (2012). *É indispensável viver: a viagem na formação do arquitecto*. (Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura), Universidade de Coimbra
- Oliveira, L. M. B. (2005). *A invenção da luz moderna*. (Tese de Doutoramento não publicada), Faculdade de Arquitectura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Acesso a 7 Dez 2016. Recuperado de 10.11606/T.16.2005.tde-27022013-124632
- Pallasmaa, J. (2006). *Los ojos de la piel: la arquitectura y los sentidos*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili
- Pallasmaa, J. (2012). *Pensamento em forma: dez ensaios sobre arquitectura*. Porto: Centro Regional das Beiras da Universidade Católica Portuguesa. Acesso a 15 Fev 2017. Recuperado de https://books.google.pt/books?id=-rPeAwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false
- Pedrosa, P. J. C. (2009). *A arquitectura das clarissas do desagravo do Convento do Louriçal*. (Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura), Universidade de Coimbra.
- Pereira, M. C. et al. (2010). *Vida e morte no Convento do Desagravo do Santíssimo Sacramento: Louriçal*. Louriçal: Junta de Freguesia
- Petit, J. (Ed.) (2001). *Un Couvent de Le Corbusier*. Paris: Les Éditions de Minuit
- Pinto, R. F. G. (2012). *Significado e emoção: a partir da arquitectura de Sigurd Lewerentz*. (Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura), Universidade de Coimbra
- Potié, P. (2001). *Le Corbusier: le Convent Sainte Marie de la Tourette*. Paris: Fondation Le Corbusier; Basel: Birkhäuser Publishers
- Rasmussen, S. E. (2007). *Viver a arquitectura*. Casal de Cambra: Caleidoscópico
- Rêpas, L. M. M. J. (2008). *O Sagrado e o Profano nos Mosteiros Femininos Cistercienses: espaços e ritos*. Torres Vedras: Câmara Municipal
- Revista comemorativa do 300º aniversário da Fundação do Convento do Desagravo do Louriçal*. (2010). Louriçal: C.

- Sá, I. G. (2011). Os espaços de reclusão e a vida nas margens. In *História da Vida Privada em Portugal*. (Vol. 2, pp. 276-299). Lisboa: Círculo de Leitores. Acedido a 27 Dez 2015. Recuperado de <http://hdl.handle.net/1822/38084>
- S. Bernardo (1983). *Apologia ad Guillelmum Abbatem*. In *Obras completas de San Bernardo*. (Vol. 1). Madrid: BAC
- Saramago, J. (2011). *Viagem a Portugal* (23ª ed.). Alfragide: Caminho
- Sequeira, M. (2014). Le Corbusier e as casas dos monges brancos. In *Anais do III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie; Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Acedido a 30 Dez 2015. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10174/12125>
- Souza, E. (2015). *Clásicos de la Arquitectura: Convento de La Tourette / Le Corbusier*. Acedido a 22 Jan 2017. Recuperado de <http://www.plataformaarquitectura.cl/cl/769035/clasicos-de-la-arquitectura-convento-de-la-tourette-le-corbusier>
- Sutton, I. (2004). *História da arquitectura no Ocidente: desde a Grécia Antiga até ao presente*. Lisboa: Verbo
- Yáñez Neira, Fr. D. & González García, M. Á. (1996). *El Monasterio de Oseira*. Léon: Edilesa
- Zumthor, P. (2006). *Atmosferas: entornos arquitectónicos: as coisas que me rodeiam*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili

CRÉDITOS

Imagens

IMAGENS

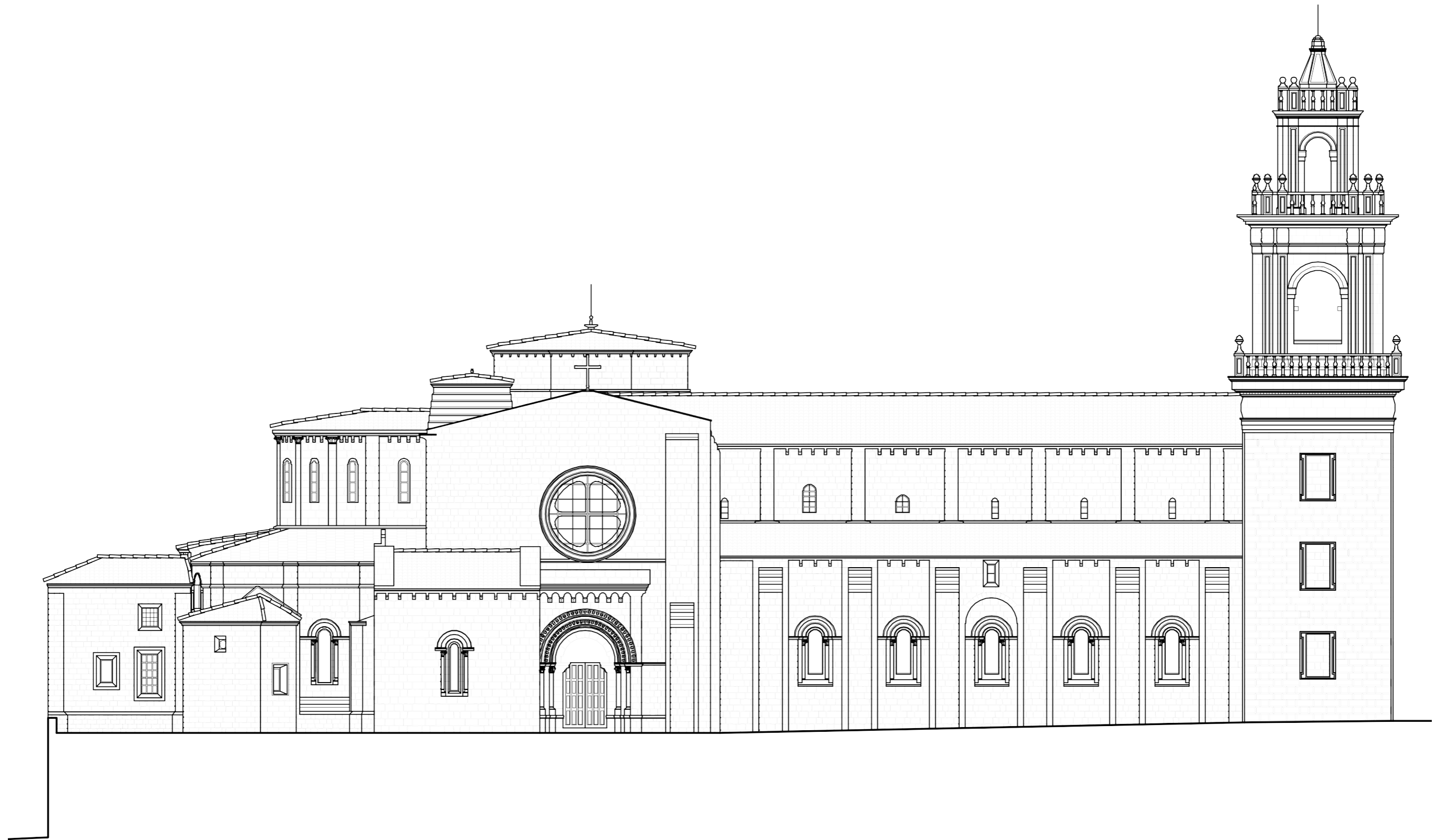
- 1| <https://images-shoptime.b2w.io/produtos/01/00/item/6810/9/6810977SZ.jpg>
[Consultada a 13 Abril 2016]
- 2| http://www.snpcultura.org/tvb_peter_zumthor_atmosferas.html
[Consultada a 23 Fevereiro 2016]
- 3| <http://www.bulhosa.pt/livro/viver-a-arquitectura-steen-eiler-rasmussen/>
[Consultada a 23 Fevereiro 2016]
- 4| <http://images.zeno.org/Kunstwerke/I/big/78p185a.jpg>
[Consultada a 21 Dezembro 2016]
- 5| <http://www.blogaboutspain.ru/wp-content/uploads/2013/02/escorial.jpg>
[Consultada a 20 Dezembro 2016]
- 6| https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/31/La_Rendici%C3%B3n_de_Granda_-_Pradilla.jpg
[Consultada a 29 Janeiro 2017]
- 7| <http://www.beaune-tourism.com/discover/chateaux-abbeyes-burgundy/cluny-abbey>
[Consultada a 21 Dezembro 2016]
- 8| *Art and Architecture*: <http://www.artandarchitecture.org.uk/images/conway/5d7201b4.html>
[Consultada a 21 Dezembro 2016]
- 9| <http://static.panoramio.com/photos/original/20339847.jpg>
[Consultada a 29 Janeiro 2017]
- 10| *Art and Architecture*: <http://www.artandarchitecture.org.uk/images/conway/0625d283.html>
[Consultada a 21 Dezembro 2016 | Composição da planta final desenhada por Mafalda Freitas]
- 11| https://1.bp.blogspot.com/_L-aIG-7AW7I/SrBT6Pu-EmI/AAAAAAAAAGFc/zliq634tMEo/s640/Gravura+de+Cluny+medieval.jpg
[Consultada a 20 Dezembro 2016]
- 12| https://pt.wikipedia.org/wiki/Bernardo_de_Claraval
[Consultada a 29 Janeiro 2017]
- 13| <https://www.awesomestories.com/asset/view/Clairvaux//1>
[Consultada a 21 Dezembro 2016]
- 14| <http://www.1902encyclopedia.com/A/ABB/abbey-11.html>
[Consultada a 21 Dezembro 2016]
- 15| <https://pt.pinterest.com/pin/73746512623076769/>
<http://fotos.miarroba.es/eadzharte/324-monasterio-cisterciense-planta/>
[Composição da planta final desenhada por Mafalda Freitas]
- 16| http://www.pliniocorreadeoliveira.info/SaoDomingos_de_Gusmao_Guzman_meditando.jpg
[Consultada a 22 Dezembro 2016]
- 17| <http://deniseludwig.blogspot.pt/2013/10/pinturas-de-sao-francisco-de-assis-arte.html>
[Consultada a 30 Janeiro 2017]

- 18| <http://www.canoneoccidentale.it/stabilitas-loci/>
[Consultada a 22 Dezembro 2016]
- 19| http://www.ufrgs.br/napead/repositorio/objetos/historia-arte/imgs/idmod/Leonardo_16.jpg
[Consultada a 30 Janeiro 2017]
- 20| <http://escritorizando.blogspot.pt/2015/12/memorias.html>
[Consultada a 19 Dezembro 2016]
- 21| <http://imaginactory.com/neverland-map/>
[Consultada a 8 Março 2016]
- 22| https://www.delcampe.net/en_GB/collectables/postcards/italy-firenze-florence/12-firenze-certosa-chiostro-centrale-frati-in-1-piano-al-retro-pubblicita-liquore-val-d-ema-64744090.html
[Consultada a 22 Dezembro 2016]
- 23| Denti, G. (1988). *Le Corbusier: il convento di La Tourette*. Firenze: Alinea
- 24| *Fondation Le Corbusier*: http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysId=13&IrisObjectId=5879&sysLanguage=en-en&itemPos=78&itemSort=en-en_sort_string1%20&itemCount=216&sysParentName=&sysParentId=65
[Consultada a 22 Dezembro 2016]
- 25| <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/2e/2d/1f/2e2d1f21cb49718325d989539364009c.jpg>
[Consultada a 22 Dezembro 2016]
- 26| <https://www.flickr.com/photos/striderv/5553171822>
[Consultada a 22 Dezembro 2016]
- 27| <http://www.theprovenceherald.fr/thoronet/>
[Consultada a 17 Fevereiro 2017]
- 28| *Art and Architecture*: <http://www.artandarchitecture.org.uk/images/conway/0b044050.html>
[Consultada a 25 Janeiro 2017]
- 29| <http://andrekoerner.e-monsite.com/pages/archi/abbaye-de-veselay.html>
[Consultada a 22 Dezembro 2016]
- 30| *Fondation Le Corbusier*: http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysId=13&IrisObjectId=4731&sysLanguage=en-en&itemPos=19&itemSort=en-en_sort_string1%20&itemCount=79&sysParentName=&sysParentId=64
[Consultada a 25 Janeiro 2017]
- 31| <https://www.petitfute.com/v33471-le-thoronet-83340/c1173-visites-points-d-interet/c925-edifice-religieux/c926-abbaye-monastere-couvent/225101-abbaye-du-thoronet.html>
[Consultada a 22 Dezembro 2016]
- 32| <https://www.flickr.com/photos/p2cl/738094303/>
[Consultada a 26 Janeiro 2017]

- 33|** <http://blog6.artphotokebek.com/3201.jpg>
 [Consultada a 22 Dezembro 2016]
- 34|** *Fondation Le Corbusier*: http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysId=13&IrisObjectId=4731&sysLanguage=en-en&itemPos=19&itemSort=en-en_sort_string1%20&itemCount=79&sysParentName=&sysParentId=64
 [Consultada a 25 Janeiro 2017]
- 35|** <https://www.petitfute.com/v33471-le-thoronet-83340/c1173-visites-points-d-interet/c925-edifice-religieux/c926-abbaye-monastere-couvent/225101-abbaye-du-thoronet.html>
 [Consultada a 22 Dezembro 2016]
- 36|** http://68.media.tumblr.com/8756753125c38d60bf41a0a4475ec901/tumblr_mu1whm1dya1rzkvg1o6_1280.jpg
 [Consultada a 31 Janeiro 2017]
- 37|** *Art and Architecture*: <http://www.artandarchitecture.org.uk/images/conway/18308db3.html>
 [Consultada a 25 Janeiro 2017]
- 38-39|** Fotografias da autora
 [Mafalda Freitas]
- 40|** <http://www.mosteirodeoseira.org/historico/historico.html>
 [Consultada a 24 Fevereiro 2016]
- 41|** Fornecido pela Escola Técnica Superior de Arquitectura - Universidade da Coruña
 [Composição da planta final desenhada por Mafalda Freitas]
- 42|** <http://www.panoramio.com/photo/48988111>
 [Consultada a 13 Janeiro 2017]
- 43-123|** Fotografias da autora
 [Mafalda Freitas]
- 124|** <http://www.mosteirodeoseira.org/comunidad/monje.html>
 [Consultada a 25 Janeiro 2016]
- 125-142|** Fotografias da autora
 [Mafalda Freitas]
- 143|** <https://www.facebook.com/mosteiro.cisterciensedeoseira/photos/a.794276310658533.1073741828.768019386617559/1096915480394613/?type=3&theater>
 [Consultada a 22 Maio 2016]
- 144-148|** Fotografias da autora
 [Mafalda Freitas]
- 149|** Yáñez Neira, Fr. D. & González García, M. Á. (1996). *El Monasterio de Oseira*. Léon: Edilesa
- 150-153|** Fotografias da autora
 [Mafalda Freitas]

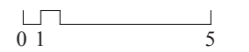
- 154**| <http://www.mosteirodeoseira.org/monasterio/interiores.html>
[Consultada a 25 Janeiro 2016]
- 155**| *SIPA*: http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8ea4-4aa2-96d9-994cc361eaf1
[Consultada a 17 Novembro 2016 | Composição da planta final desenhada por Mafalda Freitas]
- 156-158**| Fotografias da autora
[Mafalda Freitas]
- 159**| http://ecofreguesias21.abae.pt/wp-content/uploads/2015/02/2_Convento-e1423567377653.jpg
[Consultada a 20 Janeiro 2017]
- 160-204**| Fotografias da autora
[Mafalda Freitas]
- 205**| <http://render-arquitectura.com/render-concurso-arvo-part-centre>
[Consultada a 3 Fevereiro 2017]
- 206**| http://professorathaiscoutinho.blogspot.pt/2013_04_01_archive.html
[Consultada a 17 Dezembro 2016]
- 207-208**| Fotografias da autora
[Mafalda Freitas]
- 209**| <http://imong.com.br/wp-content/uploads/2015/09/perdaauditiva.jpg>
[Consultada a 27 Março 2016]
- 210**| http://www.debussy.fr/icono/debussy_fontaine.jpg
[Consultada a 8 Março 2016]
- 211-212**| Fotografias da autora
[Mafalda Freitas]
- 213**| <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/84/03/02/840302ee095ddda9fc7a7131f38cf817.jpg>
[Consultada a 28 Março 2016]
- 214**| https://www.facebook.com/pg/vm.followers/photos/?tab=album&album_id=347078768738383
[Consultada a 9 Março 2016]
- 215-216**| Fotografias da autora
[Mafalda Freitas]
- 217-220**| Desenhos fornecidos pela Escola Técnica Superior de Arquitectura - Universidade da Coruña
- 221**| *SIPA*: http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8ea4-4aa2-96d9-994cc361eaf1
[Consultada a 17 Novembro 2016 | Composição da planta final desenhada por Mafalda Freitas]

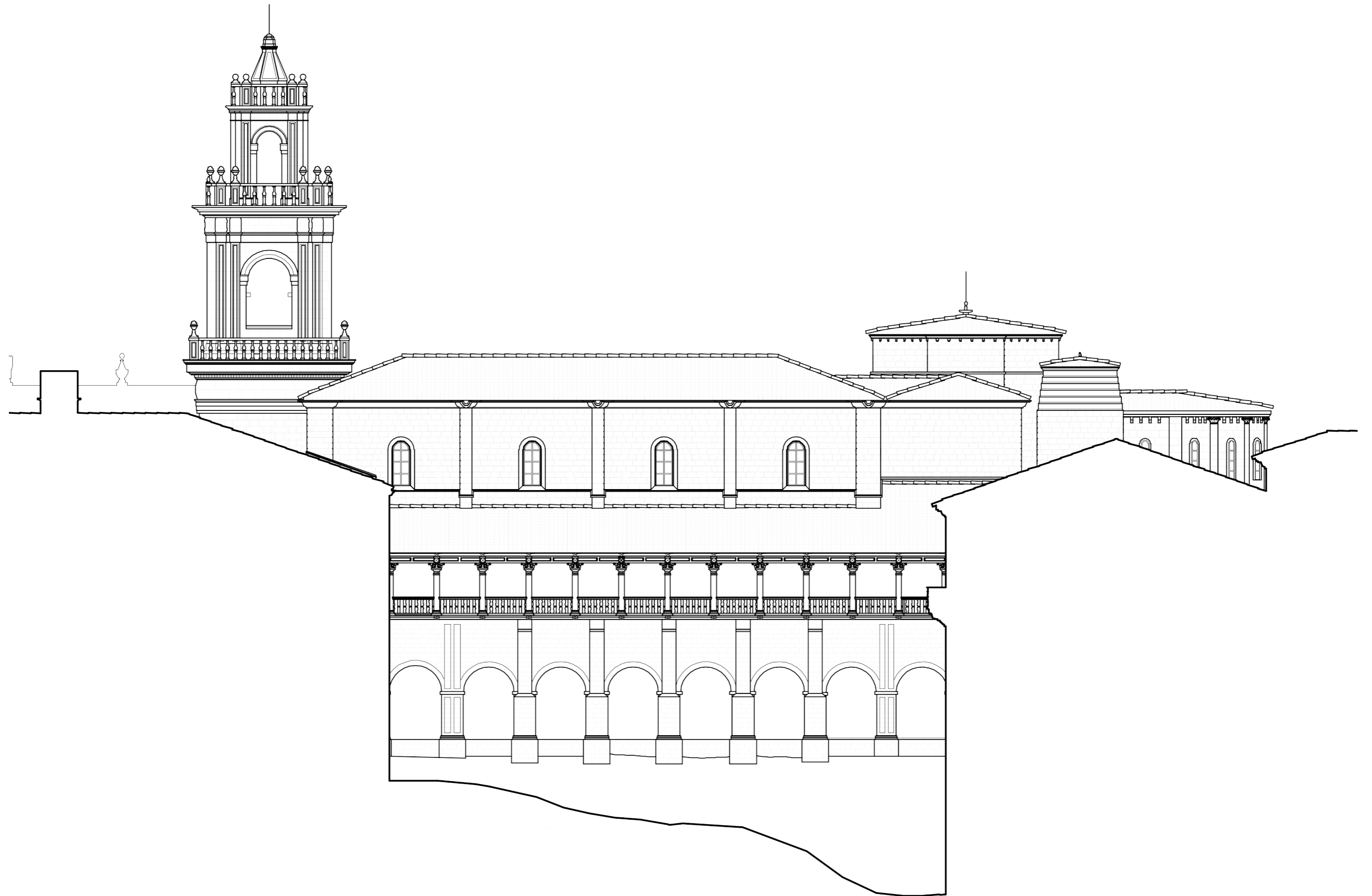
ANEXOS



217.

Alçado Norte da igreja do Mosteiro de Santa María La Real de Oseira [Ourense, Espanha]

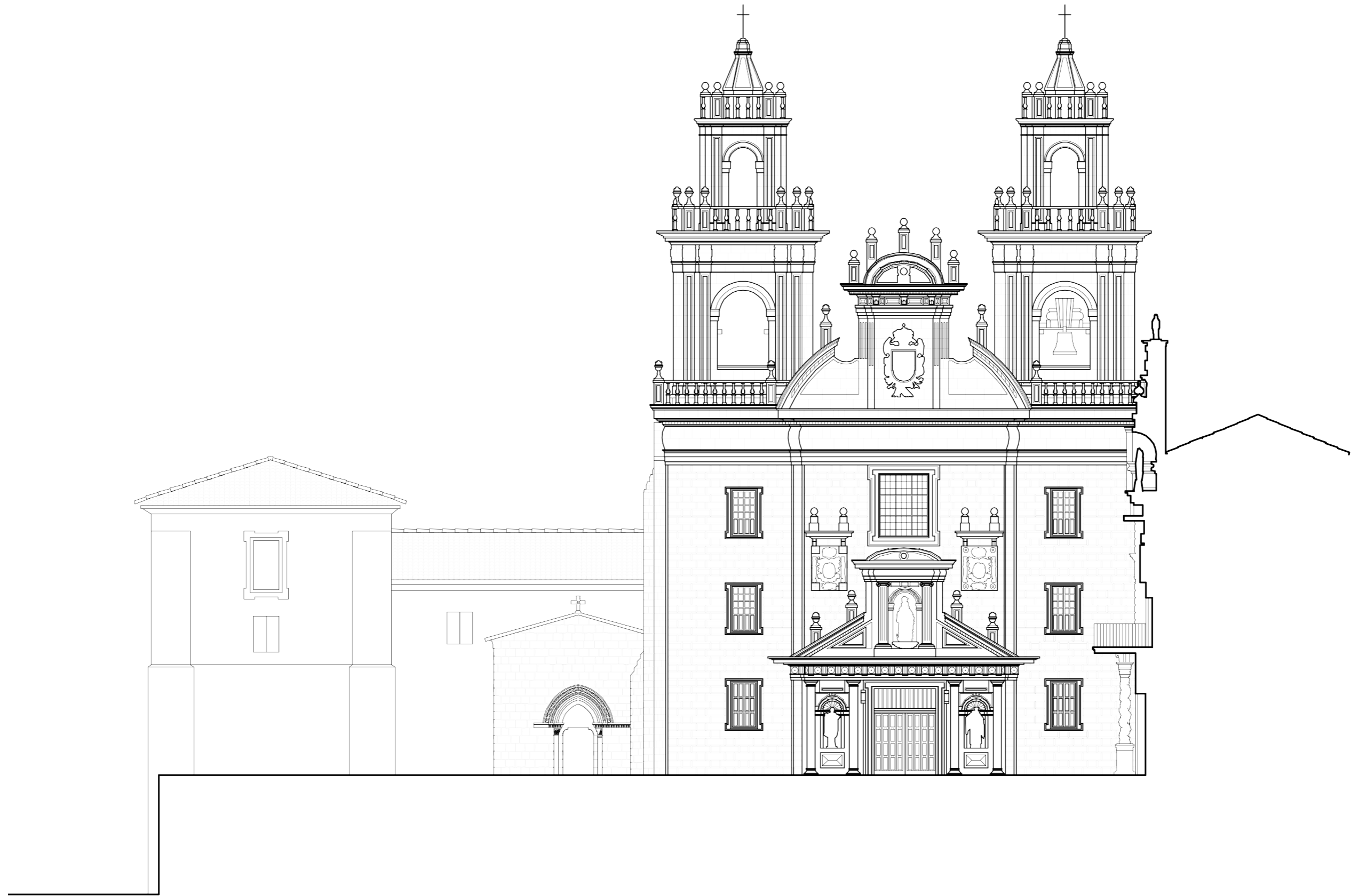


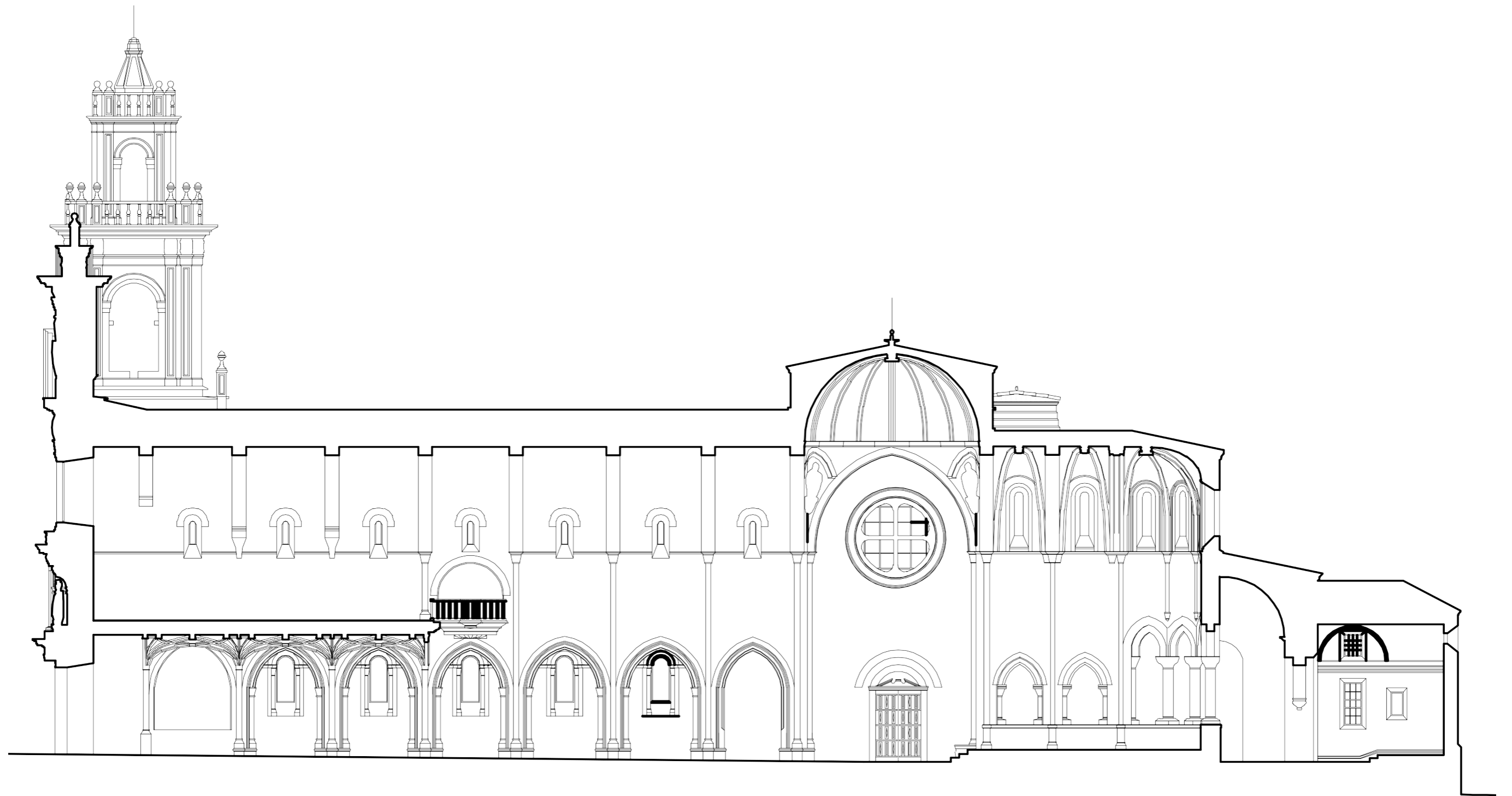


218.

Alçado Sul do *Claustro del Solarium* do Mosteiro de Santa María La Real de Oseira [Ourense, Espanha]

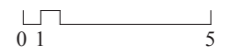
0 1 5

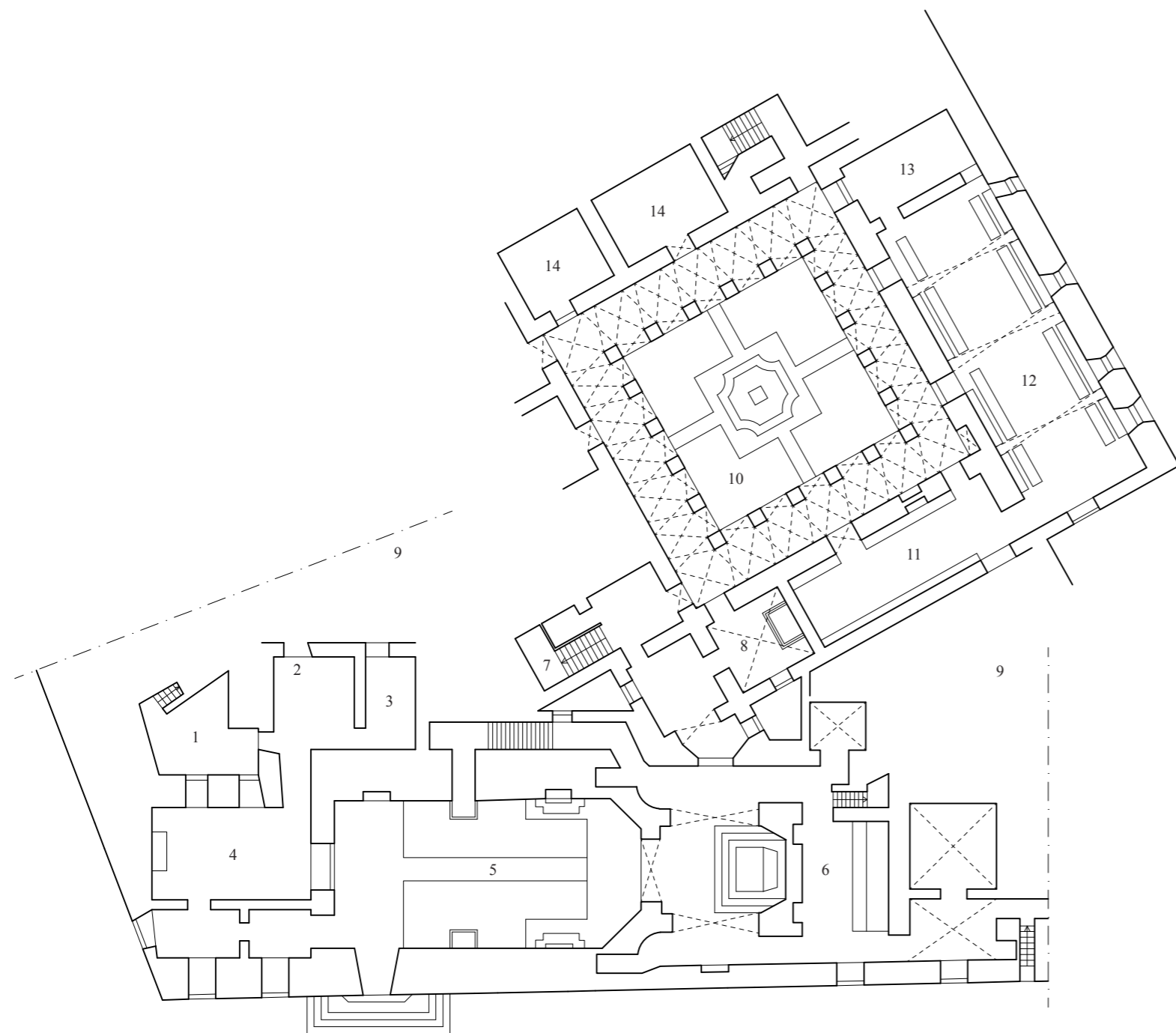




220.

Corte longitudinal a passar pela igreja do Mosteiro de Santa María La Real de Oseira [Ourense, Espanha]





- 1 Pátio
- 2 Casa (antigas dependências da casa da fundadora)
- 3 Ossário
- 4 Coro baixo
- 5 Igreja
- 6 Sacristia
- 7 Escada Conventual
- 8 Capela do Senhor dos Passos
- 9 Zonas conventuais
- 10 Claustro
- 11 *De Profundis* (oratório)
- 12 Refeitório
- 13 Cozinha
- 14 Anexos



APÊNDICE

[Entrevista traduzida pela autora]

Mafalda Freitas – Quem são os Cistercienses e o que é ser monge nos tempos atuais? O que é que o atraiu na Ordem de Cister?

Padre Alfonso – Os Cistercienses são uns monges pertencentes à grande família beneditina fundada por São Bento de Núrsia, no século VI d.C.. Nos finais do século XI, no ano de 1098, um grupo de monges beneditinos, que desejavam viver a Regra de São Bento de uma forma mais radical, fundaram a Ordem de Cister, em França. Um monge, tanto agora como antigamente, é um homem que não quer antepor nada ao amor de Cristo. É um homem que procura incansavelmente Deus, um peregrino, um Nómada em busca do Absoluto. Creio que o que me atraiu na Ordem Cisterciense foi o equilíbrio entre a oração, a leitura da Palavra de Deus e o trabalho manual, num ambiente de solidão, simplicidade e silêncio.

MF – O que significam os outros monges para si?

PeA – São pessoas que procuram Deus por outros caminhos. Todos subimos e escalamos a montanha, mas por diferentes lados.

MF – Como todas as pessoas, cada um dos monges tem o seu carácter e forma de ser. É difícil viver em comunidade?

PeA – Claro que é difícil, mas há algo de belo nesta vida que não seja difícil? O amor de Deus e a Sua graça torna-o mais fácil e suportável.

MF – Considera o Mosteiro como a sua casa, o seu lar?

PeA – O Mosteiro é a casa de Deus e a nossa casa, o nosso lar. *Dichosos los que viven en tú casa, Señor; alabándote siempre.* (Salmo 83, 5.) Que bem se está nesta casa. Quando saio.... Que alegria quando volto!

MF – Como é que os edifícios podem condicionar a vida dos monges?

PeA – Os edifícios amplos, simples e belos como a paisagem, fazem-te viver noutra dimensão e admirar as pessoas, os animais e as coisas com outros olhos.

MF – Os diferentes espaços do Mosteiro, além de terem um sentido funcional, adquirem também um significado simbólico. Quais são os mais importantes na vida quotidiana dos monges?

PeA – A Igreja e a Capela são os lugares privilegiados do Mosteiro, onde os monges cantam e louvam a Deus. São o pulmão e o coração do Mosteiro. São espaços criados e construídos para cantar, com uma ressonância especial e uma acústica perfeita. O espírito e a alma alimentam-se, de um modo especial, dos sacramentos da liturgia simples e digna. O órgão serve apenas de apoio à voz, que ora e canta desde o fundo do coração. O escritório é o lugar onde lemos em comunidade, cada um na sua mesa, as Sagradas Escrituras. É um lugar de absoluto silêncio, tal como a Igreja. Deus fala-nos através da Sua Palavra e nós escutamola com o coração e respondemos-Lhe. O refeitório ou *comedor* é também um lugar de encontro fraterno. Deus alimenta-nos cada dia com os frutos da terra. Assim, repomos a nossa energia para melhor O servirmos e louvamos. Comemos em silêncio e escutamos o leitor que lê um troço da Bíblia, que é um livro enriquecedor para a alma. Todo o nosso ser se alimenta. O lugar de trabalho de cada um é também muito importante, pois todos sabemos que a ociosidade é a mãe de todos os vícios. O trabalho é uma benção de Deus. Prolongamos a Sua tarefa da Criação, enquanto nos mantemos e ajudamos os outros.

MF – Nos corredores do Mosteiro senti que havia sempre uma atmosfera de silêncio. Senti que me levavam sempre a algum lado, como se fossem um caminho. Os corredores também simbolizam esse sentido do caminho, o caminho da vida?

PeA – O claustro e as suas galerias têm um papel muito importante, já que comunicam com os diversos espaços sagrados. Neste Mosteiro tão vasto, caminhamos sempre em peregrinação. A vida é movimento, caminho, peregrinação simbólica para uma outra realidade, um outro horizonte, uma outra pátria para além da morte.

MF – Quando fui ver o *Solarium*, senti que estava no paraíso e que era um privilégio poder ver aquela paisagem. Como se sente quando lá vai?

PeA – Quando já levava quase dois meses como guia turístico, antes de me tornar monge, um dia deram-me permissão para ver o *Solarium*. Fiquei encantado e, desde então, chamei-o de *uma das entradas do paraíso*. A qualquer hora do dia e em qualquer estação do ano consegue enfeitiçar-te e faz-te exclamar como o salmista: *Señor, yo amo la belleza de tu casa, el lugar donde reside tu gloria*. (Salmo 25, 8.) E a obra de Deus deixa pequenas e insignificantes todas as obras dos homens.

MF – Não acha que na vida monástica pode correr-se o perigo de que os dias se tornem repetitivos e monótonos?

PeA – Não, de todo. Isso é uma fantasia que se pensa lá fora. Todos os dias trazem uma novidade que lhes dá uma cor diferente.

MF – O silêncio reina em todos os espaços do Mosteiro. Os monges costumam falar entre si em algum momento do dia, como por exemplo em algum tempo livre?

PeA – Não há intervalos de tempo destinados a conversar. Se é necessário dizer algo a outro monge, aborda-se e procura-se ser breve e falar em voz baixa. Em ocasiões especiais, como por exemplo o aniversário de um monge, falamos durante o almoço do meio-dia e até bebemos um café.

MF – Porque é que a alternância entre a oração e o trabalho é essencial para uma vida equilibrada?

PeA – A oração é um descanso em Deus. Falamos com o nosso Pai e descansamos nele, sossegadamente. São momentos serenos de quietude que compensam o cansaço do trabalho. A nossa vida é muito equilibrada, porque alterna, várias vezes ao dia, a calma da oração com o trabalho. No mundo lá fora, trabalha-se demasiado para comprar muitas vezes coisas inúteis e supérfluas.

MF – Que tem Oseira de especial? Como pode este lugar fazer com que os monges alcancem um nível superior, divino, muitas vezes inacessível para a maioria das pessoas?

PeA – Oseira é uma reserva única pela natureza, pelo silêncio, pela quietude, pela arte e pela paz. Não existem escolas, nem comércio, nem bancos, nem farmácia, nem agitação de crianças. É uma paisagem exterior que nos faz descobrir as paisagens misteriosas do nosso interior mais profundo, onde habita a Trindade. Faz-te exclamar como o poeta:

*Mi soledad se ha vuelto en mi sonora,
y a todo lo de dentro me encadena.
Mi soledad se ha vuelto en mi sonora
Sonora y seductora
Con un temblor de pena
o de alegría,
qué mi silencios llena
y a cuya vibración de alma mía
resuena.....
(Ramón Castelltort)*

MF – Há uma grande sedução em não deixar que o tempo seja ocupado pelos aspetos consumistas da sociedade, tais como: *estou suficientemente bem vestido?* ou *vou ganhar dinheiro suficiente?*. Mas tudo isto é uma perda de tempo, não é? A vida monástica dá aos monges a liberdade de se esquecerem de tudo isto e dá-lhes tempo para pensar no que realmente importa?

PeA – As necessidades básicas do ser humano devem estar equilibradas. A comida, a roupa e o descanso são necessários, mas com moderação e nunca em detrimento dos valores espirituais. Os nossos hábitos são simples e dignos, duram muitos anos. A nossa alimentação é igualmente equilibrada. Existem muitas pessoas que trabalham e vivem a pensar só na comida, nos armários cheios de roupa e em viajar em carros de luxo. Não são felizes. A vida é muito simples, precisa-se de muito pouco para se ser feliz.

MF – Se lhe dessem a oportunidade de se mudar para outro lugar, fá-lo-ia?

PeA – Mas existe melhor que Oseira? Com este silêncio, paz, beleza e natureza? Não creio. Se te referes a comodidades, faz anos que as deixei para trás. Não o faria.

MF – Mudava alguma coisa no Mosteiro?

PeA – Várias pessoas me têm dito: dão-se conta do lugar privilegiado em que vivem? Creio que está respondido.

MF – Para si qual é a função da religião nos tempos atuais?

PeA – A mesma função que teve sempre, unir o Homem a Deus, que é a origem e a fonte da felicidade, que todos buscamos sempre. Recordo as palavras de um homem que procurava Deus:

*Mi vida entera no ha sido más
Qué una larga búsqueda de Dios.*

*Por todas partes, siempre, a todas horas
He buscado su huella y su presencia.*

*La muerte no será para mi más
Que un maravilloso encuentro.*

(G. de Larigaudie)

MF – No meio deste mundo caótico, onde no dia a dia das pessoas o tempo passa a correr, os Mosteiros são um património que deve ser preservado?

PeA – Os Mosteiros são oásis de paz e silêncio num mundo cada vez mais *stressado* e ruidoso. São lugares privilegiados para nos encontrarmos e nos conhecermos a nós mesmos, aos outros e a Deus. Algumas pessoas confessaram-me que, à medida que se aproximam do Mosteiro, inclusive a quilómetros de distância, se vão apercebendo da energia positiva e pacífica que irradia.

MF – Julga que é importante para os arquitetos conhecer melhor estes edifícios monásticos? Como podiam estas construções ajudar os arquitetos a projetar lares?

PeA – Um arquiteto tem que ser um grande observador e conhecedor da arte e da natureza. São Bernardo dizia, no século XII, que se aprende mais a contemplar as árvores de um bosque do que nos livros eruditos. É bom manter o equilíbrio. Nós, pessoas, necessitamos de um espaço vital, não podemos viver apertadas como sardinhas em lata. Alguns prédios são desumanos.

MF – Li que o Padre Alfonso, antes de se tornar monge, foi enfermeiro em Sevilha. A vida monástica é uma escolha de vida livre e pessoal. É mais complicado viver agora esta vida, quando antes já se tinha habituado a certas comodidades, tais como ter o seu carro, o seu telemóvel, o seu trabalho e os seus *hobbies*? Julga que a construção austera do Mosteiro ajuda a romper com estas comodidades?

PeA - *El Reino de los Cielos se parece a un tesoro escondido en un campo, que al encontrarlo un hombre, lo vuelve a esconder y por la alegría que le da, va, vende todo lo que tiene, y compra aquel campo.* (Mateo Mt 14, 44) No Mosteiro de Oseira encontrei o Amor da minha vida, a Deus. E quando se está apaixonado é mais fácil deixar tudo para trás.

MF – É feliz, aqui, no Mosteiro?

PeA – Muito feliz.

*El Monje está separado de todo, pero
Unido a todo
Impasible, pero de una sensibilidad soberana
Divinizado, se considera el desperdicio del mundo.
Y por encima de todo,
Es feliz, divinamente feliz.
(Evagrio Póntico-Siglo III)*